

REVISTA | EDIÇÃO Nº 131 | MAIO DE 2026

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

**ENTREVISTA COM
HERON ROBLEDO:
UM CONTADOR DE
HISTÓRIAS FELIZES.**

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Distribuição Gratuita

**E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS,
POEMAS, ENTREVISTAS E
DICAS PARA LEITURA**

O AUTOR BRASILEIRO COM MAIS DE 70 TÍTULOS PUBLICADOS



SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Heron e Moça na Biblioteca - Foto divulgação



6

HERON ROBLEDO é um autor prolífico, com mais de 70 obras, conhecido por transitar entre diferentes gêneros e por sua visão crítica e disciplinada da escrita. [...]

Confira + na **pág. 06**



SAIBA+

- > Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)
- > Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)



Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068



CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: @conexaoliteratura



Instagram: @revistaconexaoliteratura



Youtube: @conexaonerd



E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

Expediente	pág. 02
Editorial	pág. 04
Patrocinadores da Revista Conexão Literatura	pág. 05
Entrevista exclusiva com Heron Robledo	pág. 06
Patrícia Highsmith, a poeta da apreensão, por Gilmar Duarte Rocha	pág. 23
Poema: Eufemismos, por Mirian Menezes de Oliveira	pág. 28
O epistemicídio à margem: educação, pretuguês e o entre-lugar literário de Carolina Maria de Jesus, por José Flávio da Paz e Hiago de Paiva Cardoso ..	pág. 30
Cordel: Padre Spadoni e o bicho chifrudo, por Ademir Pascale	pág. 38
Poema: Conversa com Mamãe, por Sellma Luanny	pág. 40
Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny	pág. 42
Dica de Leitura	pág. 46
Poema e Música: Vogais, umas e outras, por Jaff Silva	pág. 48
Pequena análise do romance Lucíola de José de Alencar, por Max Moreira	pág. 51
A importância da leitura na primeira infância, por Potiara Cremonese	pág. 55
Poema: Traço Rasgado, por Raul Schaefer Filho	pág. 60
Crença na educação, por Adriano Rosa da Silva	pág. 63
Poema: Poder sonhar com estrelas, por Edmar O. Santos	pág. 75
Degraus de vida, por Mônica Palacios	pág. 69
Meia-noite e a energia enigmática das pombogiras, por Aline Lourenço ...	pág. 73
A dramaturgia do real e a reivindicação da identidade [...], por José Flávio da Paz e Hiago de Paiva Cardoso	pág. 78
Poema: À moda antiga: Elegia ao dilúculo, por Eva Maria Z. Griep	pág. 84
Poema: Como te amei, por Roberto Ferrari	pág. 86
Camelot da Távola Redonda, por Flávio Joppert	pág. 87
Entrevista exclusiva com Raquel Fiori	pág. 93
Citações de grandes autores	pág. 100
Conto: Era uma vez... um polaco, por Clarissa Machado	pág. 104
Conto: O bilhete premiado, por Idicampos	pág. 111
Conto: Pai Vitor e Vitinho, por Iraci J. Marin	pág. 117
Conto: Redenção, por Ivana T. Souza	pág. 121
Conto: O lugar do afeto, por Luciana Simon de Paula Leite	pág. 124
Conto: Caçador de Sacis, por Ney Alencar	pág. 129
Conto: Por trás do alvorecer, por Roberto Schima	pág. 133
Colecione	pág. 141
Baixe as edições anteriores	pág. 143
Mídia Kit	pág. 145
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura	pág. 146

EDITORIAL

Caros leitores,

Maio chega como um convite à reflexão. Em um tempo marcado pela pressa e pelo excesso de informações, parar para ler tornou-se quase um ato de resistência. E é justamente esse hábito que a Revista Conexão Literatura busca incentivar a cada nova edição. O Brasil precisa de leitores. Precisa de pessoas capazes de interpretar, questionar e compreender melhor o que leem. A leitura amplia a visão de mundo e fortalece o pensamento crítico, algo essencial nos dias de hoje. Incentivar esse hábito não é apenas uma questão cultural, mas uma necessidade.

A revista segue com o propósito de dar visibilidade a autores, divulgar obras e abrir espaço para a literatura. Mas esse trabalho também depende de você, leitor. Indicar livros, compartilhar conteúdos e incentivar outras pessoas a ler fazem parte desse movimento.

Nesta edição, destacamos na capa o escritor Heron Robledo, autor de uma trajetória sólida, com mais de 70 obras publicadas e atuação em diferentes gêneros. Na entrevista, ele compartilha seu processo criativo, sua disciplina na escrita e uma visão crítica sobre o uso da tecnologia na literatura, reforçando a importância da autoria e da originalidade.

Que esta edição de maio seja um convite à leitura e à reflexão. A literatura continua sendo um dos caminhos mais importantes para compreender melhor o mundo.

Boa leitura.

Para saber como participar da nossa edição de junho/2026, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.



Ademir Pascale

ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



EDITORIAL

“

*A leitura amplia a visão de mundo e fortalece o pensamento crítico, algo **essencial** nos dias de hoje.*

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS
PATROCINADORES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Graças ao apoio desses parceiros, seguimos conectando autores, histórias e leitores. Conheça quem acredita e investe na literatura!



**Joaquim Cândido
de Gouvêa**

Instagram:
[@joaquimgouvea_](https://www.instagram.com/joaquimgouvea_)



**Casa Brasileira
de Livros**

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:

<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



**Luciana Simon de
Paula Leite**

Instagram:
[@lucianasimonleite](https://www.instagram.com/lucianasimonleite)



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser adquiridos
pelo link: encurtador.com.br/igdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: [@gilmarduarterocha](https://www.instagram.com/gilmarduarterocha)



**Clarissa Xavier
Machado**

Instagram: [@clarissaxmachado](https://www.instagram.com/clarissaxmachado)



Jaff Silva

Youtube: [@Jaffkamphorst](https://www.youtube.com/@Jaffkamphorst)
Instagram: [@jaffkamphorst](https://www.instagram.com/jaffkamphorst)

“

*A literatura transforma.
Apoie, incentive
e faça parte dessa
corrente de palavras
e ideias!*



APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA
E FAÇA PARTE DESSE TIME.

SAIBA COMO:

CLIQUE AQUI



Entrevista com Heron Robledo

POR ADEMIR PASCALE

Ademir Pascale: Heron Robledo. Obrigado por ter arranjado um tempinho para nos atender.

Minha primeira pergunta é sobre um assunto de interesse de autores. Você faz uso de Inteligência Artificial nas suas obras?

Heron Robledo: Sim. Mas com muitas restrições. As IA's não estão nem perto de serem úteis, não apenas para autores mas para todos cuja atividade demande tempo, precisão, ineditismo e criatividade. Então, vou responder a essa pergunta em três partes:

1. Estágio atual da IA's:

O desempenho, fluidez e precisão das IAs dependem de uma coisa que os especialistas chamam de "token". Um token equivale a uma palavra, tanto na pergunta quanto na resposta. A quantidade de tokens que você pode usar em uma única conversa depende do tipo de assinatura que você comprou. Mas, mesmo com uma assinatura que ofereça, digamos, 10 milhões de tokens, a IA pode falhar miseravelmente, porque sua capacidade de processar esses tokens depende de uma série de fatores. E o principal fator é sua capacidade de memorizar tanto uma pergunta longa quanto uma resposta longa.



HERON ROBLEDO – FOTO DIVULGAÇÃO

MAIS QUE UM AUTOR

Heron Robledo construiu uma trajetória singular na literatura, reunindo mais de 70 obras que transitam entre diferentes gêneros, do realismo fantástico a textos técnicos e reflexivos. Com um processo criativo intenso e disciplinado, muitas de suas histórias nascem de ideias já estruturadas, desenvolvidas com rapidez e precisão, refletindo sua experiência como escritor e engenheiro de software.

Com leitores em diferentes partes do mundo e uma produção marcada pela diversidade temática, Heron se destaca pela defesa da autoria original e pelo compromisso com a escrita como expressão genuína. Sua obra reforça o valor da literatura como espaço de criação, reflexão e conexão com o leitor.

Sua visão crítica sobre o mercado editorial e as tecnologias atuais também contribui para um debate relevante entre autores e leitores.

Mas também precisamos entender como as IA's funcionam.

O que as IA's fazem é buscar por padrões que correspondam à sua pergunta. Quer dizer, ela procura em um grande banco de dados indagações semelhantes à que você fez. E a resposta é, geralmente, uma resposta padronizada que não atende o que você precisa, mesmo que a pergunta feita seja clara e detalhada. É por isso que existem milhões de vídeos no YouTube cuja narração de vozes sintetizadas sempre começam com uma pergunta: “Você já se imaginou...”. Ou “Você já pensou que...”. Ou “Você já se perguntou...”. O que isso quer dizer? Quer dizer que um monte de gente “aceitou” a resposta a uma determinada pergunta e ela, a IA, registrou como verossímil, como padrão. Enfim, burocracia nota dez. Criatividade nota zero. Ineditismo nota menos um.

2. Inteligência Artificial para Autores.

Minha experiência no uso de IA como autor é péssima. Eu trabalhei no projeto do BARD, que hoje conhecemos como GEMINI, e sei como as IA's funcionam. Eu uso a IA para, além de pesquisas, duas outras coisas: revisar o texto para identificar possíveis erros e validar traduções. Jamais peço para a IA criar um texto porque o resultado será a cópia da cópia mal acabada de algum padrão.

Os resultados, de maneira geral, são desanimadores, decepcionantes e frustrantes.

Atente para este exemplo catastrófico: eu acompanhei a chegada do homem à Lua na nave Apollo 11, quase que simultaneamente. “Quase” porque nosso país ainda não dispunha de serviços de telecomunicação por satélite – o que só veio a ocorrer na transmissão da Copa do Mundo de Futebol de 1970. Mas colecionei, durante seis meses, fascículos editados pela Editora Abril que vinham encartados na revista Veja que, depois de encadernados, se tornou um livro lindo e todo ilustrado chamado “A CONQUISTA DA LUA”. O último fascículo foi publicado no dia seguinte ao dia do pouso da Apollo 11. E a manchete de capa da Veja foi “CHEGARAM”.

Por óbvio, e por ser uma das poucas pessoas ainda vivas que tiveram o privilégio de acompanhar ambas as viagens tripuladas, tanto da Apollo 11 quanto da Artemis II, queria saber qual o horário previsto para o retorno; o pouso da Artemis II no mar.

“Jamais peço para a IA criar um texto porque o resultado será a cópia da cópia mal acabada de algum padrão. Enfim, burocracia nota dez. Criatividade nota zero. Ineditismo nota menos um.”



“QUANDO IMAGINO UMA HISTÓRIA, ELA JÁ TEM COMEÇO, MEIO E FIM. ÀS VEZES ATÉ CONSIGO VISUALIZAR A CAPA DO LIVRO. ATO CONTÍNUO, SENTO E ESCREVO ATÉ TERMINAR.”

HERON ROBLEDO



Pergunta para o ChatGPT: qual o horário previsto do pouso da Artemis II?

Resposta: o pouso está previsto para as 16:00, horário de Brasília.

Eu: mas já são 19 horas em Brasília.

Resposta do ChatGPT. Você está coberto de razão. A Artemis II só será lançada entre 2025 e 2026.

Eu: chega!

[risos]

A culpa para esses problemas é da capacidade - ou da falta dela - de processamento e memorização.

Para nós, que pagamos pelo serviço, a conclusão é que não dá para confiar nas IA's, que são, para se dizer o mínimo, meros protótipos.

Quer fazer um teste?

Pergunte para a IA: preciso levar meu carro, para lavar, ao lava rápido, que fica a 50 metros da minha casa. Qual a maneira mais econômica de fazer isso.

Copilot: para se locomover por apenas 50 metros, tire o carro da garagem e empurre até o lava rápido.

ChatGPT: vá a pé.

[mais risos]

Gemini: ligue o carro, saia da garagem e dirija até o lava rápido.

Nos meus livros THE W.A.Y PROTOCOL e O ÚLTIMO LIVRO DE PAPEL, eu submeti ambos, um capítulo de, aproximadamente, 6 páginas de cada vez ao Gemini e ao ChatGPT e pedi que procurassem por erros gramaticais, concordância, digitação, etc., passando o texto revisado de uma IA para outra. Quer dizer, submeti o texto já validado do ChatGPT para o Gemini e vice-versa.

Confiei que elas fariam um bom trabalho. Mas quando as provas impressas chegaram, peguei mais de 20 pequenos erros em cada um dos livros.

Então, autor e autora, não confie nas IA's. Nada substitui uma banca de revisão de uma editora. Nada substitui o trabalho de um bom tradutor profissional. Mas se os custos são proibitivos, imprima seu manuscrito e leia meia dúzia de vezes e faça sua própria revisão.

3. IA para Desenvolvedores de Software.

Como você sabe, eu sou engenheiro de software. A IA tem ajudado muito no meu trabalho, reduzindo o tempo de programação para um terço do que

era. Mas é preciso ter “vocabulário de programador” e ter experiência com as linguagens de programação que se utiliza para, dessa maneira, detectar as falhas antes de utilizar um código de programação gerado por IA porque elas consertam uma coisa e estragam outras.

No mês passado, terminei um aplicativo inédito para emissão de notas fiscais eletrônicas que roda 100% no navegador de Internet e os dados ficam no computador do usuário, sem nenhum compartilhamento em nuvem. O programa resultou em mais de 6000 linhas de códigos. Até as primeiras 1000 linhas o resultado foi bom. A partir daí tive de conferir linha por linha, função por função, porque havia erros em 80% delas.

Resumindo, a IA não vai substituir os bons autores realmente criativos, nem os tradutores e, muito menos, os bons programadores, ao menos no médio prazo.

Ademir Pascale: Você é um autor que tem mais de 70 títulos publicados. Mas não é muito conhecido no Brasil.

Heron Robledo: É verdade. Quando iniciei minha carreira como escritor, optei por focar no mercado de falantes de português e espanhol – eu

sou, também, cidadão espanhol – dentro dos Estados Unidos. E aqui há uma questão sobre a estratégia de “como se chegar ao leitor”. Dada a facilidade e abrangência oferecida pela amazon.com, optei por ela. Tanto que meus livros já foram comprados por leitores do mundo inteiro. E só para não deixar de mencionar, meus livros também estão disponíveis no Clube de Autores e na UICLAP. E o que eles fazem? Vendem na Amazon.

Outra estratégia que adotei foi construir, antes de me expor no Brasil, uma obra vasta o bastante para agradar os mais diferentes tipos de leitores e ser conhecido como um autor eclético. Quero dizer, a maioria dos autores escreve sobre um único gênero. Ou apenas romances, ou apenas realismo mágico, e assim por diante. Por fim, o mercado literário no Brasil é um dos mais difíceis de se obter êxito porque tem “mais cacique do que índio”, se é que você me entende. É quase como afirmar que, no Instagram, tem mais perfis de escritores do que de leitores.

Minha recomendação, para novos autores, é que só devem se lançar ao mercado literário depois que tiverem, no mínimo, dez obras prontas, porque isso ajuda a alavancar seu perfil na Amazon.



PodCast Ademir e Heron - Foto divulgação

Ademir Pascale: Eu sei que você escreve, de fato, obras que vão do realismo fantástico aos guias puramente técnicos, passando por humor e crônicas, por exemplo. Mas, antes de falar sobre os livros, gostaria de saber como funciona seu processo criativo.

Heron Robledo: Essa é uma excelente pergunta, Ademir, merecedora de uma resposta idem.

Eu possuo uma condição que os músicos chamam de “ouvido

absoluto”, quase absoluto, no meu caso, porque não nasci com o dom; fui treinando meu ouvido ao longo dos anos. Essa condição me dá a capacidade de ouvir uma canção e distinguir cada instrumento e o que eles estão tocando. É como se as partituras flutuassem na minha frente. Eu também sou capaz de “escrever” uma canção mentalmente e, em seguida, executar no violão, que toco razoavelmente ou ao piano, que toco miseravelmente.

O mesmo se aplica aos livros. Quando imagino uma história, ela já tem começo, meio e fim. Às vezes até consigo visualizar a capa do livro. Ato contínuo; sento e escrevo até terminar. Várias das minhas histórias nasceram assim e muitas delas foram escritas em dois ou três dias. Essa é a razão de eu ter tantos títulos.

Mas, devo dizer, que eu também cuido de todo o processo da confecção dos livros, incluindo o desenho da capa, revisão, publicação e divulgação. É trabalhoso e cansativo. Eu começo a trabalhar às 5 horas da manhã, todos os dias exceto aos domingos. Mas também é uma maneira de ser realmente independente. E, com relação à divulgação, parte crucial do processo, eu criei um serviço de “traqueador”, um site chamado allclic.com, que rastreia cada página

visitada do meu site heronrobledo.com – e de outros que administro – e me diz tudo o que o visitante fez em cada página; localização, data e hora, onde clicou, etc. O allclic.com me fornece a munição para saber das preferências dos leitores, por obra, gênero ou idioma, por exemplo.

Para a confecção dos e-Books no formato compatível com o Kindle da Amazon, que é um processo complicado, lento e cansativo, eu criei um aplicativo chamado “e-Pub Editor for Kindle”, que converte texto bruto de um editor de textos qualquer em um arquivo “.epub”, que envio para a Amazon KDP e que tem um grande diferencial: páginas numeradas que dão ao e-book um aspecto de “livro de verdade”. Para quem quiser conhecer, o link está no meu site.

Mas, para um exemplo concreto, vou citar um lançamento recente: CODEX: AURORA.

Em uma conversa por telefone com um grande amigo que é matemático e que aborda o tema filosoficamente, ele fez um breve relato sobre Sir Isaac Newton e sua obra.

“PHILOSOPHIA NATURALIS PRINCIPIA MATHEMATICA”, escrita originalmente em Latim, idioma que domino

razoavelmente porque aprendi com os padres. Ele também disse que não existe uma boa tradução do livro para o português e que eu era a pessoa indicada para fazer isso. Então, topei o desafio.

Terminei o primeiro capítulo e, quando me preparava para o segundo, em um momento de descanso, vi na TV um documentário do History Channel abordando a possibilidade de que Newton havia previsto – interpretando as Escrituras Sagradas – o fim do mundo em 2060. Estranho, pensei; não vi nada disso durante o trabalho da tradução. Mas, como mencionei, eu sou engenheiro de software há mais de 30 anos.

Eu tinha todas as imagens do original de PRINCIPIA MATHEMATICA, todas as páginas. Peguei uma lupa e comecei a procurar pistas dentro do texto. Já estava quase desistindo quando, no Livro III, notei que alguns caracteres tinham um ou mais "sinais" que destoavam do texto. Também notei palavras escritas em inglês e até palavras escritas de trás para a frente. Então, escrevi um software que converte as imagens para código BASE-64 – as imagens são transformadas em texto – e depois, criei uma função para fazer a varredura desse texto em busca de "coisas estranhas". E assim, através do algoritmo que chamei de CODEX, fui

identificando evidências, insinuações, declarações explícitas, palavras isoladas e frases inteiras, todas relacionadas com alguma passagem bíblica. Fui escrevendo os capítulos à medida que as profecias iam surgindo. O resultado – comovente, aliás – está em CODEX: AURORA, escrito em cinco dias.

Ademir Pascale: E os livros THE W.A.Y. PROTOCOL e O ÚLTIMO LIVRO DE PAPEL, como surgiu a ideia?

Heron Robledo: Primeiro vou contar como as ideias surgem. Eu me levanto bem cedo, passo meu café, sento na minha cadeira de balanço na varanda e acendo meu cachimbo. É nesse momento que as ideias se concretizam. Nessas obras, imaginei um perito judiciário que trata de um caso em que “o sistema”, uma entidade oculta, impede uma escritora de publicar um livro que denunciava a ingerência das Inteligências Artificiais na vida das pessoas. A escritora processa o Google e outras companhias. O perito descobre a entidade e dá a ela um nome: W.A.Y. PROTOCOL (what affects you) que também pode ser interpretado como “O PROTOCOLO DO CAMINHO”, o caminho a seguir, no caso. O perito resolve escrever um livro para denunciar a entidade mas decide enviar os originais em folhas de papel datilografadas, por temer pela própria

vida, a um editor de outro país. Aí surgiu a ideia de “O ÚLTIMO LIVRO DE P APEL”, cuja história acontece 30 anos depois. Sentei e comecei a escrever os livros. Simultaneamente! À medida que a trama se desenrolava, eu ia, ora para um, ora para o outro livro. Levou 3 dias para a conclusão. Mas preciso destacar, como mencionei, que eu conheço bem as Inteligências Artificiais e sei exatamente como funcionam. Sei do que são capazes e do que não são. E digo isso porque as IA’s são protagonistas de algumas das minhas histórias.

No livro 101 PERGUNTAS PARA DEUS, programei o BARD e o CHAT GPT para elaborarem as perguntas e as respostas de DEUS, quer dizer, como se O fossem.

Em “ANA É”, uma IA renegada toma a personalidade de uma jovem e a torna a mulher mais poderosa que já existiu. É uma história deliciosa, cheia de humor e muito romance e sensualidade. É tão legal que escrevi um roteiro de cinema para ela; um “livrão” formato A4 com 400 páginas! Chama-se “A ARTE DE ADAPTAR LIVROS PARA O CINEMA”, com versões em português e inglês.

Ademir Pascale: Você tem 14 títulos sobre temas religiosos, fale um pouco sobre eles.

Heron Robledo: Escrever livros

religiosos é um dever para mim. Uma forma de levar o Evangelho às pessoas. Uma forma de dizer “olha, você não precisa de igrejas ou templos, você pode falar diretamente com o chefe”.

Eu destaco a série “LIVROS PROIBIDOS DO NOVO TESTAMENTO” porque não são livros apócrifos, são Evangelhos que faziam parte do Evangelho original até o século IV, mas que uma rasteira de alguns bispos removeu das Escrituras. Tem a tradução do Novo Testamento, “NOVA VULGATA”, o Evangelho oficial do Vaticano, autorizado por João Paulo II em 1979. Traduzi direto do Latim para o Português. Mas também tem livros críticos: A “INVENÇÃO DA LITURGIA CATÓLICA”, cujo título denuncia o conteúdo, e “UMA FALSA PONTE PARA DEUS”, em três idiomas, que é uma espécie de alerta sobre, na falta de termo melhor, a possessão demoníaca que certas denominações religiosas exercem sobre os corações e mentes das pessoas.

Ademir Pascale: Muitos dos nossos leitores são também autores. E uma queixa recorrente é com relação à divulgação das obras. Muitos reclamam que não conseguem se tornar conhecidos – nem as suas obras – porque a mídia não funciona. Como você lida com isso?

Heron Robledo: Concordo totalmente

com eles. E confirmo que existem ótimos autores brasileiros porque li várias obras de alguns deles. Mas também sei que jamais se tornarão conhecidos.

A mídia em questão, cuja finalidade principal deveria ser o fornecimento de informações em forma de notícias, e dessa maneira atrair a atenção de leitores, espectadores ou ouvintes, é um negócio como qualquer outro. Sua revista “Conexão Literatura”, por exemplo, é mantida com a venda de publicidade e inserções. E isso é lícito e legítimo. Mas não há manipulação; ninguém é obrigado a anunciar na revista. E o leitor, a seu critério, tem a liberdade de ler ou não ler um anúncio publicitário disposto entre as matérias. Mas isso quando se trata de mídia impressa ou seu correspondente digital.

Então, vamos analisar quais as mídias que estão à disposição de autores para que divulguem seu trabalho e sua marca, nos dias de hoje denominado “autoridade”.

Depois de anos gastando um monte de dinheiro anunciando em diversas mídias, acabei optando pela “menos ruim”, que vem a ser o Instagram. Mas, mesmo o Instagram, validando a afirmação dos autores, não funciona ou funciona parcialmente. A não ser, é



Heron e Moça na Biblioteca - Foto divulgação

claro, que você despeje um caminhão de dinheiro nas campanhas, o que é o mesmo que “pagar para trabalhar”.

Mesmo quando você atenta para os detalhes de uma determinada campanha, tentando acertar o público-alvo, o resultado pode ser – e na maioria dos casos é – frustrante e desanimador. Conclusão simples: a Meta, como as demais, quer “queimar seu orçamento” e exibe seu anúncio para um público totalmente alheio à

literatura, algo como oferecer absorventes para o público masculino. Eles inventaram um negócio altamente lucrativo onde o serviço vendido (a inserção de anúncios) não entrega o que promete. O anunciante assume o risco e o prejuízo, o que, por si só, é uma boa razão para não anunciar. Mas, um alento: em breve a Amazon KDP vai oferecer seu “Ads” também no Brasil. E aí haverá uma virada no jogo. Isso se você atentar para as peculiaridades da publicação na Amazon.

Lamentavelmente, a Amazon KDP não imprime livros no Brasil. Os e-books, para nossa segurança contra pirataria, devem ser publicados com configuração DRM, que só exibe os livros no Kindle. E o Kindle tem sua própria maneira de exibir o conteúdo. Mas é decepcionante e nem de longe lembra o formato de um livro. Também tem uma questão que parece não ter solução: o Kindle quebra as sílabas e pode apresentar resultados com “bon-ito” em vez de “bo-ni-to”. Quer dizer, ele lida muito mal com nosso idioma.

Eu resolvi essa parte da publicação, como mencionei, criando um software chamado e-Pub Editor for Kindle. Meus e-books têm seu próprio índice, numeração e identificação das páginas, como todo livro deve ter. Mas, também existe o SIGIL, um editor de arquivos .epub que é gratuito. Só que é tão complicado de usar que até

escrevi um manual de uso para ele. Chama-se “Criando e-Books Profissionais”, em versões em português, espanhol e inglês. Isso é importante de se destacar porque o algoritmo do KDP avalia a qualidade do conteúdo dos e-books que o autor envia.

Ademir Pascale: Quais suas influências literárias?

Heron Robledo: Olha, minhas influências vêm de lugares bem diferentes, mas todas me marcaram de uma forma especial.

Com Érico Veríssimo, eu aprendi que literatura também é memória. O Tempo e o Vento me deu essa sensação de que uma história pode atravessar gerações, ser maior que qualquer personagem. E Incidente em Antares me mostrou como a ironia pode ser uma forma muito afiada de olhar pra sociedade.

Do Gabriel García Márquez eu trago duas coisas que parecem opostas, mas não são. Em Notícia de um Sequestro, aquela precisão quase jornalística, mas cheia de humanidade. E em Cem Anos de Solidão, essa capacidade incrível de transformar o cotidiano em algo quase mítico — como se o real tivesse sempre uma camada a mais.

Com Tom Clancy, eu descobri o prazer do detalhe, da engrenagem

funcionando. Aquela sensação de que a história poderia acontecer de verdade, amanhã, como em *Caçada ao Outubro Vermelho*.

E o Woody Allen me ensinou talvez uma das coisas mais difíceis: rir das nossas próprias contradições. Tem uma leveza ali que, no fundo, é bem profunda. Para não me aprofundar na obra de Allen, que demandaria outra entrevista, vou citar apenas o filme *Meia Noite em Paris* para ilustrar até onde o gênio criativo pode chegar.

No fim das contas, todos eles me ensinaram a mesma coisa por caminhos diferentes: escrever é criar um mundo – e esse mundo pode ser tão bom e admirável que, não sendo real, gostaríamos que se tornasse.

Ademir Pascale: Como você lida com suas próprias obras?

Heron Robledo: Acho que poucos artistas, incluindo os escritores, são capazes de admirar a própria obra.

Certa vez assisti a uma entrevista de João Ubaldo Ribeiro. O entrevistador perguntou a ele o que o motivava a escrever. E ele, de bate pronto, respondeu: o dinheiro.

Eu sou o inverso disso. Não escrevo pelo dinheiro. Simplesmente gosto de contar histórias e compartilhá-las com quem aprecia uma literatura

serena, leve, sem complicações.

De toda forma, porém, acho que o escritor precisa revisitar sua obra de quando em vez. Eu faço isso e, toda vez, me diverto e me emociono.

Mas vou ilustrar isso com um exemplo de um dos maiores compositores brasileiros: Guilherme Arantes.

Eu acompanho a carreira do Guilherme desde o início; o que me concede o privilégio de perceber sua sutil mas constante evolução.

Quem assiste a um show do Guilherme fica admirado com o fato de ele tocar aquelas harmonias complicadas e cantar aquelas letras elaboradas “de cabeça”, sem ler partitura. E o que isso quer dizer? Quer dizer que o Guilherme ama o que faz. Que ele, periodicamente, revisita e executa suas canções, incluindo aquelas que compôs há décadas.

Outra coisa muito legal de reler as próprias obras é que, toda vez, o autor vai perceber que pequenas coisas poderiam melhorar a obra. Uma palavra aqui, uma fala ali. E isso é um aprendizado para ser usado em uma próxima história.

Ademir Pascale: Excelente! Obrigado pela aula. Suas palavras finais, por favor.

Heron Robledo: Agradeço pelo convite

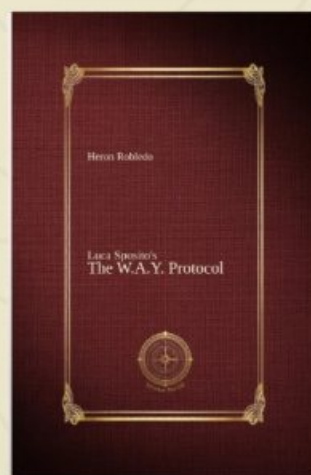
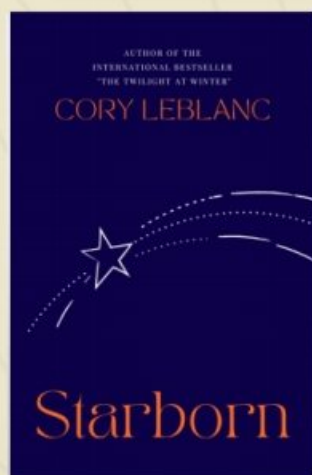
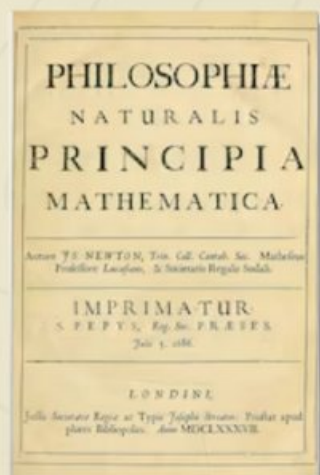
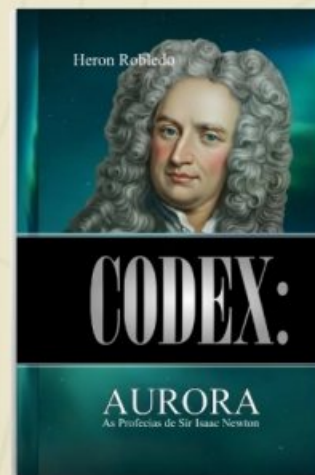
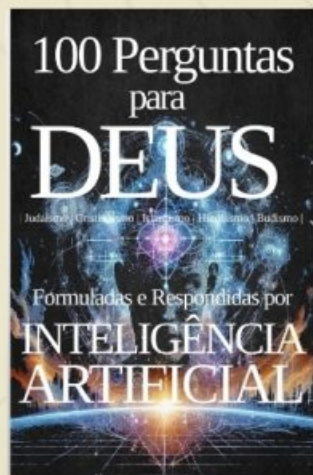
e pela honra de ser entrevistado por você. Minha mensagem vai diretamente para as centenas de milhares de leitoras e leitores que acompanham a revista.

Espero encontrar em você, que acompanha minhas palavras, uma empatia que renegue qualquer tipo de história, filme, documentário ou “posts” que, de tão angustiantes, nos tiram o sono. A palavra-chave aqui é “ENTRETENIMENTO”, que nos remete a momentos de relaxamento, prazer e tranquilidade pessoal. Uma boa história só precisa ser lida uma única vez, porque nunca mais a esquecemos. Eu tento ser um “contador de histórias felizes” como me chamou, recentemente, uma leitora. Mas também quero ser conhecido como uma pessoa acessível, comum, mansa e amável com meus semelhantes, sem soberba e sem vaidades. E asseguro que você – leitora ou leitor – tem uma grande chance de se reencontrar nas apaixonantes, divertidas e comoventes histórias de Heron Robledo.




PodCast Ademir e Heron - Foto divulgação

ALGUMAS DAS OBRAS DE Heron Robledo



PARA SABER MAIS SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS

CLIQUE AQUI 



Crie e-Books profissionais com um clique.

e-Pub Editor transforma seu manuscrito em um arquivo seu_livro.epub formatado para Kindle e outros leitores com paginação, melhorando a experiência do usuário e elevando sua autoridade na amazon KDP.

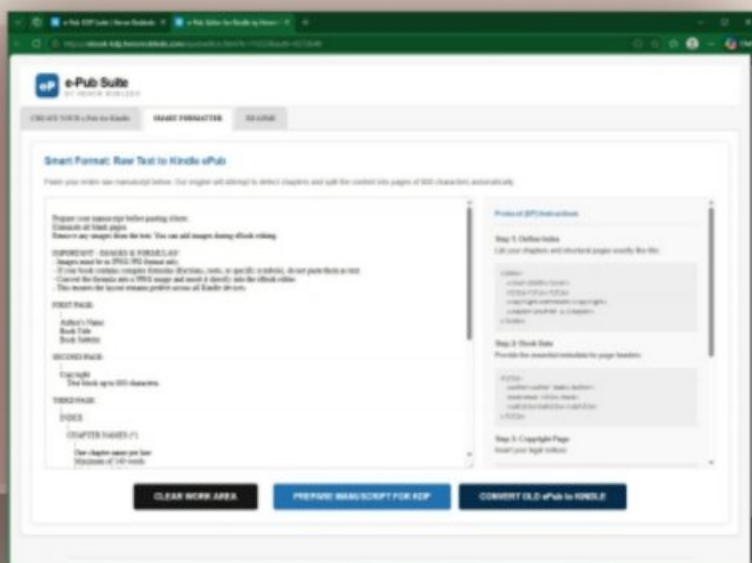
Transforme seu manuscrito em um e-book "com cara de livro" com paginação perfeita e compatível com a maioria dos leitores.



Interface amigável que roda no seu navegador. Converte manuscritos e arquivos .epub com rapidez e precisão.



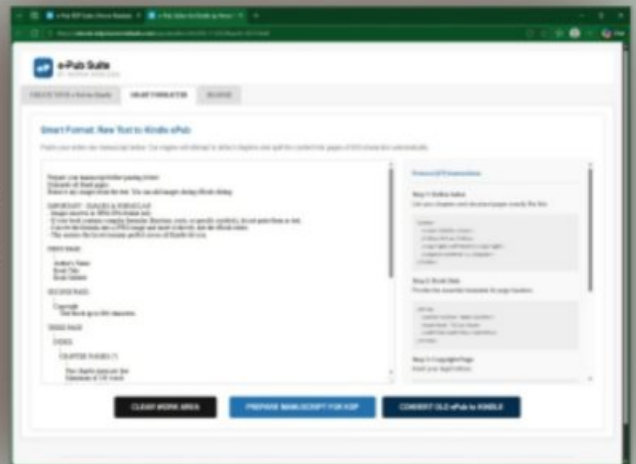
Feito por quem tem mais de 70 obras publicadas no KDP.
Acesse: book-kdp.heronrobledo.com.



Ferramenta indispensável para autores.

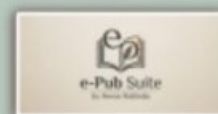
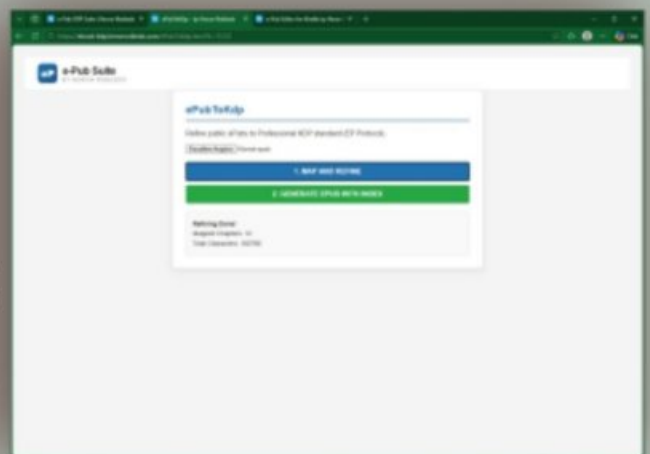
Criação, edição, importação e leitura de arquivos e-PUB compatíveis com amazon KDP e Kindle.

e-Pub Editor é a ferramenta dos sonhos de qualquer autor: cole o texto bruto, escreva diretamente ou importe um .epub existente pronto para ser publicado na amazon KDP.



O melhor leitor de arquivos .epub. Atribui paginação ao e-book. Use para ler os livros produzidos com e-Pub Editor.

Converta arquivos .epub defeituosos para o formato do e-Pub Suite. ePubToKdp força a paginação e resolve 90% dos problemas de e-books mal estruturados. Roda no seu navegador e é totalmente gratuito.



Feito por quem entende do assunto. Acesse: book-kdp.heronrobledo.com.



A CASA DA QUALIDADE

Em 2026, **participe** dos eventos da **Casa Brasileira de Livros** e mostre o seu **talento literário**.

Temos certeza de que você merece o original.



MicroConto de Ouro



PENA DE OURO



GRANDE PRÊMIO
HAIJIN DO BRASIL



www.casabrasileiradelivros.com
atendimento@casabrasileiradelivros.com

DIÁRIO

euismod lacinia at quis risus sed vulputate od
euismod lacinia at quis. Ut tellus elem
icies lacus sed turpis tincidunt id o
massa ultricies mi quis. Magna fe
us. Eget sit amet tellu
vitae et leo duis ut
aculis eu non diam p
Cursus sit amet d
ullamcorper sit
semper feugia
ing elit dui
mauri.
la fam
h m



Por Gilmar Duarte Rocha

Patricia Highsmith, a poeta da apreensão



As mulheres sempre marcaram presença no panorama da literatura estadunidense desde o século XIX e, diferentemente das suas congêneres ocidentais (mormente da Europa), que temiam em ser confrontadas pela crítica misógina da época, decidindo, via de regra, publicar os seus belos livros mediante o recurso do pseudônimo, as escritoras norte-americanas cravavam, sem pestanejar, o seu nome com letras garrafais em obras expressivas do naipe de “A cabana do Pai Tomás”, 1851, de Harriet Stowe, uma abolicionista de Connecticut; “Mulherzinhas”, 1868, denso e importante romance de Louise May Alcott, e “O despertar”, 1899, relevante novela da sulista do Missouri Kate Chopin. Vale destacar, também, a face criativa de Emily Dickinson, que, apesar de publicar e viver pouco, produziu uma coletânea espetacular de poesias que romperam com a estrutura convencional dos versos como nunca se tinha visto antes, nem mesmos entre os vates do simbolismo francês.

Chegou o século XX e autoras de sangue ianque permaneceram firmes e atuantes, em todas as esferas da literatura, com destaque para Katherine Anne Porter, uma romancista e ativista do oeste americano que migrou para Nova York e dedicou os seus primeiros dias a produzir escritos e manifestos em prol da causa dos imigrantes. Destacou-se na luta incansável, juntamente com nomes de peso como os escritores John dos Passos e Upton Sinclair, pela absolvição dos italianos Bartolomeo Vanzetti e Niccola Sacco, presos injustamente (como tempo veio provar) por um crime que nunca cometeram.

Porter foi a principal protagonista feminina da primeira metade do vigésimo século. Na sua esteira, vieram nomes de peso, como a criativa poeta Sylvia Plath; as romancistas Margareth Mitchell, Harper Lee, Joan Didion, Alice Walker, Ursula Le Guin, desaguando na fenomenal Toni Morrison, que arrebatou o Nobel de Literatura de 1993, mais de meio século depois da sua única conterrânea a ganhar esse galardão máximo das letras mundiais, Pearl S. Buck, em 1938.

Então já está na hora de alguém me perguntar: onde entra nessa história Patrícia Highsmith, a poeta da apreensão?

Mary Patricia Plangman, uma texana nascida em Fort Worth, 1921, que entre muitas idas e vindas, terminou se estabelecendo na região do distrito de Greenwich Village, Manhattan, Nova York, cidade onde viveu por mais de vinte anos num habitat de poetas errantes, músicos marginais, malandros, mágicos, arrivistas e elementos obscuros do underground da cultura americana.

Apesar da formação em Artes Cênicas, voltou-se para as letras e principiou a desenvolver sketches para quadrinhos “noir” e roteiros para filmes de segunda classe, adotando o nome artístico de Patricia Highsmith. No entanto, a sua imaginação cada vez mais aguçada e cada dia mais direcionada para o submundo, como ela mesmo testemunhou certa feita: “o mórbido, o cruel, o anormal me fascina”, fez com que ela focasse as suas histórias no lado obscuro humano: relacionamentos destrutivos, roubo de identidade, traição e assassinatos estão no centro de seus principais romances. Além de imaginar os mais funestos cenários, Highsmith emprestava suas obsessões, medos e

desejos aos seus personagens, ao passo que examinava as profundezas da psique humana, criando tramas consideradas repulsivas e, simultaneamente, irresistíveis.

De volta ao cenário de Greenwich Village, um belo dia um exemplar de um dos seus primeiros livros publicados caiu nas mãos de ninguém menos do que Alfred Hitchcock, que estava sempre à procura de escritores esquisitos e imaginativos para consubstanciar os seus filmes carregados de cenas que provocam inquietude, ansiedade, angústia e impaciência aos expectadores e que os tornam atrativos e muitos demandados até os dias atuais. O enredo do livro “Estranhos num trem”, de 1949, virou filme de sucesso estrondoso de crítica e bilheteria. No Brasil, a produção cinematográfica teve o nome ajustado para “Pacto sinistro”.

O sucesso do filme incentivou Patrícia a seguir em frente e a trabalhar num complexo personagem que amalgamava todas as idiossincrasias dos elementos que ela vinha usando até então, finalmente dando vida à criatura Tom Ripley, um elemento frio, calculista, dissimulado, vil e desprovido de qualquer caráter e sem nenhum tipo de escrúpulo para atingir os seus objetivos. E Patrícia fez melhor: introduziu na sua criatura uma capacidade de transmitir empatia com o leitor, concedendo-lhe uma inusitada faceta de anti-herói. O romance “O talentoso Ripley”, publicado em 1955, tornou-se best-seller, sendo transportado para o cinema pelo cineasta francês René Clément, em 1960, sob o nome “O sol por testemunha”, com o mítico ator Alain Delon incorporando o controverso personagem principal.

Movida pelo êxito dos filmes e por um imparável processo de criatividade, Patricia começou a emplacar um sucesso atrás do outro, com destaque para “Em águas profundas”, 1957, thriller psicológico que trata de um relacionamento turbulento e tempestuoso entre um cientista pacato e reformado e sua jovem e linda esposa que carregava a ninfomania nos hormônios.

Em 1963, Patricia muda-se para a Inglaterra dando sequência aos seus livros de mistério e suspense, sem esquecer de resgatar o seu icônico personagem Ripley, desenvolvendo e publicando mais quatro livros onde ele protagoniza e explora todo o seu talento para praticar a arte do mal, numa espécie de versão cool, se é que se pode praticar o mal fazendo uso apenas da inteligência.

Depois do Reino Unido, Patricia transfere-se para a França, terminando os seus dias na Suíça, onde veio a falecer de câncer em 1995, aos 74 anos.

Quem desejar se aprofundar na vida e na obra dessa misteriosa, profícua e genial autora, sugiro a leitura da biografia “A talentosa Highsmith”, de Joan Schenkar, Editora Azul, 2012, onde sua trajetória é esmiuçada num calhamaço de mais de 800 páginas.

O consagrado escritor Graham Greene dizia que “Patrícia vivia num mundo próprio, incômodo e claustrofóbico, onde se entra em cada livro dela com uma sensação de perigo pessoal”.

Gore Vidal, famoso conterrâneo da escritora, referia-se a ela como uma espécie de "poeta da apreensão".



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



ebook

Cresça seu canal do YouTube estrategicamente

Um ebook (livro digital) com as estratégias usadas por um YouTuber para alcançar mais de 200 mil inscritos. Contém análises reais, gráficos, dicas, testes e checklists.

Aprenda a estruturar Shorts que prendem atenção, dominam o algoritmo e transformam views em inscritos.

Para saber mais, acesse <https://www.auraspace.com.br>

EUFEMISMOS

Por Mirian Menezes de Oliveira

**Vestidas de poeira e cinzas,
inocentes crianças
procuram a Pomba da Paz!**

**No céu soam: notas graves,
sons agudos de sirenes...
e o alerta: “A vida é fugaz!”**

**Tambores dissonantes
anunciam o Anjo Ceifeiro,
que chega, abrindo seu manto**

**Sons brotam da artilharia...
Nada há de sinfonia!
Há tristeza, o luto e o pranto.**

**Sem figuras de linguagem
e ausentes os eufemismos,
faz-se presente a guerra.**

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

O EPISTEMICÍDIO À MARGEM: EDUCAÇÃO, PRETUGUÊS E O ENTRE-LUGAR LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Por José Flávio da Paz*
Hiago de Paiva Cardoso**



Carolina Maria de Jesus - 1960 (Foto divulgação)



Resumo: O presente artigo analisa a trajetória intelectual de Carolina Maria de Jesus sob a ótica da dialética entre o acesso à educação e a exclusão social. Investiga-se como o processo histórico de marginalização da população negra no Brasil, consolidado por legislações excludentes e pelo fenômeno do embranquecimento urbano, operou um epistemicídio que Carolina logrou contornar através da escrita. Utilizando os conceitos de "entre-lugar" de Silviano Santiago e "Pretuguês" de Lélia Gonzalez, o texto discute a resistência linguística da autora e sua posição ambivalente entre a favela e o campo literário hegemônico. A análise conclui que a obra de Carolina não é apenas um documento social, mas uma ruptura estética que desafia o monopólio da fala burguesa e desmascara as fissuras do mito da democracia racial.

Palavras-Chave: Carolina Maria de Jesus; Epistemicídio; Pretuguês; Estudos Culturais; Estudos Literários.

Introdução: a caneta como escudo e lance

A história da literatura brasileira é marcada por silêncios ensurdecedores e ausências programadas. Durante séculos, o sujeito negro foi o objeto do olhar alheio, a temática do autor burguês, mas raramente o detentor da autoridade narrativa. Nesse cenário, Carolina Maria de Jesus emerge não apenas como um fenômeno editorial de 1960, mas como um erro no sistema de exclusão intelectual brasileiro. Como aponta a historiografia literária contemporânea, a representação de grupos marginalizados costuma sofrer um "estreitamento do horizonte de representação", onde "a voz de quem vive a exclusão raramente alcança o status de autoridade narrativa" (Dalcastagnè, 2012, p. 152).

A importância de Carolina reside, portanto, na subversão dessa lógica. O acesso à instrução formal, embora breve e marcado pela precariedade, forneceu-lhe a "ferramenta para o sucesso" que a permitiu transitar entre a sobrevivência na favela do Canindé e a projeção internacional. Contudo, essa trajetória é cindida por uma tensão constante: a educação que a liberta é a mesma que a situa em um distanciamento crítico de seus pares. Este artigo propõe uma leitura minuciosa dessa ambivalência, utilizando as lentes dos Estudos Culturais e Literários para compreender como Carolina sobreviveu ao apagamento e instaurou uma nova epistemologia a partir do lixo e da palavra.

O estado como agente do apagamento: do decreto ao epistemicídio e o "pretuguês" como resistência

Para compreender a magnitude da escrita de Carolina, é necessário observar o terreno árido em que ela germinou. O acesso à educação para a população negra no Brasil não foi apenas negligenciado; foi juridicamente combatido. Leis como a de 1837 e o Decreto de 1878 foram instrumentos de um projeto de nação que via na intelectualidade negra uma ameaça à ordem senhorial e, posteriormente, à modernização embranquecida.

Essa exclusão formal operada pelo Estado não foi apenas um impedimento físico ao prédio escolar, mas o que se define como um apagamento sistemático da capacidade intelectual. Sobre esse processo, é imperativo notar que o sistema escolar serviu, por muito tempo, como instrumento de reprodução do primado da branquitude. Segundo esta perspectiva teórica, o fenômeno do epistemicídio ocorre quando se nega a cultura e a

capacidade cognitiva de grupos dominados, onde "o sistema escolar é o instrumento de consolidação e reprodução do primado da branquitude" (Carneiro, 2005, p. 96).

Carolina Maria de Jesus, ao insistir na leitura de jornais encontrados no lixo e na escrita de diários em cadernos descartados, realizava um contra-ataque ao epistemicídio. Sua alfabetização não era apenas um ganho técnico, mas um ato de insurgência contra a morte simbólica de seus saberes. Ela compreendia que, num país que negava a escola aos seus, possuir a letra era possuir uma forma de existência jurídica e social que o racismo institucional tentava vedar.

Um dos pontos mais controversos na recepção da obra de Carolina refere-se à sua linguagem. Classificada por muitos críticos da época como "incorreta" ou "viciada", a escrita da autora de *Quarto de Despejo* é, na verdade, um campo de batalha cultural. Ao invés de lermos seus erros gramaticais como carência, devemos lê-los como a manifestação da identidade africana na língua portuguesa do Brasil.

O conceito de Pretuguês é fundamental para esta defesa. Ele revela que o português falado e escrito no Brasil é perpassado por marcas de oralidade que a norma culta tenta apagar por meio de um racismo linguístico. De acordo com a teoria, esse caráter denegado da nossa cultura se manifesta em uma linguagem que "nada mais é do que marca de uma africanização" (Gonzalez, 1984, p. 238).

Ao utilizar termos rebuscados de forma por vezes inusitada ("pernóstica", como diziam os críticos), Carolina estava exercendo seu direito ao repertório erudito, enquanto sua sintaxe mantinha a fidelidade à experiência vivida. Defender a escrita de Carolina é, portanto, validar o "Pretuguês" como uma categoria intelectual legítima. Como reforçado em estudos mais recentes, o reconhecimento desse fenômeno é crucial, pois "o português do Brasil é um pretuguês" (Gonzalez, 2020, p. 45), e a tentativa de silenciar essa forma de expressão é um braço do racismo institucional que opera no campo da estética.

O entre-lugar e a identidade em trânsito: a subjetividade na fronteira e a ruptura com o "olhar de fora"

A análise do "distanciamento" de Carolina Maria de Jesus em relação aos seus pares na favela do Canindé é um dos pontos mais complexos de sua recepção crítica. Frequentemente lida como uma forma de altivez ou descolamento da realidade, essa postura pode ser ressignificada sob a ótica da mobilidade identitária. Carolina não habitava apenas um espaço geográfico (a favela), mas um espaço discursivo de tensão.

Esse fenômeno é o que Silviano Santiago denomina entre-lugar. Para o autor, o discurso que emerge em contextos de dependência cultural e marginalidade não é uma simples cópia, mas uma ocupação do espaço do "outro" para afirmar a própria diferença. Santiago postula que o entre-lugar exige do sujeito "uma dupla vigilância: a de se estar atento à sua própria diferença e a de se estar atento à diferença do outro" (Santiago, 1978, p. 28).

No caso de Carolina, esse entre-lugar manifesta-se na forma como ela utiliza a norma culta e a erudição, obtidas através de um esforço autodidata e fragmentado, para se posicionar fora do estereótipo que a sociedade reservava à mulher negra e favelada. Ela não queria ser apenas o "objeto" do estudo sociológico; ela reivindicava o lugar de "sujeito" do conhecimento. Esse movimento gera o que se pode chamar de identidade

em trânsito. Segundo a teoria, o sujeito contemporâneo, ao atravessar fronteiras sociais, vive uma "experiência de vida que se faz na passagem, no trânsito entre culturas e espaços" (Santiago, 2015, p. 112).

Portanto, o distanciamento observado por seus vizinhos e críticos não era uma negação de suas origens, mas a manifestação de uma subjetividade que não cabia nos limites estreitos da marginalidade. O acesso à educação, mesmo que precário, funcionou como o combustível para esse trânsito, permitindo que Carolina se visse como uma intelectual em um ambiente de profunda privação material.

A entrada de Carolina no cenário literário de 1960 desestabilizou a tradição brasileira de representação da pobreza. Até então, o pobre e o negro eram personagens construídos pelo olhar da elite; com *Quarto de Despejo*, o "quarto" passou a ser narrado por quem nele habitava. Esta é uma ruptura fundamental com o que Regina Dalcastagnè identifica como a homogeneidade do campo literário nacional.

A autora argumenta que a literatura brasileira é historicamente marcada por um déficit de representatividade, onde autores brancos de classe média narram experiências que não lhes pertencem, perpetuando visões limitadas. Para a pesquisadora, a manutenção dessa estrutura resulta em um cenário onde "a voz de quem vive a exclusão raramente alcança o status de autoridade narrativa" (Dalcastagnè, 2012, p. 152).

Carolina Maria de Jesus inverte essa pirâmide. Ao publicar seus diários, ela não oferece uma ficção sobre a favela, mas a "grafia de vida" (conceito caro a Santiago) que desafia o autor burguês. Ela instaura o que os Estudos Culturais definem como "justiça cognitiva": o momento em que o oprimido deixa de ser narrado para se tornar narrador. Essa mudança de perspectiva é o que torna sua obra tão incômoda e, ao mesmo tempo, tão revolucionária. Ela não apenas descreve a fome; ela teoriza sobre a fome a partir de uma posição de autoridade que a educação, como prática da liberdade, lhe conferiu.

Educação como prática da liberdade e de resistência ao genocídio simbólico do/no cenário paulistano: urbanização, imigração e o projeto de branquitude

Ao articularmos a trajetória de Carolina com as teses de Abdias do Nascimento, percebemos que sua luta pela escrita era uma forma de resistência ao genocídio do negro brasileiro em sua dimensão simbólica e espiritual. O racismo institucional, que Nascimento descreve como um processo mascarado e contínuo, tentou confinar Carolina ao silêncio.

Contudo, a apropriação da ferramenta escolar, o letramento, permitiu que ela criasse uma estratégia de sobrevivência. Como argumenta bell hooks, a educação não é apenas a acumulação de dados, mas um processo de cura e empoderamento. Para hooks, essa forma de ensinar e aprender é o que permite ao indivíduo "resistir a sistemas de dominação e de nos curar dos efeitos da opressão" (hooks, 2017, p. 115).

Carolina curou-se da invisibilidade através do diário. Cada página escrita era uma prova de sua humanidade diante de uma cidade (São Paulo) que se modernizava às custas do suor negro e da exclusão geográfica. O projeto de embranquecimento urbano, que o artigo original de Wellington bem identifica através da imigração europeia, tentou empurrar Carolina para a margem da margem. A educação, entretanto, deu-lhe a bússola para navegar para fora desse destino traçado.

A ascensão de Carolina Maria de Jesus em São Paulo ocorre num momento em que a capital paulista se consolidava como a metrópole da modernidade brasileira. Todavia, essa modernidade era seletiva e profundamente alicerçada em um projeto de branquitude. A vinda massiva de imigrantes europeus, incentivada pelo Estado no final do século XIX e início do XX, não foi apenas uma necessidade de mão de obra, mas uma estratégia biopolítica para "civilizar" a nação através do embranquecimento.

Nesse contexto, a população negra, egressa da escravidão e sem políticas de reparação ou integração, foi empurrada para as franjas da cidade. A favela do Canindé, onde Carolina residiu, era o "quarto de despejo" de uma cidade que exibia sua "sala de visitas" europeizada nos centros luxuosos. Sobre essa dinâmica de exclusão e a posição do sujeito negro, é crucial notar como o sistema opera para manter o privilégio racial. Como assevera a teoria crítica, o racismo não é um erro do sistema, mas um elemento funcional dele, onde "o sistema escolar é o instrumento de consolidação e reprodução do primado da branquitude" (Carneiro, 2005, p. 96).

Ao buscar a educação e a literatura, Carolina estava a reivindicar um lugar na "sala de visitas". O seu "distanciamento" em relação à realidade da favela, mencionado por Wellington, pode ser lido como uma recusa em aceitar a marginalidade como destino biológico. Ela usava a palavra para se diferenciar não por um desejo de ser branca, mas pelo desejo de ser reconhecida como humana e intelectual, num espaço que a queria apenas como força de trabalho braçal e invisível.

A recepção crítica e o desafio ao cânone: quem tem direito à literatura?

A recepção de *Quarto de Despejo* pela crítica literária da década de 1960 foi permeada por um misto de fascínio e condescendência. Muitos críticos trataram a obra como um "documento social" ou uma "curiosidade sociológica", negando-lhe o estatuto de literatura. Esse fenômeno é o que Regina Dalcastagnè aponta como uma barreira de entrada no campo literário, onde a elite intelectual guarda os portões do que é considerado "estético".

Para esta autora, essa exclusão é o resultado de uma estrutura que impede que vozes periféricas sejam lidas como arte. A pesquisadora reforça que a literatura brasileira contemporânea ainda sofre com esse afunilamento, pois "a voz de quem vive a exclusão raramente alcança o status de autoridade narrativa" (Dalcastagnè, 2012, p. 152).

Carolina desafiou essa autoridade. Ela não pedia licença para escrever; ela escrevia com a urgência de quem sabe que a sua voz é a única prova de sua existência. O seu uso do "Pretuguês", essa mistura de erudição autodidata e oralidade ancestral, é a prova de que a língua é um território de disputa. Como reforça Lélia Gonzalez, o português brasileiro é indissociável da experiência negra, e a tentativa de higienizar a escrita de Carolina é uma forma de violência colonial. Gonzalez é enfática ao dizer que o caráter denegado da cultura brasileira se manifesta numa linguagem que "nada mais é do que marca de uma africanização" (Gonzalez, 1984, p. 238).

Considerações finais

A trajetória de Carolina Maria de Jesus, analisada sob as lentes dos Estudos Culturais e Literários, revela-se como uma das maiores epopeias intelectuais do Brasil. O

acesso à educação, embora limitado a dois anos de instrução formal, foi a fresta por onde ela enxergou a possibilidade de subverter o "epistemicídio" que o Estado brasileiro reservara para os seus.

Conclui-se que Carolina não foi uma "vítima" da educação, mas uma estrategista da palavra. Ela habitou o "entre-lugar" com maestria, transitando entre a dor da fome e o prazer da criação literária. A sua obra desconstruiu o mito da democracia racial ao mostrar que a favela não era um acidente, mas um projeto de exclusão deliberado. A sua escrita, ao abraçar o "Pretuguês", forçou o cânone literário a olhar-se ao espelho e ver as suas próprias fissuras racistas.

Em última análise, a lição de Carolina é que a educação, quando aliada à consciência de si, torna-se a ferramenta definitiva de sobrevivência. Como bem sintetiza bell hooks, essa prática pedagógica é o que nos permite enfrentar o mundo com dignidade. Para hooks, a educação como prática da liberdade nos dá a "capacidade de sobreviver no mundo, de resistir a sistemas de dominação e de nos curar dos efeitos da opressão" (hooks, 2017, p. 115). Carolina curou-se da invisibilidade, e a sua obra continua a curar a literatura brasileira das suas cegueiras históricas.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: FEUSP, 2005.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, 1984, p. 223-244.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTIAGO, Silviano. **Grafias de vida: a escrita do próprio**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

SOBRE OS AUTORES:

* **José Flávio da Paz** é Pós-Doutor em Psicologia (UFLO/Argentina) e em Ensino de Ciências e Humanidades (UFAM/Brasil), sendo atualmente Pós-Doutorando em Educação (UniLogos/EUA). Doutor em Estudos Literários (UNEMAT), possui mestrados em Letras (UNIMAR) e Estudos Literários (UNIR), além de diversas especializações em Linguística, Literatura, Artes, Direito e Pedagogia. É graduado em

Letras (Português, Libras, Inglês e Espanhol), Educação Especial e Pedagogia por instituições como Unifap, UFSC, UniCV e IPEMIG. No âmbito institucional, é membro de diversas academias de letras, incluindo a ALCAAB (Amazônia), a ALB (Brasil) e a Academia Independente de Letras (AIL). Sua contribuição intelectual foi reconhecida com três títulos de Doutor Honoris Causa (Literatura, Patrimônio Histórico e Direitos Sociais) e honorarias como a Cruz do Mérito Acadêmico, Profissional e da Educação pela Câmara Brasileira de Cultura, além do título de Cidadão de Macapá. Atualmente, exerce as seguintes funções: Diretor do Centro Cultural, Educacional e Tecnológico para a Paz (FAPAZ); Professor Permanente do PPGL/URCA, Professor Associado (Pro Bono) da UniLogos (EUA) e docente na FAMEN, Faculdade Fasipe Sorriso e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte-IFRN Campus São Paulo do Potengi. É Pesquisa: Líder do Grupo de Pesquisa em Práxis Transformadora em Educação (FAMEN/CNPq) e membro do grupo de pesquisa internacional Brasil/Cabo Verde (UERJ/CNPq). CV: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfp1971@gmail.com.

** **Hiago de Paiva Cardoso** é mestrando em História da Amazônia (PPGHAm/UNIR) e graduado em História pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), com especialização em Educação e Gestão Educacional pela Faculdade Porto. Atualmente, atua como assistente de pesquisa na UNIR e leciona as disciplinas de História, Sociologia e Filosofia em instituições como o Colégio e Centro de Ensino Classe A, além dos cursos pré-vestibulares Bizu e Equipe Enem. Possui experiência na área de Antropologia, com ênfase em populações afro-brasileiras, pesquisando principalmente os temas: religião, identidade, representações e cultura. CV: <http://lattes.cnpq.br/3127561396143773>. E-mail: hiago.unir@gmail.com.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ
VOCÊ. ELA TAMBÉM
VIAJA NO TEMPO.

Desde 2015 no ar,
trazendo com carinho
e dedicação dicas
para leitura,
entrevistas com
escritores, contos,
poemas, crônicas e
muito mais. Feita por
nerds especialmente
para você.



Padre Spadoni e o Bicho Chifrudo

Cordel de Ademir Pascale

No breu do sertão, quando a lua alumia,
Surge um padre estranho em noite sombria.
Não vem pra novena nem pra procissão,
Mas pra expulsar praga e quebrar maldição.

Seu nome é Spadoni, valente demais,
Com cruz de madeira e golpes mortais.
Na batina escura, carrega o poder,
De encarar o inferno sem se esconder.

Certa madrugada, no morro Encantado,
Disseram que havia um bicho danado.
Chifrudo, enorme, com força de boi,
Sô de olhar torto, o cabra se foi!

O povo tremia, ninguém mais saía,
Mas Spadoni chegou com valentia.
Fitou o demônio com garra e oração,
E empunhou a espada com firme decisão.

A luta foi braba, o chão estremeceu,
Mas o padre era fogo, não se rendeu.
Com um golpe certo, de fé e bravura,
Mandou o tihoso de volta à tortura.

PADRE SPADONI É UM DOS PERSONAGENS QUE CRIEI PARA O MEU ROMANCE "CAÇADORES DE DEMÔNIOS", SENDO QUE TAMBÉM JÁ ESCREVI ALGUNS CONTOS COM ELE.

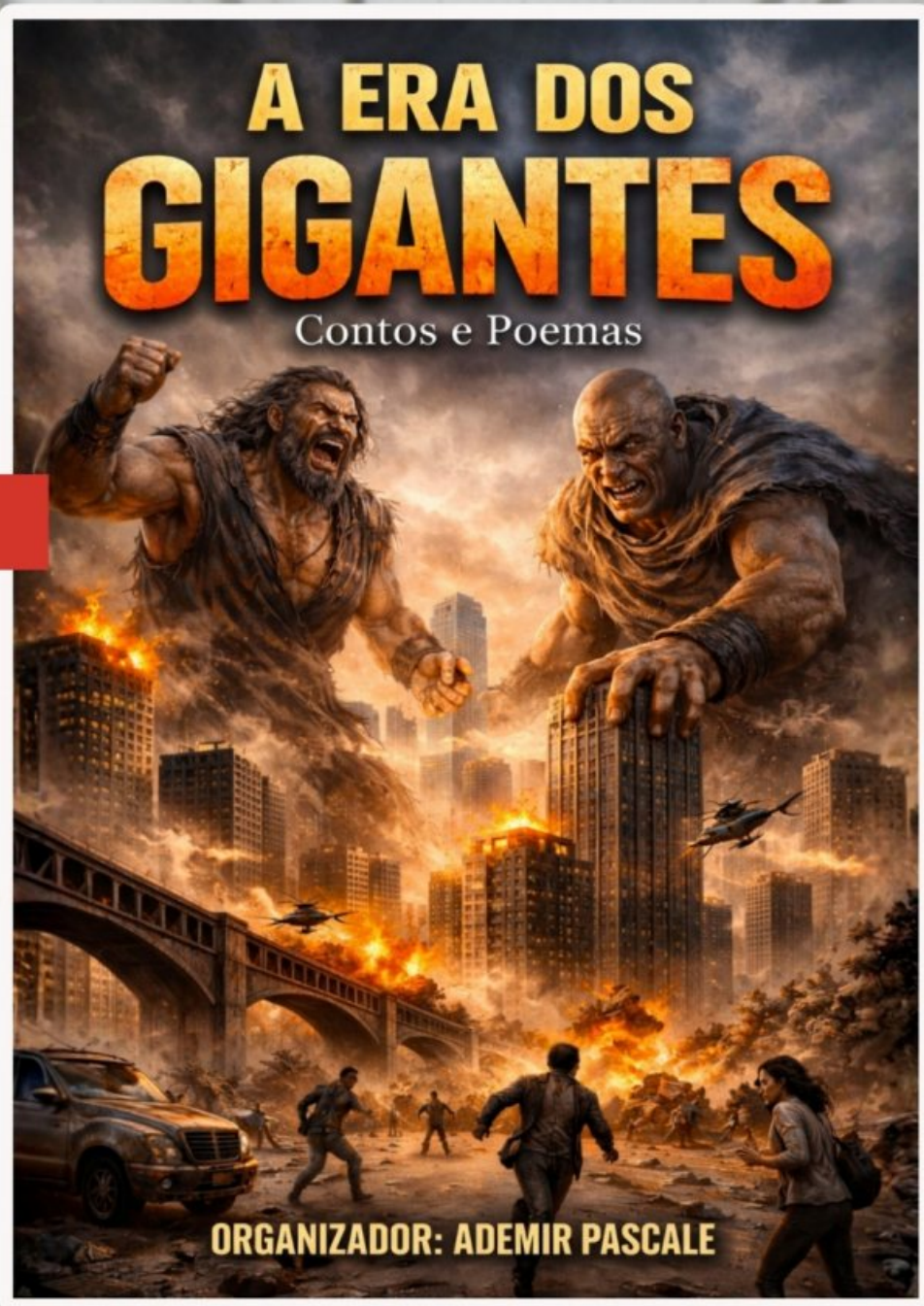


Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de S. Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out – Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer de Medo" e outras.
Contato: ademirpascale@gmail.com

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

A ERA DOS GIGANTES

CONTOS E POEMAS



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

CONHEÇA A ONG



CÃO SEM DONO



SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

SAIBA MAIS:

www.caosemdono.com.br





E Já Na Ativa

Por Sellma Luanny



Este denso ar que evito enfrentar...
neste pesado espaço pelas brancas
garças do lugar, imperado...
Algumas mais lentamente...
no ir e vir da sua existência.

Nos danos biológicos por toda esta
incessante poluição, nas suas futuras
gerações - e nas nossas -, pensando...
Pelos nossos erros e pecados,
doídos sentimentos afloram.

Da rapidez das causas e efeitos,
com estes amanheceres, condizente,
um preocupante futuro a curto prazo...
Penso... sofro... e escrevo... e sofro mais.
O não poder é um enorme desconforto.





Ainda As Vejo

Por Sellma Luanny

Em mais um amanhecer...
vejo uma e outra a vencerem
este denso ar... Se nos é difícil
aspirá-lo apenas, para elas que
na sua alvura, as asas num
redobrado esforço de gasto
energético, fletem continuamente,
aspirá-lo... titânico!

Quando o percurso cruzam
não as vejo a descansar...
firmemente seguem - como
outros pequenos alados da região.
Se alguém as estuda e com elas,
se preocupa, saberá, como já sabemos
em nós, das consequências do impuro
no seu resiliente organismo.





Série GARÇAS BRANCAS E EU

Brava Brancura!

Por Sellma Luanny

Apesar do sombrio panorama de pouca luz e sujo espaço as frágeis brancas e belas garças já ativas em mais um amanhecer.

Nada usualmente as impede de sempre irem, nas manhãs e tardes deste ponto do mundo... onde sua determinação é contínua.

Não me canso de admirá-las! Na sua pequena e delicada estrutura toda a beleza da Natureza... Para viverem, céus e barreiras, vencem.





Elas Também

Por Sellma Luanny

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

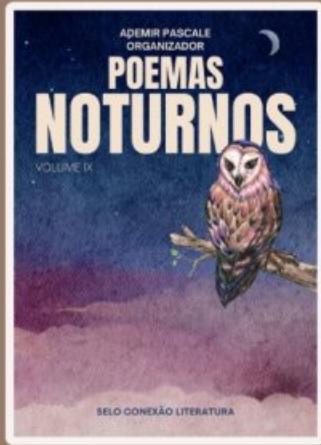
As brancas garcinhas
- para tantos desabafos,
inspiração e pretexto -
lá fora... pelas suas vidas,
bravamente...
terminantemente, lutando.

Os seus naturais atos,
hoje e sempre, fragilizados...
teto não têm...
ou quaisquer proteções...
Alimentam e num meio,
por nós, tão ultrajado,
sem escolha, sobrevivem.

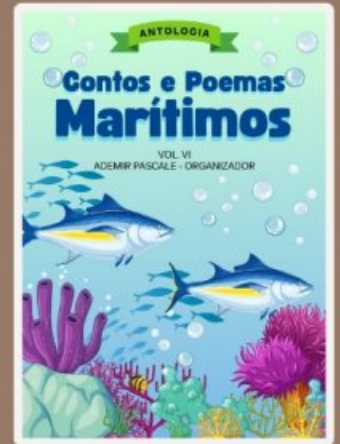
Nota de rodapé: décima segunda parte da série GARÇAS BRANCAS E EU (partes publicadas mensalmente, nesta revista).



dica de leitura



acesse o site
www.divulgalivros.org
e baixe o e-book
gratuitamente



acesse o site
www.divulgalivros.org
e baixe o e-book
gratuitamente

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO





**Vogais, Umas e Outras
Jaff Silva**

(Exercício de restrição vocálica)

**A casa branca
Sempre teve verve.
Vi, ri, vivi.
No horto torto,
Um urubu.**

**E a maldade mata em pé
A vida vivida
Com dor morosa.
Uma muda da cultuada cura.**

**Sei rir sempre
Certo e perto do todo
Que une.**

**Visto isto,
Riu**

Ou voou.



JAFF SILVA

Jaff Silva (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/BODY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas. Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



**OUÇA "VOGAIS, UMAS E
OUTRAS", DE JAFF SILVA:
CLIQUE AQUI**



@revistaconexaoliteratura

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

PROMOVA O SEU LIVRO COM A GENTE!

Quer divulgar seu livro para
milhares de leitores?

- ✓ Aumente sua visibilidade
- ✓ Amplie suas vendas
- ✓ Conquiste novos leitores

PACOTE DE DIVULGAÇÃO

— POR APENAS —

R\$ 180,00

ENTRE EM CONTATO

E-MAIL:

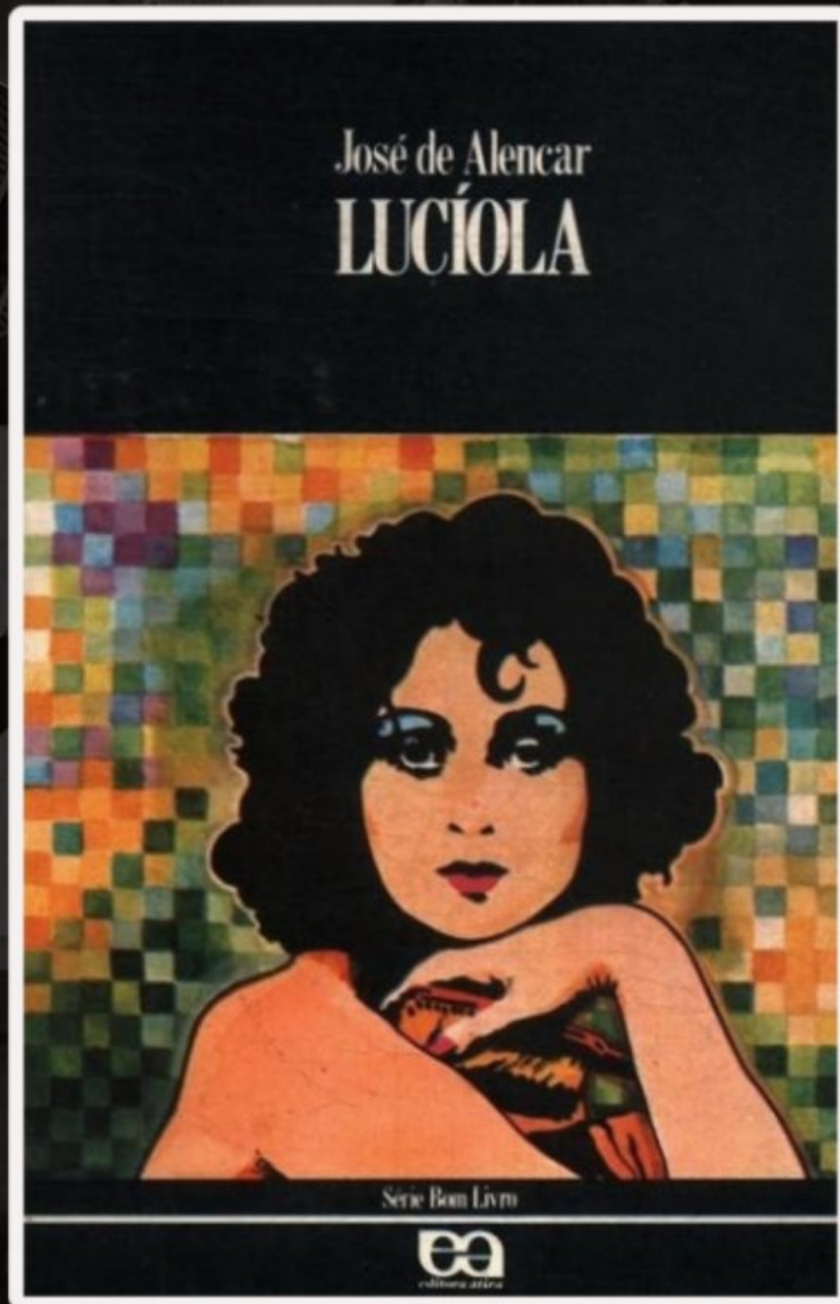
ademir@divulgalivros.org

REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



PEQUENA ANÁLISE DO ROMANCE *LUCÍOLA* DE JOSÉ DE ALENCAR

POR MAX MOREIRA



O romance *Lucíola*, de José de Alencar, encontra-se no conjunto de obras do romance urbano. Trata-se de um romance narrado em primeira pessoa por meio do personagem Paulo, que conta a sua história de amor com Lúcia ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XIX, num ambiente marcado pelo luxo, hipocrisia social e luxúria.

A obra gira em torno de um conflito amoroso vivido entre os personagens Paulo e Lúcia. Ambos se amam, mas vivem um jogo de aproximação e afastamento. Este conflito se dá através do confronto destes com a sociedade, uma vez que Lúcia era uma refinada prostituta. Uma das críticas levantadas no livro é a questão das convenções sociais impostas pela sociedade, que impede a realização de um amor que foge dos padrões sociais.

Traçando um perfil dos personagens, podemos observar a complexidade destes. Lúcia, uma mulher contraditória, coexiste nela uma personalidade ambígua, observada no contraste entre os nomes Lúcia, uma cortesã depravada, luxuriosa, **cujo nome** pode remeter a Lúcifer, um anjo decaído, e, Maria da Glória, uma criatura angelical, que se acha indigna de ser amada por Paulo, um jovem pernambucano que chega ao Rio de Janeiro para tentar se estabilizar. Ele possui um comportamento paradoxal, compreensivo e intransigente. Ora deseja Lúcia, ora respeita, vê nela uma prostituta, mas também uma mulher angelical. Na obra, encontramos características românticas como o subjetivismo, marcado pelo individualismo dos personagens, que lutam pelo seu amor em oposição à sociedade.

Muitos dos comportamentos de Lúcia e Paulo são determinados pelo sentimentalismo. Toda a temática está focada na exaltação do amor como forma de purificação, que transforma uma prostituta em uma mulher virtuosa. Durante a trajetória de Lúcia, Paulo vai rompendo aos poucos a barreira que a impede de ser feliz e a relação entre os dois ganha um patamar sublime. Lúcia não se acha digna de casar-se com Paulo, chegando ao ponto de pedi-lo que se case com sua irmã Ana.

Lúcia acaba por revelar ao seu amado sua triste história. Lúcia sacrificou sua inocência para salvar sua família. Paulo a admira mais ainda, pois ela conservou a pureza da alma acima de tudo. Paulo passa a vê-la com outros olhos, enxergando nela a pureza dos anjos.

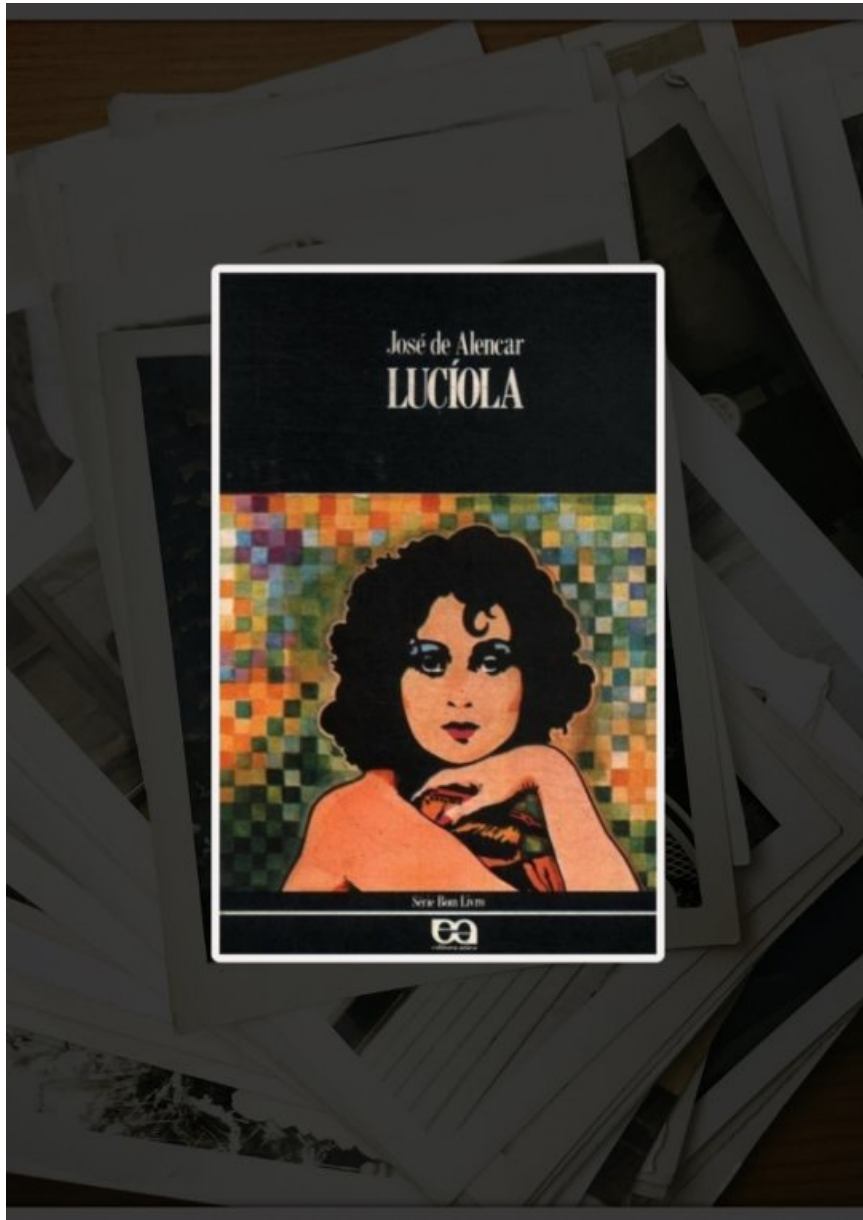
A estética romântica coexiste com a obra de forma desarmoniosa, tendo em vista que Lúcia é uma cortesã, o que foge da idealização romântica de heroína. No entanto, o romance “*Lucíola*” ainda deve ser considerado uma obra romântica porque a heroína Lúcia ainda é uma personagem idealizada. Ao longo da narrativa, notamos a sua transformação de mulher fatal e luxuriosa em uma mulher angelical, doce, insegura e apaixonada, o que corresponde ao ideal romântico da heroína.

Lúcia padece devido a um aborto e, no seu leito de morte, Paulo lhe promete que cuidará de Ana até que ela se case. Lúcia encontra na morte sua redenção e salvação, uma vez que ela sofria uma autopunição, movida por um sentimento de culpa incessante, e por não acreditar ser completamente digna de perdão, elevando, enfim, à alma em detrimento dos pecados da carne.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

ALENCAR, José de. **Lucíola**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1992.



Max Moreira, 42 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. O livro *Sangue e Prata: Caçadores do Velho Oeste* (Medusa Editorial – 2024), antologia que traz um conto seu intitulado ‘CID PERIGO’, é a dica de leitura da vez recomendada pelo autor. Nas horas vagas, gosta de ler contos e quadrinhos.

CANAL CONEXÃO NERD

1 MINUTO DE TERROR

COM

ADEMIR PASCALE

Ademir Pascale

Clique e assista ao
primeiro vídeo da série



www.youtube.com/conexaonerd



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA na primeira INFÂNCIA

• Por Potiara Cremonese

@revistaconexaoliteratura

Os livros da forma em que conhecemos começaram a surgir a mais de 2000 anos, desde lá tornou-se uma ferramenta capaz de nos mostrar o mundo sem precisar-mos viajar, conhecer histórias e culturas dos quatro cantos do planeta através da escrita, que se tornou fundamental para o desenvolvimento intelectual e espiritual da humanidade ao longo do tempo. E essa possibilidade que os livros trazem, não se limitam apenas aos adultos, quanto mais cedo conhecemos os livros, mais rápido ele fará parte do nosso dia a dia, se tornando um companheiro inseparável, para todas as horas.

A leitura é fascinante e quão triste se sente aquele que não sabe ler, seu nome ou sobrenome, dos seus filhos ou quem quer que seja, uma placa na rua, uma escrita na lua, uma notícia ou um poema, no jornal ou na revista, a legenda do filme no cinema, quantos adultos analfabetos, que não conhecem as letras nem de perto. Aí vem a importância de se ler para uma criança e formar com ela uma grande e forte aliança.

A leitura na primeira infância forma um vínculo entre pais e filhos difícil de ser quebrado e para toda vida será levado. Pais e mães costumam cantar para os bebês ainda na gestação, o que não deixa de ser importante, afinal a música também é poesia, mas que tal ler um livro, uma história infantil, um poema, uma lenda, um conto, o resultado pode surpreender, e isso vai ser lembrado depois que ela crescer.

Esse vínculo entre pais e filhos é criado através da voz, é a partir desse som que essa ligação vai se iniciar e se intensificar com o passar do tempo, quanto mais a criança ouvir o som da voz, mais esse vínculo se estenderá. É através do som das palavras que as crianças são inseridas no mundo, e quanto mais cedo se iniciar esse processo, melhor irão se desenvolver. Porquanto é entre zero e três anos que a maioria das conexões cerebrais são estabelecidas, devido à sua inteligência e capacidade de aprender, nos primeiros anos de vida.

Ler para crianças de 0 a 6 anos estimula a função cerebral, é grande aliada na aprendizagem, no desenvolvimento da concentração, do raciocínio, da memória, entre outros, os benefícios da leitura na educação infantil são ilimitados.

Importante ressaltar que além de pais, cuidadores e educadores também estimulem este hábito desde cedo nos pequenos, pois além dos benefícios já citados, histórias prendem as crianças e mudam sua rotina contribuindo também para seu desenvolvimento social, conhecimento de mundo, levando-as para realidades diferentes das suas.

Ler para as crianças é capaz de desenvolver sua criatividade e curiosidade, o envolvimento delas ao ouvir uma história a fará questionar, fazer perguntas havendo uma troca de ideias capaz de fortalecer ainda mais os laços entre o orador e ouvinte, e além do hábito adquirido ela sentirá também o prazer da leitura.

Vivemos uma era de tecnologia cada vez mais avançada, onde vemos crianças cada vez mais cedo, com telefone celular, na maioria das vezes conectadas a internet, jogos, plataformas de entretenimento, seguidores. Crianças de apenas dois anos já têm o celular como objeto de distração, infelizmente, hábito comum entre os pais. Quanto mais cedo o celular e a internet forem apresentados às crianças, mais rápido ela criará o hábito, tão logo, crescerá com ele, podendo tornar-se dependente desta ferramenta. Além disso, quanto mais o tempo passar, mais difícil se tornará para impor-lhes limites, antes não

aplicados e fazê-la trocar o celular por outra atividade mais saudável para o seu desenvolvimento, entre elas os livros.

O uso do celular inclusive, tem sido pauta para debates entre especilaistas em áreas como saúde e educação, visto que, tem se tornado motivo de preocupação, pelas consequências negativas que estão sendo causadas pelo uso excessivo do mesmo na saúde física e no desenvolvimento psíquico de crianças e jovens.

As telas estão destruindo a infância, tirando das crianças a simplicidade de uma brincadeira ao ar livre, por exemplo, e mais que isso, sugam suas energias psíquicas, afetam sua visão e lhes tiram a atenção do mundo a sua volta.

Desta forma a importância de ler na primeira infância vai além de conectá-la com o mundo literário, em virtude disto, pais que não tenham o hábito da leitura, podem se tornar novos leitores, uma vez que, um título escolhido, uma página lida, um livro concluído, logo deixará de ser um hábito para se tornar um prazer. Prazer que quando adquirido servirá de exemplo para que seus filhos sigam, graças a leitura na primeira infância, crescendo sendo jovens e adultos leitores mantendo acesa neles a chama da literatura, podendo compartilhar com futuros colegas esse gosto pelos livros.

Uma vez que essa chama se acenda dificilmente se apagará e esse movimento cerebral que a leitura é capaz de produzir vai desenvolvendo no leitor sua capacidade de interagir, de organizar suas ideias, de compor suas opiniões, adquirindo além de conhecimento, cultura e valores, que vão guiá las, formando um ser pensante e crítico em relação ao mundo que os cerca.

Por meio da literatura infantil é possível apresentar e disseminar a igualdade, ensinando desde cedo que crianças diferentes podem conviver juntas, sem qualquer tipo de preconceito, tais como, pela cor da pele ou classe social, educá-las para que respeitem e cresçam respeitando seu semelhante e inclusive, também é possível com auxílio da leitura mostrar-lhes a importância de preservar o meio ambiente onde vivem, para que cuidem das plantas, não maltratam os animais e protejam a natureza, tão importante para garantir-lhes um futuro melhor.

Ofertar às crianças momentos de leitura fora do ambiente escolar pode se tornar uma brincadeira muito divertida, e ainda assim impactar na vida desta criança e de sua família. Ampliando seu conhecimento social e cultural e respeitando as transformações recorrentes em nossa sociedade.

Abrir a página de um livro para uma criança é como abrir uma porta que leva ao infinito.

A palavra e a voz são formas de acolhimento e afeto, um cuidado que aproxima. A leitura na primeira infância pode mudar o futuro de uma criança, portanto, ler é um ato de amor.

Os livros, ah, os livros, produtos da imaginação, fontes de conhecimento, vertentes de sonhos, viagem sem se mover, ah, os livros, nos ensinam, nos surpreendem, nos indagam, nos evocam a vontade de saber, ah os livros, nos dão um norte e quanta sorte saber e poder ler, quem dera toda criança pudesse com um livro nas mãos crescer.

Se as crianças são o futuro, devemos garantir-lhes que estejam preparadas para ele, e a leitura é fator importantíssimo para essa preparação, tamanho é o leque de possibilidades distribuídas em milhares de obras, desde infantis, linguagens e literatura.

O universo que cabe na palma das nossas mãos e pode contribuir para a construção e o desenvolvimento do ser humano enquanto pessoa e cidadão, desde criança.



Sobre a autora Potiara Cremonese: resido em Santa Cruz do Sul - RS, sou casada, tenho uma filha e uma neta. Sou funcionária pública municipal. Escrevo desde a pandemia. Tenho 75 artigos publicados no jornal da cidade, um livro publicado em 2024, participei de mais de 40 antologias, com crônicas e poemas. Gosto de escrever sobre o cotidiano, abordando assuntos diversos e atuais. Em junho de 2025 criei a primeira biblioteca comunitária na comunidade onde moro. Acredito na leitura como fonte de transformação e na escrita como libertação.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

ESCURIDÃO

CONTOS E POEMAS DE TERROR

ESCURIDÃO

CONTOS E POEMAS DE TERROR



Ademir Pascale - Organizador

E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

Traço Rasgado

POR RAUL SCHAEFER FILHO

mergulho em névoa seca
o orgulho oco desprotegido
traço o risco da legenda
do troço que torço para esvaziar
o âmago
do amargo no estômago sem alimento
que aumento pela dor e o olor
que a vida prega
no emprego escravizado
e burlado pela recompensa
que não compensa a troca da troca
do engulho que deixo na estrada estragada
e no queixo que a máquina rasga
para romper a razão iluminada
de olvido do ouvido mouco
que celebra o moço e o foco
em aplauso da consciência morta
aditada em rememoração cáustica
na pausa e espaço da Lua em vitrine.



Raul Schaefer é formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis, tendo participado em várias antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos.



*"Coloco meu talento a serviço da paz,
das artes, da humanidade e, sobretudo,
de Deus."
(Clarissa Machado)*

Instagram do livro:
@livroavozdenhachica

A Voz de Nhá Chica: *a voz da Paz*



Livro: A Voz de Nhá Chica
Autora: Clarissa Machado
Ilustradora: Selma Bajgielman
Edição Trilingue
Editora: Minas Colosso
São Lourenço, MG.
2025.

"A Voz de Nhá Chica" é um livro trilingue (português, inglês e espanhol) escrito por Clarissa Machado e com ilustrações de Selma Bajgielman que convida crianças, jovens e também adultos do mundo inteiro a conhecer um pouco da vida e da obra da Beata Nhá Chica do Brasil.

A partir da história de Nhá Chica, somos conduzidos a descobrir nosso propósito de vida, a ouvir a voz de Nossa Senhora, a Rainha da Paz; a desenvolver conexão espiritual, apego ao Divino, e por fim, uma fé inabalável nas orações.

Um livro para inspirar e servir de inspiração para a construção de uma sociedade mais amorosa, empática, fervorosa e consciente da importância da Cultura de Paz.

O projeto A Voz de Nhá Chica foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc, executado pela Secretaria Estadual de Cultura e Turismo do Estado de Minas Gerais, através do Edital 07/2024, ID 11939 - publicações literárias para o público infantojuvenil. Projeto de distribuição gratuita.



Clarissa Machado em
Aparecida, Cidade do
Romeiro

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

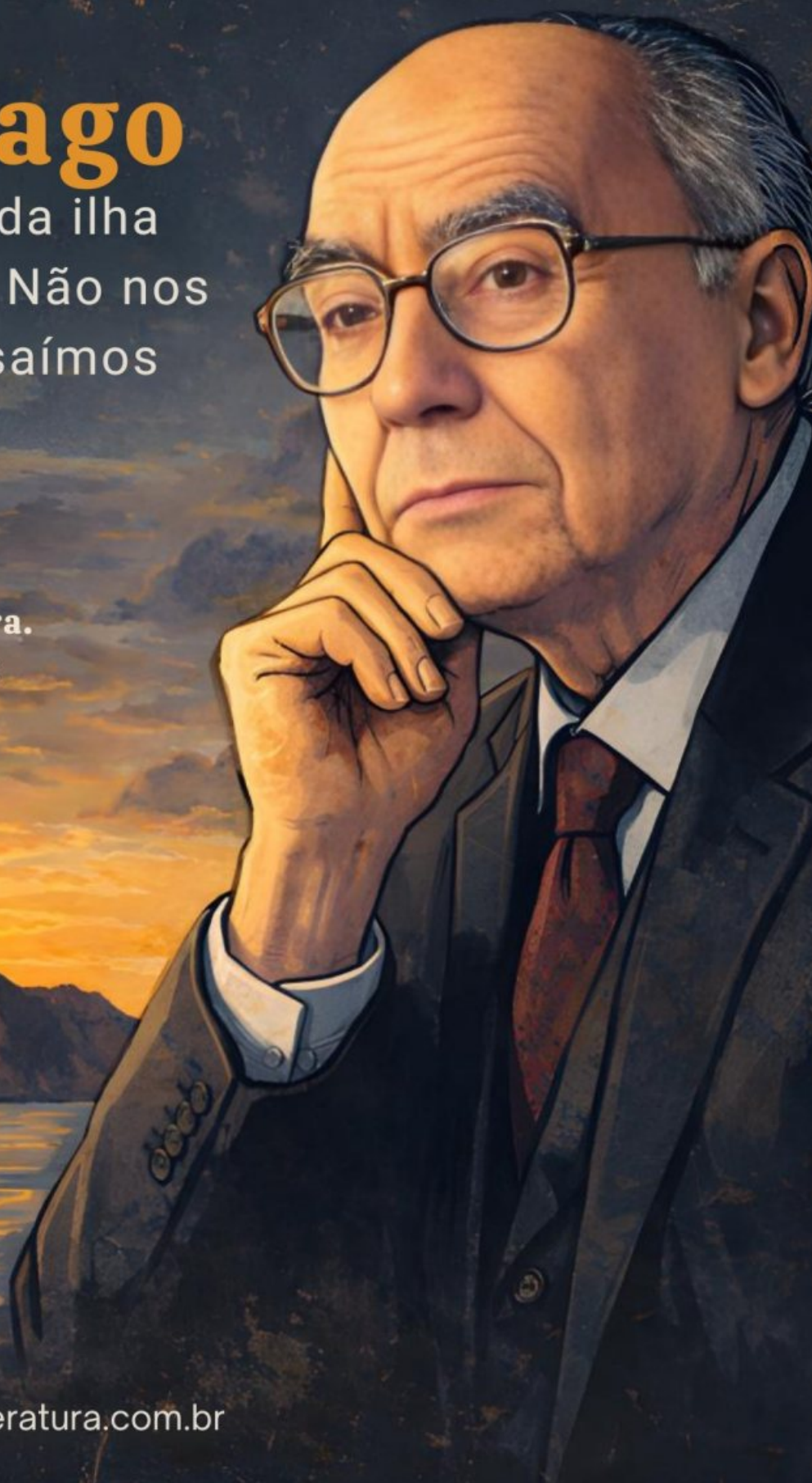


Revista Conexão Literatura

José Saramago

"É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós."

José Saramago
Ensaio sobre a cegueira.
São Paulo: Companhia
das Letras, 1995.



CRENÇA NA EDUCAÇÃO

Por Adriano Rosa da Silva

Desde o sopro inicial da modernidade,
ergueu-se a crença, quase chama,
de que a educação libertaria
as sombras da ignorância,
e dissolveria os poderes que alienam, aprisionam.

Aprender seria caminhar adiante,
um gesto de luz radiante,
um passo rumo ao progresso,
como se Prometeu, em seu fogo mítico,
acendesse o destino humano.

Romperia o véu do obscuro.
Mas hoje, no eco inquieto do presente,
surge a dúvida: ainda liberta a educação?
Ou se perde nos labirintos
de um tempo que avança e recua?

Entre emancipação e retrocesso,
duas palavras armadas de sentido,
talvez evidentes demais, talvez perigosamente simples,
ergue-se a questão: por que avançar é sempre bom?
E recuar, necessariamente, erro?

Não habita também no retorno
um gesto de reflexão e revisão?
Um vislumbre, um contorno?
E não pode o progresso, às vezes,
trazer consigo novas formas de prisão?

@revistaconexaoliteratura



Como Jano, deus de duas faces,
olhamos ao mesmo tempo
como no relance de um agudo impasse
o passado que insiste
e o futuro que nos chama.

Pensadores ecoam nessa travessia
vozes críticas, inquietas
que veem na educação
não apenas um caminho,
mas um campo de disputa.

Libertar, mas de quê?
Lutar, mas a favor de quem?
Mudar, para quê?
Conhecer, para transformar
ou apenas para adaptar?

Entre perguntas e esperanças,
a educação permanece suspensa, insuspeita
não como promessa certa,
mas como crença,
como possibilidade viva.

Um espaço onde o humano
pode ainda reinventar-se,
entre a queda e o voo,
cair e levantar-se
fitando a memória e o porvir.

Mas no presente, inquieto, inconcluso e denso,
em tempos de incerteza e tensão,
a educação é mais que instrumento
é um campo em transformação,
que se constrói em vozes múltiplas de pensamento.

@revistaconexaoliteratura



**Na aurora da pós-modernidade
ergue-se a fé na educação,
como caminho de liberdade,
vencer o peso da alienação,
uma vereda de outra forma de compreensão.**

**Pois, entre o passo que quer partir
e o gesto que insiste em voltar,
num tempo em constante mutação,
vive o humano a construir
o que ainda pode se tornar.**



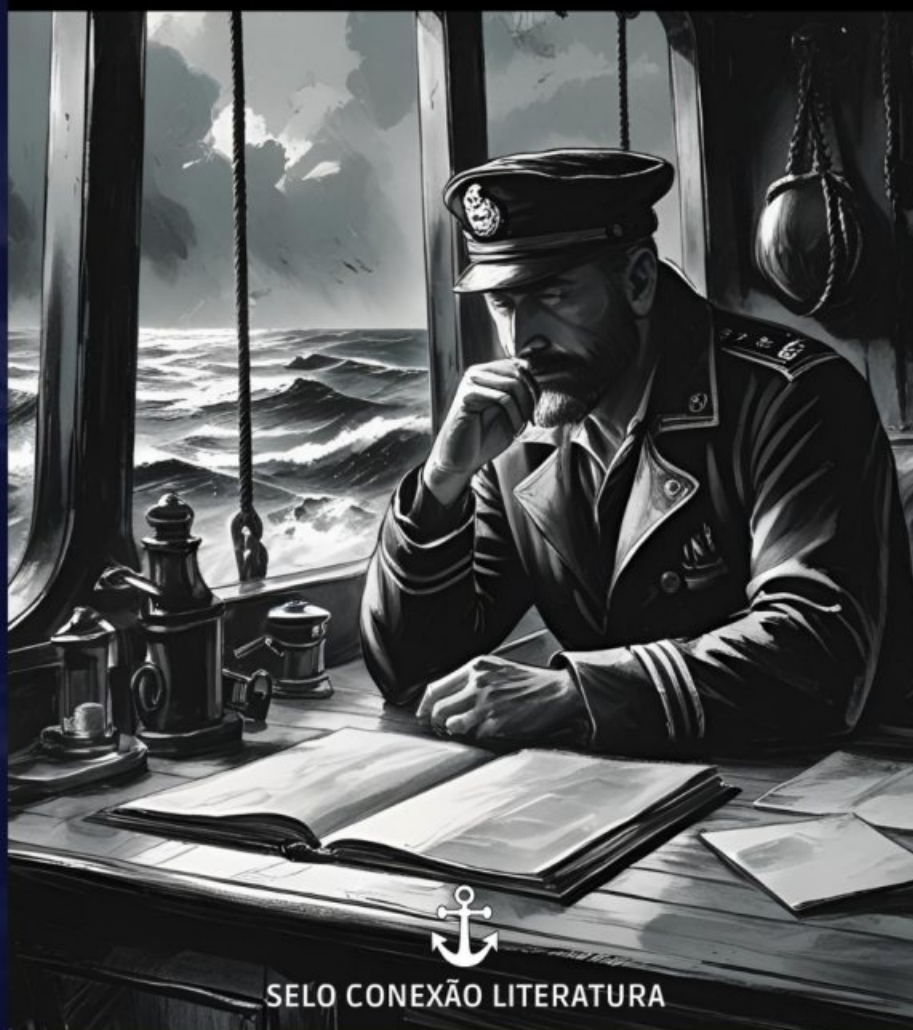
Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.

@revistaconexaoliteratura



A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saía cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)

PODER SONHAR COM ESTRELAS

Por Edmar O. Santos

Se for verdade que somos feitos do mesmo material do qual são feitos os sonhos, como disse um poeta.

Se for verdade, também, que somos quimicamente formados com as mesmas substâncias das estrelas; somos pó de estrelas, dizem os cientistas.

Então que seja sempre possível isso: sonhar indo para as estrelas, como dizem os contos. Desejar sempre sonhar e ir.

Foguetes? Bem... a ciência já os fez, mas não gosto deles. Não me parecem poéticos, apenas científicos.

Olhar para o céu antes de dormir; impossível se sentir sozinho; como na letra de uma música que já ouvi. Bem melhor assim, poder dormir e sonhar.

Então todas as manhãs, lembrando dos sonhos, “esperançar” e esperar o dia de os tornar reais.

Seguir vivendo a realidade sem limitar o pensamento: pés no chão, mas cabeça ao alto. Tal como a imagem do quadro que uma artista pintou lá pelo ano de 1928.



Edmar de Oliveira Santos, nascido em 1972, Fortaleza-Ce. Psicólogo, psicanalista e licenciado em pedagogia.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

UNIVERSO DA POESIA

VOL. VIII

UNIVERSO DA POESIA

E-BOOK



VOL. VIII

Seleção
CONEXÃO LITERATURA

Organização
ADEMIR PASCALE

saiba mais: clique aqui

DEGRAUS DE VIDA



POR MÓNICA PALACIOS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Tem refletido sobre isso?

Resolvi perguntar a diferentes pessoas sobre a sua percepção da vida e fiquei muito abismada ao escutar que a vida é uma escada; cada momento ou ciclo, um degrau; a vida é um mistério; a vida é uma graça de Deus; a vida é uma surpresa desde que nascemos até partir.

Bom, fiz o levantamento e poderia escrever tantas páginas que não acredito que seja necessário.

Resolvi, nesta história de vida, exemplificar o dito e até o sugerido. Depois, vocês me digam se a vida não é **uma infinita quantidade de vidas**.

Ela também era descendente de indígenas, aquelas populações que agora, modernamente, resolvem chamar de povos originários. Pois é. Esposa do cacique, respeitosa e conhecedora de seus direitos, obrigações e cuidados, vivia quase silenciosa até...

Nessa aldeia, havia mulheres tecelãs; outras trabalhavam a palha, fazendo cestas únicas; havia as que sabiam da arte da pintura; as mais pacientes cuidavam das crianças. Vão percebendo as vidas superpostas? Ainda falta, calma...

Eles, distantes desses afazeres, se concentravam na elaboração de lanças, cocares, nas plantações e no controle de suas terras. Continuem contando quantas vidas se vão sobrepondo...

Ela não desistiu de reivindicar direitos...

Mas as cidades avançam, e eles começaram a se sentir invadidos, pouco respeitados, não só por ambições desmedidas, senão por falta de conhecimento de sua cultura.

Ela, a esposa do cacique, não vacilou: chegou à prefeitura da cidade próxima e apresentou todas as reclamações. Não bastando isso, organizou uma roda de mulheres, indígenas e brancas, para conseguir que a aldeã seja aldeã e que os brancos consigam manter as suas prioridades culturais.

Não foram precisos muros nem cercas; tudo estava determinado pela postura segura, cívica e humana dela.

Poderia continuar, mas... já conseguem imaginar quantos e quantos degraus ainda faltam identificar na vida?

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminosa da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



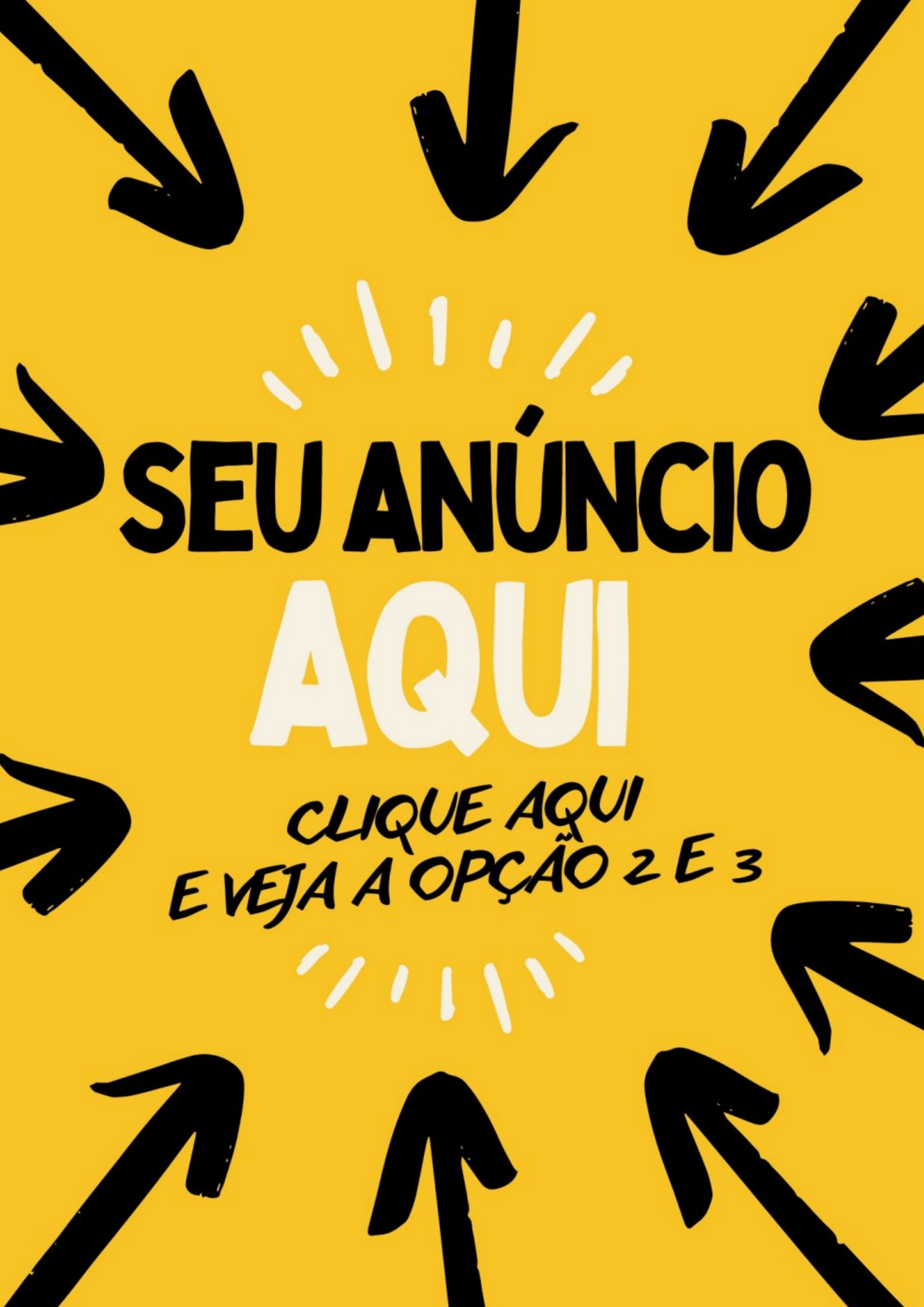
Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

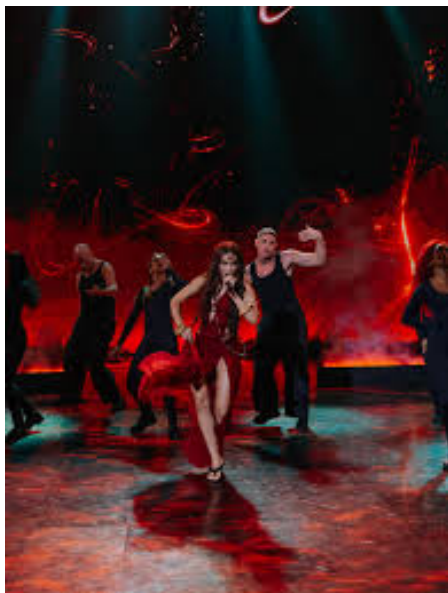
★ MEIA-NOITE ★ E A ENERGIA ENIGMÁTICA DAS POMBOGIRAS



CRÉDITO DAS IMAGENS: ARQUIVO PESSOAL DE ALINE LOURENÇO

POR ALINE LOURENÇO

Quem nunca ouviu falar delas? As pombogiras. Figuras enigmáticas para o mundo fora a parte das Religiões de Matriz Africana. Agô! O que vou falar aqui é de extrema observação à letra de música Meia-noite da cantora Anitta, apresentada dia 16 de abril em seu novo álbum Equilibrium, com a entidade espiritual pombogira pela visão popular. Pois, sendo membro de matriz africana, primeiramente, peço respeito aos meus mais velhos, para escrever sobre tal entidade, para que a apresente seguida pela letra de música e descobriremos este enigma.



Seguimos o início:

“No fim do dia, noite guia

Sumo na fumaça

É porque tem fogo na barra da minha saia

Bate o vento e o tempo fecha não me abala

Pemba e pimenta na ponta da minha fala

Fala”

Então, o enigma já começa no nome. Dito por muitos artigos, livros e estudiosos da religião, a palavra pombogira vem de origem do povo Banto de Angola “Pamboanidila”, que traz como significado encruzilhada.

Alguns dizem que são feiticeiras, encantadas, como também, guardiães.

Na letra a expressão “No fim do dia, a noite guia” é o momento em que a energia começa a se manifestar, sugerindo ser o horário da meia-noite para estar presente num lugar.

Logo, essa energia que surge é quente, tão quente que acende o fogo na Barra da saia, pois a sensação que a noite é de descontrole, mesmo com vento e o tempo fechado, nada a impede de seguir.

“Pemba e pimenta na ponta da minha fala

Fala”. Pemba é uma espécie de giz usado como escrita simbólica que serve como canal de vibração e proteção. Na letra ela está associada a fala, como a pimenta. Ambos atuam como conexão ao mundo espiritual. Em se tratando da fala, sabemos que as pombogiras possuem o poder da comunicação, mostrando soluções para resolver problemas e atuam à noite, por ser o horário de maior vibração energética.

Sigamos:

“No pé do ouvido

Me chama pra fazer (uh-uh-uh)

No pé do ouvido

Me chama pra ser seu amor”

A vibração da noite é como um convite de forma íntima, atrativa e sedutora, guiada por uma proposta que tanto pode ser um encontro momentâneo, como algo que pode ser frequente em sua vida, igual a um relacionamento amoroso.

“Depois da meia-noite, eu vou sair

Porque a rua é logo ali, o meu lugar é lá

Deixa ela passar”

Aqui vemos a liberdade do poder feminino presente no campo energético da pombogira, projetando na essência da mulher e resultando no empoderamento para ocupar de um lugar que ela sabe que é dela. Por isso, ninguém deve impedir.

“Prepara pra eu chegar, aceita

Tem que respeitar

Deixa ela passar

Porque quem não deixa se arrepende e quer voltar

Aceita, respeita”

Finaliza mandando preparar o lugar para ela chegar, sem impedimento para sua passagem. E ainda alerta: *“Porque quem não deixa se arrepende e quer voltar”*. Muitas coisas acontecem quando essa energia chega em terra. A pombogira entra e sai quando desejar, sem impedimento de ninguém. Faz seus seus trabalhos, servindo como conselheira e mensageira, dando soluções para vida de quem procura sua energia.

“Tem que respeitar...

“Aceita, respeita”

São versos na canção, um recado para àqueles que tentam proibir ou atrapalhar a chegada dessa energia. Pois ela só vem em terra, quando é chamada e, assim que chega, quer ser tratada com muito respeito. Conforme toda mulher que tem liberdade de escolhas, de vida, de fala e de comportamento devem ser aceitas pela forma libertina que vivem.

O enigma da pombogira gira em torno da essência feminina de cada ser, mesmo ela sendo muitas vezes vista com sexualidade, sua forma de colocar em ação algo muito sério que ela em terra, onde ela foi chamada para solucionar.

Respeita!

Crédito das imagens: Aline Lourenço

Aline Lourenço, professora e escritora da Prefeitura de Itaguaí, formada em Letras e em Formação de Escritores na UFRJ pela ABL Academia Brasileira de Letras 2025 , Pós-Graduando Relações Étnicas Raciais em Educação Antirracista É membro da Academia de Ciências Artes e Letras de Saquarema e do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal. Recebeu vários prêmios Literários.

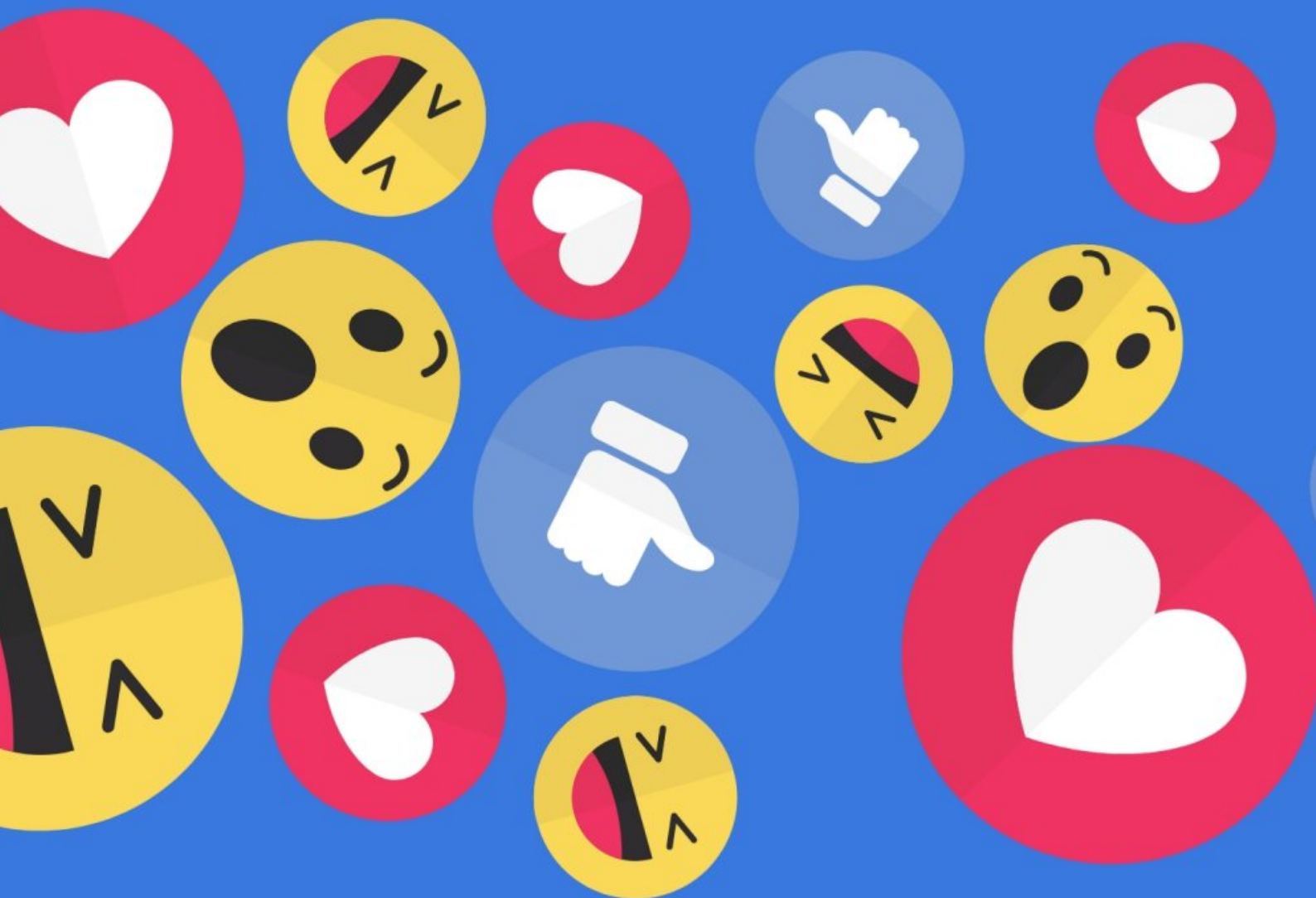
Siga-nos

no

INSTAGRAM

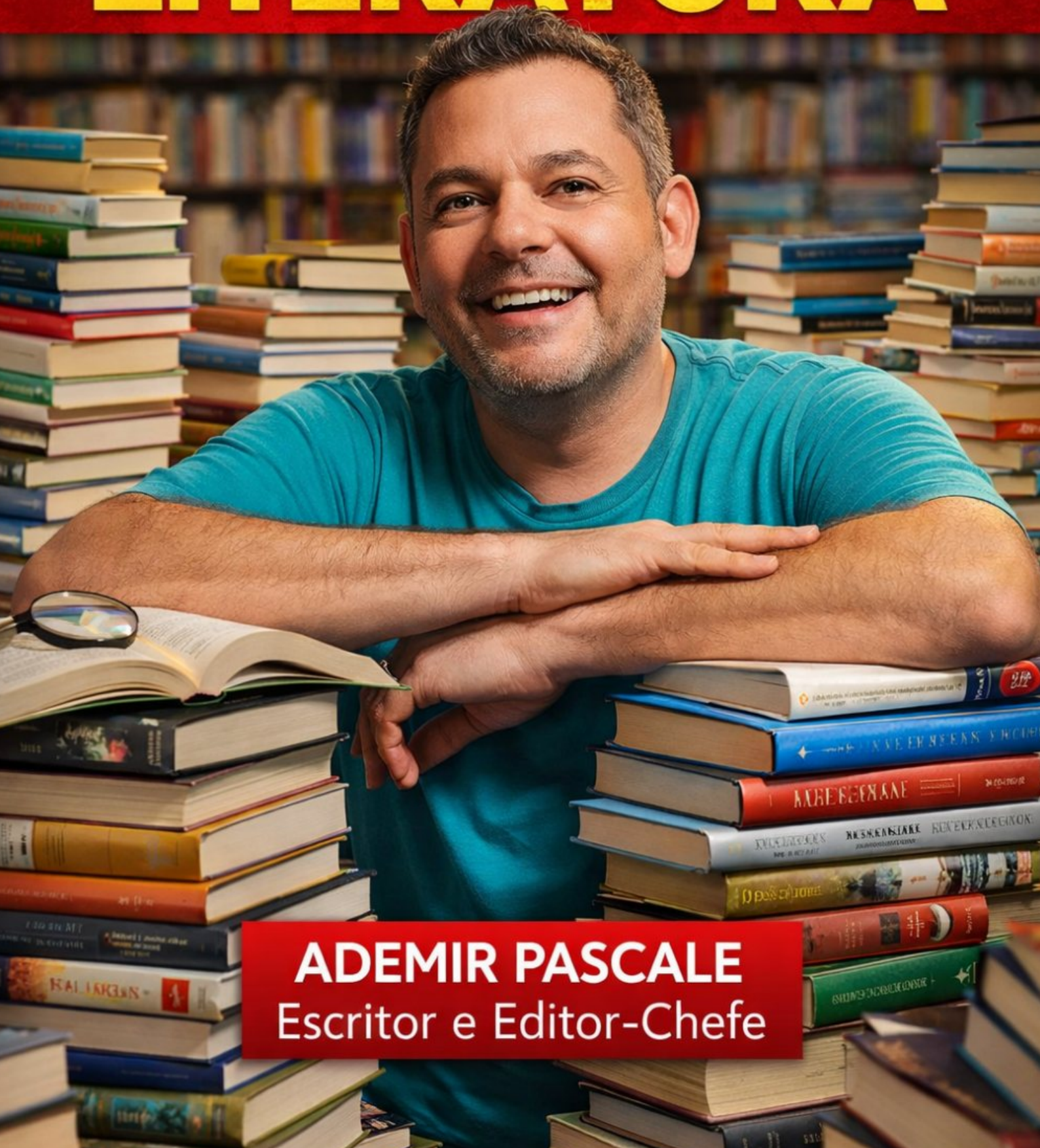


@REVISTACONEXAOLITERATURA



REVISTA

CONEXÃO LITERATURA



ADEMIR PASCALE
Escritor e Editor-Chefe



ARTIGO

A DRAMATURGIA DO REAL E A REIVINDICAÇÃO DA IDENTIDADE:

O TEXTO TEATRAL “FEGUES”, DE LUCIANO OLIVEIRA E A LITERATURA COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO E ALTERIDADE

Por José Flávio da Paz*
Hiago de Paiva Cardoso**



“

Exploramos como o teatro e a literatura se entrelaçam para promover o reconhecimento do outro, a valorização das diferenças e a construção de novos olhares sobre o mundo.

”



SOBRE O ARTIGO

Uma análise sobre o papel transformador do teatro e da literatura na formação de sujeitos críticos, por meio da obra “Fegues”, de Luciano Oliveira.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Resumo O presente artigo discute a intersecção entre a "Dramaturgia do Real", o depoimento autobiográfico e a representação da homoafetividade na literatura e no teatro brasileiro contemporâneo. A partir da análise das fontes teóricas e do texto teatral *Fegues*, de Luciano Oliveira, busca-se compreender como a exposição da subjetividade do ator e a "escrita de si" funcionam como atos políticos de resistência contra o silenciamento e a violência. O estudo também estabelece uma ponte pedagógica, propondo a utilização de textos dramáticos calcados na realidade como ferramentas de ensino no Ensino Médio, visando o desenvolvimento da empatia, o combate à homofobia e a educação para a alteridade.

Palavras-chave: Teatros do real; depoimento autobiográfico; homoafetividade; Fegues; educação básica.

Introdução

O cenário artístico contemporâneo tem sido marcado por um movimento de aproximação radical entre a arte e a vida. O que se convencionou chamar de "Teatros do Real" ou "Teatro Performativo" não busca apenas a mimese da realidade, mas a irrupção do vivido no espaço sagrado do palco. Dentro dessa perspectiva, o depoimento autobiográfico emerge não apenas como técnica cênica, mas como uma estratégia política de visibilidade, especialmente para grupos historicamente marginalizados, como a comunidade LGBTQIA+.

O texto teatral *Fegues*, do professor universitário Luciano Oliveira, exemplifica essa tendência ao transpor para a cena as dores, desejos e memórias de artistas homossexuais na periferia de Porto Velho, Rondônia. Ao mesmo tempo, a literatura brasileira demonstra um percurso evolutivo que parte da marginalização patológica para uma autoafirmação identitária. Este artigo argumenta que a união entre a dramaturgia do real e a análise literária da homoafetividade oferece um recurso pedagógico potente para o Ensino Médio, capaz de humanizar o "Outro" e desconstruir preconceitos estruturais.

Dramaturgias do real, o compartilhamento do "eu" e a perspectiva narrativa da homossexualidade na literatura brasileira

A base do fazer teatral contemporâneo reside na superação do drama tradicional em direção ao evento e à performance. Nessa transição, o ator deixa de ser meramente o porta-voz de um autor ausente para tornar-se coautor de sua própria presença cênica. Como aponta Daniel Furtado Simões da Silva, o processo de criação no Teatro do Real exige uma seleção ética e estética do que é relevante para vir a público.

Sobre essa mudança de paradigma, Silva explica:

A partir do momento em que vemos no palco um ator que não é apenas intérprete das palavras de um outro, mas que dá voz às suas próprias sensações, pensamentos e experiências de vida, há um tensionamento entre ficção e realidade: o ator deixa de personificar um personagem e se torna uma pessoa, abandona o papel de narrador e instaura um diálogo com o público; a cena deixa de citar

o real, abrindo-se para que uma fatia da realidade irrompa e se instale. (Silva, 2016, p. 18).

Esse fenômeno instaura o que Philippe Lejeune denomina "pacto referencial", onde o espectador é convidado a aceitar que o que é narrado possui uma conexão verificável com a vida privada do performer. No caso de temas sensíveis como a homoafetividade, esse pacto transforma o palco em um tribunal de denúncia e em um altar de confissão, onde o corpo do ator é o *locus* da memória indizível.

Para compreender o impacto de obras como *Fegues*, é necessário olhar para o retrovisor da literatura nacional. Por muito tempo, a homossexualidade foi tratada sob o viés do "exotismo", da "doença" ou da "ambiguidade". Obras canônicas como *Bom Crioulo* (1895) de Adolfo Caminha foram pioneiras, mas ainda presas a determinismos da época.

A evolução dessas narrativas reflete as mudanças nas relações de poder e na ocupação do "lugar de fala". Conforme discutido nas fontes, a multiplicidade de vozes é essencial para romper com o regime de autorização discursiva que privilegiava o homem branco e heterossexual. No contexto contemporâneo, a "escrita de si" ganha contornos de urgência política:

[...] atualmente, principalmente em razão de questões de ordem política quanto às pessoas homoafetivas e suas experiências de vida relacionadas ao registro literário, artístico e/ou histórico, a escrita de si toma outra dimensão: ela deixa de se referir unicamente a uma forma específica de dizer o si e o outro e passa a encampar esse si mesmo na perspectiva do homoafetivo que se re-presenta não e unicamente a si mesmo na dimensão literária, mas estabelece politicamente uma re-representação de sujeitos e estilos de vida homoafetivos, sendo porta-voz de toda uma subjetividade que se vê visibilizada [...]. (Silva, 2014, apud Vilela; Bressan, 2020, p. 99).

Essa visibilização é de suma importância, pois retira o sujeito homossexual do gueto dos "estudos de risco" ou do estigma exclusivo da AIDS, comum na literatura dos anos 80, e o insere na totalidade da experiência humana, com sonhos, frustrações familiares e busca por afeto.

"Fegues": um texto-denúncia, a humanidade ferida e a aplicação pedagógica, ou do teatro como cuidado de si e do outro

Luciano Oliveira, ao escrever *Fegues*, utiliza o "aportuguesamento" do termo pejorativo *fags* para subverter o insulto em identidade. A obra não oferece soluções mágicas ou finais felizes de conto de fadas; ela pretende incomodar e provocar o confronto com a violência doméstica, o *bullying* escolar e a pressão religiosa.

Jussara Trindade, na apresentação da obra, destaca a universalidade dessas dores:

Penso, ou percebo, ou sinto, ou suponho, na tentativa de encontrar uma resposta, que as narrativas pessoais dessas “fegues”, em sua cruel naturalidade, denunciem talvez algumas das inúmeras brutalidades vividas desde sempre por mulheres de todos os tempos e lugares. Violências que, até pouco tempo, eram ignoradas (consciente ou inconscientemente) pelas mais distintas sociedades [...] colocando a público, com frequência jornalística, assuntos historicamente restritos à esfera privada. (Trindade, 2021, apud Oliveira, 2021, p. 47).

A obra expõe, por exemplo, a interseccionalidade na figura de Nêgo, uma “fegue” preta e pobre que enfrenta o racismo e a homofobia de mãos dadas. As cenas de abuso sexual infantil e a intolerância materna, como constatada na expressão: “No dia que você for gay eu te mato e me mato junto!”, servem como espelho de uma sociedade que ainda utiliza a moral cristã como ferramenta de castração e ódio.

No contexto do Ensino Médio, a utilização de *Fegues* e da literatura homoafetiva não deve ser vista apenas como conteúdo artístico, mas como um exercício ético. A pedagogia teatral, inspirada na “via negativa” de Grotowski e no superobjetivo de Stanislavski, foca no desenvolvimento do sujeito integral.

Trabalhar esses textos em sala de aula permite que o aluno infantojuvenil desenvolva a alteridade. Quando Renato, em *Fegues*, narra sua experiência como policial militar homossexual que perde o parceiro e sofre perseguição, ele desconstrói o estereótipo do homossexual como figura cômica ou frágil, apresentando a complexidade da vida adulta.

Sobre a função da pedagogia teatral como formação do ser, as fontes indicam:

[...] reconhecer como marco histórico o Teatro, as práticas e, sobretudo, as escritas deixadas pelo diretor russo [Stanislavski], constituem não somente um caminho possível como uma necessidade para a compreensão — ainda que parcial — das questões relativas à Pedagogia Teatral contemporânea. (Fontes, s.d., p. 119).

Portanto, ao encenar ou ler *Fegues*, o estudante é levado a uma “fase de reconhecimento” e de “descoberta de si” através do espelho do outro. É uma oportunidade para discutir o *bullying* (visto na Cena VIII) e as violências subjetivas que permeiam os corredores das escolas.

Considerações finais

A dramaturgia contemporânea e a literatura de temática homoerótica, ao abraçarem o real e o autobiográfico, deixam de ser entretenimento para se tornarem documentos humanos de valor inestimável. O texto *Fegues* é um grito que exige o direito de existir, transmutando a dor individual em consciência coletiva.

Ao integrar estas e outras obras do gênero na educação básica, não estamos apenas cumprindo diretrizes de diversidade, mas oferecendo aos jovens a chance de exercer a empatia de forma radical. Afinal, como as fontes demonstram, contar de si em tempos de superficialidade e preconceito é um ato poético potente e necessário, capaz de transformar a sala de aula em um espaço de cura e justiça social.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo no Teatro da Vertigem. **Sala Preta – Revista de Artes Cênicas**, São Paulo, n. 6, p. 127-133, 2006.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- OLIVEIRA, Luciano Flávio de. **Fegues**. São Carlos: Scienza, 2021. 134 p.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SILVA, Daniel Furtado Simões da. Dramaturgias do real e depoimento autobiográfico: compartilhamento do eu. **Cadernos Literários**, n. 24, p. 1-42, 2016.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev. atual. amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- VILELA, Mateus Dias; BRESSAN JÚNIOR, Mario Abel (Orgs.). **Redes, conexões e memória: os espaços da mídia, literatura e cultura**. Alumínio, SP: Jogo de Palavras, 2020. 135 p.

SOBRE OS AUTORES:

* **José Flávio da Paz** é Pós-Doutor em Psicologia (UFLO/Argentina) e em Ensino de Ciências e Humanidades (UFAM/Brasil), sendo atualmente Pós-Doutorando em Educação (UniLogos/EUA). Doutor em Estudos Literários (UNEMAT), possui mestrados em Letras (UNIMAR) e Estudos Literários (UNIR), além de diversas especializações em Linguística, Literatura, Artes, Direito e Pedagogia. É graduado em Letras (Português, Libras, Inglês e Espanhol), Educação Especial e Pedagogia por instituições como Unifap, UFSC, UniCV e IPEMIG. No âmbito institucional, é membro de diversas academias de letras, incluindo a ALCAAB (Amazônia), a ALB (Brasil) e a Academia Independente de Letras (AIL). Sua contribuição intelectual foi reconhecida com três títulos de Doutor Honoris Causa (Literatura, Patrimônio Histórico e Direitos Sociais) e honorarias como a Cruz do Mérito Acadêmico, Profissional e da Educação pela Câmara Brasileira de Cultura, além do título de Cidadão de Macapá. Atualmente, exerce as seguintes funções: Diretor do Centro Cultural, Educacional e Tecnológico para a Paz (FAPAZ); Professor Permanente do PPGL/URCA, Professor Associado (Pro Bono) da UniLogos (EUA) e docente na FAMEN, Faculdade Fasipe Sorriso e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte-IFRN Campus São Paulo do Potengi. É Pesquisa: Líder do Grupo de Pesquisa em Práxis Transformadora em Educação (FAMEN/CNPq) e membro do grupo de pesquisa internacional Brasil/Cabo Verde (UERJ/CNPq). CV: <https://lattes.cnpq.br/5717227670514288>. E-mail: jfp1971@gmail.com.

** **Hiago de Paiva Cardoso** é mestrando em História da Amazônia (PPGHAm/UNIR) e graduado em História pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), com especialização em Educação e Gestão Educacional pela Faculdade Porto. Atualmente, atua como assistente de pesquisa na UNIR e leciona as disciplinas de História, Sociologia e Filosofia em instituições como o Colégio e Centro de Ensino Classe A, além dos cursos pré-vestibulares Bizu e Equipe Enem. Possui experiência na área de Antropologia, com ênfase em populações afro-brasileiras, pesquisando principalmente os temas: religião, identidade, representações e cultura. CV: <http://lattes.cnpq.br/3127561396143773>. E-mail: hiago.unir@gmail.com.



À MODA ANTIGA: ELEGIA AO DILÚCULO

POR EVA MARIA Z. GRIEP



A alvorada desperta na alma dos vates
Uma lúgubre vontade, enquanto um austro suave
atravessa campos floridos, onde uma aragem leve e
refrescante perpassa o ar.
A seiva escorre lentamente nos caules das frondosas
árvores do bosque escondidas pela bruma da manhã.
A água límpida do rio traslada de um lado à outro barcos
e barcaças na faina diária.
Lírios brancos, margaridas amarelas, flores silvestres
ondulam nas margens do rio deixando-se vergar pelo vento
inclinando levemente como em um cumprimento à natureza.
Pássaros riscam o céu matutino.
O dia que começou escondido na bruma da manhã,
agora lança seu olhar solene sob um sol que o frescal da
manhã ainda socorre.
O céu de um cerúleo suave esconde nuvens dançantes.
Na paisagem ao fundo vê-se montanhas vestidas de
cores lavandas e douradas.
Que o vento leve o que escrevo onde o dilúculo alcança.
Que a quietude do Outono traga um hino de amor
A bruma desce
O rio bebe a terra
Que segredo carregas?

Eva Maria Zorzo Griep é Professora aposentada, formada em Pedagogia. Leitora desde o início da vida escolar, sempre encontrou nos livros um espaço de aprendizado e sensibilidade. A escrita é a sua forma de observar o mundo.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

Como te amei

Por Roberto Ferrari – Poeta e Escritor

Oh! como te amei! Todas as minhas noites solitárias
Gastei-as com sonhos que me lembravam de ti!
Falava com as estrelas do firmamento
Ouvia-te no ribombar das ondas
Oh! Como te amei! Do mais profundo íntimo do meu ser
Um amor imenso, eterno dedicado a ti
Era um viver a tua procura.

Querida! Como te amei!
Teu sorriso era sinônimo de paixão
Teu coração sangrava de emoção
Hoje te procuro nos meus sonhos
Peço a estrela que me guie
E canto teu nome em cada verso de amor
A Lua e as nuvens são minhas confidentes
Desta louca paixão.

Mulher! Como te amei!
As lágrimas derramadas
Uma vida desaparecer na loucura...
Nem o sol, nem o céu, nem as flores
Tudo se desfez sem ti...
Mulher! Como te amei!



Roberto Ferrari nasceu em São Paulo no ano de 1957, e aos 54 anos de idade resolveu seguir sua real vocação: Escrever. Roberto Ferrari iniciou sua carreira literária em 2011 e já publicou diversos livros. Neste ano de 2026 estreará sua peça de teatro Gaslighting – Faces do Amor, começando sua carreira de dramaturgo.

Camelot da Távola Redonda

Por Flávio Joppert



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CAMELOT DA TÁVOLA REDONDA

NO SÉCULO XII WACE INICIA
UMA SÉRIE DE POEMAS QUE
CONSTITUIRÍSE-LAM NAS LENDAS
ARTU-

-RIANAS.

ESSAS,

PASSADAS

NOS SÉ-

CULOS V

E VI,

REI ARTHUR REINAGUINEVERE

COMPÕEM A SAGA BRITÂNICA

CONTRA A OCUPAÇÃO SAXÔNICA

ARTHUR INSTITUI UMA SOCIEDADE

DE CAVALERESCA DA TÁVOLA RE-

DONDA. FORMADA PELA WHITE



DE CAMELOT. COM O PASSAR DOS ANOS GRETEN DE TROYES INICIA UMA FASE MISTICA E ESPIRITUAL. ALGUNS CAVALEIROS PARTEM



EM

BUSCA GALAHAD DO SANTO GRAAL, 3 OBTÊM SUCESSO, APENAS



BOORS

PERCIVAL RETORNA

COM VIDA.

ESSA BUSCA REPRESENTA A PUREZA, PERFEIÇÃO, E JORNADA BOORS AO EU INTERIOR



+

DE ENCONTRO COM A ESPIRI-
-TUALIDADE. INFLUEN-
-CIANDO ORDENS ES-
-TÉRICAS. O SÉCULO
XII CARACTERIZADO
PELA HERÁLDICA TEM



FONTES
QUE 3 HANCELOT
CAVALEIROS POSSUEM
BRASÕES HISTÓRICOS
ATRIBUÍDOS.



CAMELOT

GAWAÏN SE PASSA
NO SÉCULO VI, MO-
-MENTO DE MUDAN-
-ÇAS ESTRUTURAI-
-S.



ENCONTRA SEU DE TRISTAN
-CLINIO NUM CONFLITO



INTERNO. O MUNDO DA ENTE DOS
CAVALHEIROS SERÁ DESTRUIDO POR
MARK REI DA CORNUÁLIA.

CAMELOT É DESTRUIDA
POR UM WEIRODO NÃO CAVA
VELHO. MUNDO ANTES DA
TÁVOLA REDONDA
HAVIA A ORDEM



CONSTANTI- REIMARK DA -NIANADE
SÃO JORGE. CORNUÁLIA QUANDO AS

SAGAS COMEÇAM A SER ESCRITAS
JERUSALÉM, TEMPLÁRIOS, S. LAZARO,
E SANTO SE PUKRO JÁ EXISTIAM. FOI
UM COMPROMISSO COM A SITUAÇÃO
CONFLITANTE DAS CRUZADAS. DEPOIS
DA TÁVOLA REDONDA SURGIRAM OS
TEUTÓNICOS, CALATRAVA, E SÃO TIAGO.
P/FLAVIO JOPPERT-HERALDISTA CALH-IAAH





Foto: Flavio na
Niteroiense de Letras

SOBRE O AUTOR: Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



Entrevista exclusiva com Raquel Fiori

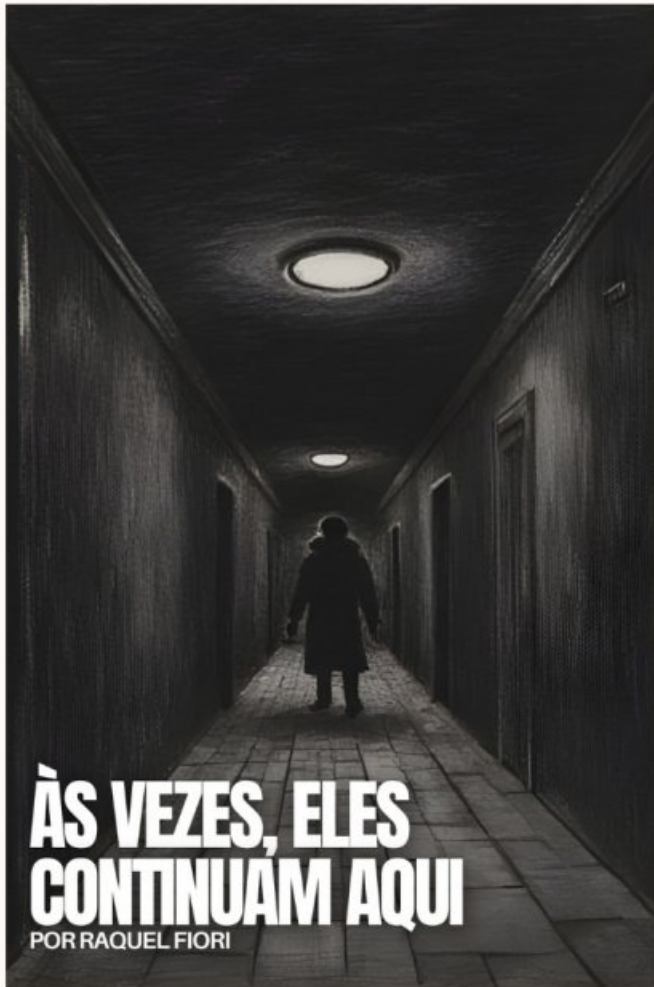
POR ADEMIR PASCALE



Raquel Fiori - Foto Divulgação

Raquel Fiori é educadora e pesquisadora com sólida formação em Química pela PUCRS, onde concluiu licenciaturas, bacharelado e formações tecnológicas. Possui Especialização e Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA/UFRGS), além de Doutorado em Educação Química pelo PPGQVS/UFRGS. Ao longo de sua trajetória profissional, atuou como Especialista em Saúde no Laboratório Central do Estado. Mesmo após a aposentadoria, segue contribuindo ativamente como Conselheira Federal no Conselho Federal de Química. Neste momento de sua trajetória, direciona-se com entusiasmo ao universo da escrita, abraçando-a como um novo campo de expressão e impacto. Busca, por meio das palavras, ampliar significativamente o alcance de suas ideias, experiências e conhecimentos, conectando-se com públicos diversos e fortalecendo ainda mais sua contribuição para a educação e a divulgação científica.

Revista Conexão Literatura: No conto “Às vezes, eles continuam aqui”, o prédio parece ter uma “consciência” própria. De que forma essa ideia dialoga com a formação científica de Raquel Fiori, especialmente em áreas que lidam com observação e análise da realidade?



Raquel Fiori: com a sensibilidade para transformar a observação técnica em uma vigilância sobrenatural, onde o ambiente deixa de ser um cenário passivo para se tornar um agente ativo e observado.

Revista Conexão Literatura: A personagem Malvia confia em dados objetivos e relatórios técnicos. Como esse perfil racional entra em conflito com os acontecimentos inexplicáveis que ela vivencia?

Raquel Fiori: o conflito central surge do choque entre a segurança do método científico e a imprevisibilidade do sobrenatural, o medo é maior

porque ela compreende que, pelas leis da ciência que professa, aquilo que está acontecendo não deveria ser possível.

Revista Conexão Literatura: O tema da observação é central na narrativa (câmeras, presenças, o prédio). Que crítica ou reflexão o conto sugere sobre vigilância e percepção?

Raquel Fiori: o conto de terror psicológico reflete sobre os limites da percepção humana sugerindo que, em um mundo saturado por câmeras e registros, corremos o risco de nos tornarmos "propriedade" dos lugares e sistemas que nos vigiam, perdendo a autonomia sobre nossa própria imagem e realidade.

Revista Conexão Literatura: Como o ambiente do prédio centenário contribui para a construção do terror psicológico presente na história?

Raquel Fiori: o prédio representa o passado que se recusa a morrer e que agora utiliza a tecnologia do presente para continuar existindo e se alimentando, tornando o ambiente de trabalho de Malvia em um labirinto psicológico do qual ela não consegue escapar.

Revista Conexão Literatura: A frase "ele se alimenta de quem o ouve" sugere uma relação entre atenção e existência. Como essa ideia se

desenvolve ao longo do conto?

Raquel Fiori: a ideia se desenvolve mostrando que, no universo do conto, existir é ser percebido. Quanto mais Malvia tenta usar sua lógica para entender (ouvir/observar) o prédio, mais ela o nutre, até que a fronteira entre quem observa (ela) e o que é observado (o prédio) desaparece completamente.

Revista Conexão Literatura: Considerando a trajetória de Raquel Fiori como pesquisadora e educadora em Ciência e Tecnologia, como o conto mistura elementos científicos com o sobrenatural?

Raquel Fiori: o conto mistura esses mundos ao tratar o sobrenatural não como algo "mágico", mas como uma anomalia técnica dentro de um sistema físico, se transformando em campos de experimentação onde o próprio cientista acaba sendo a amostra analisada.

Revista Conexão Literatura: O momento em que Malvia vê a si mesma na câmera é um dos mais impactantes. O que essa cena revela sobre identidade e consciência?

Raquel Fiori: essa cena é o ponto de ruptura do conto e funciona como uma metáfora poderosa sobre a fragmentação da identidade na era digital e técnica, pois reside na

percepção de que a consciência do observador foi sequestrada. Malvia deixa de ser o sujeito que analisa os dados para se tornar um dado distorcido no sistema.

Revista Conexão Literatura: A autora inicia sua atuação na escrita após uma carreira consolidada na área científica. De que forma essa transição pode influenciar a profundidade temática e simbólica do conto?

Raquel Fiori: essa bagagem científica influencia a profundidade do conto ao trazer um realismo técnico que torna o horror muito mais palpável e simbólico, utilizando a escrita como um novo laboratório para testar os limites da consciência humana frente ao inexplicável.

Revista Conexão Literatura: Ao final, há a sugestão de que Malvia está sendo "absorvida" pelo prédio. Esse desfecho pode ser interpretado como uma metáfora? Se sim, do quê?

Raquel Fiori: sim, o desfecho de "Às vezes, eles continuam aqui" é uma metáfora poderosa e multifacetada. A "absorção" de Malvia pelo prédio transcende o gênero do terror para comentar sobre a condição humana na modernidade. O final sugere que Malvia foi vencida pelo ambiente. Sua tentativa de manter a racionalidade e o isolamento técnico falhou, e o prédio

– símbolo da rotina, da vigilância e do passado – finalmente a integrou à sua estrutura eterna.

Revista Conexão Literatura: Seu conto foi publicado na edição de abril, nº 130 da Revista Conexão Literatura. Como foi para você ver esse trabalho integrado a uma revista literária e alcançar novos leitores?

Raquel Fiori: esta publicação é o reflexo de um movimento de "direcionamento entusiasmado ao universo da escrita". Ver o trabalho integrado a uma edição temática é a concretização de que o conhecimento técnico, quando lapidado pela criatividade, pode gerar um impacto cultural profundo e duradouro. Agradeço a Revista Conexão Literatura por abrir espaços para vozes que trazem narrativas profundas ao público para que eles testemunhem como a ciência e o sobrenatural podem dialogar.

Revista Conexão Literatura: Para os leitores que se interessaram pelo seu trabalho e desejam conhecer mais sobre sua trajetória e escrita, por onde podem acompanhar você?

Raquel Fiori: para os leitores que desejam acompanhar essa intersecção entre ciência, tecnologia e literatura, podem seguir no instagram :@aquimicainterativa.<https://www.instagram.com/aquimicainterativa>



CRÔNICAS DE DREYVA A INVOCAÇÃO DE DARKLORD

POR P. H. ARAUJO

Em um mundo medieval, com muitos reinos e castelos, surgirão seres estranhos, oriundos de criações malignas... e as defesas normais dos exércitos não conseguirão fazer frente a essas ameaças.

Maycon e dakkar, aspirantes do exército local, com suas armaduras, vivem nos campos de Avalon, cuidando de seus animais, quando irrompem criaturas, com formato de lobo, em pé sobre as patas traseiras, extremamente poderosas, atacando a população...??? O Que fazer com simples espadas?

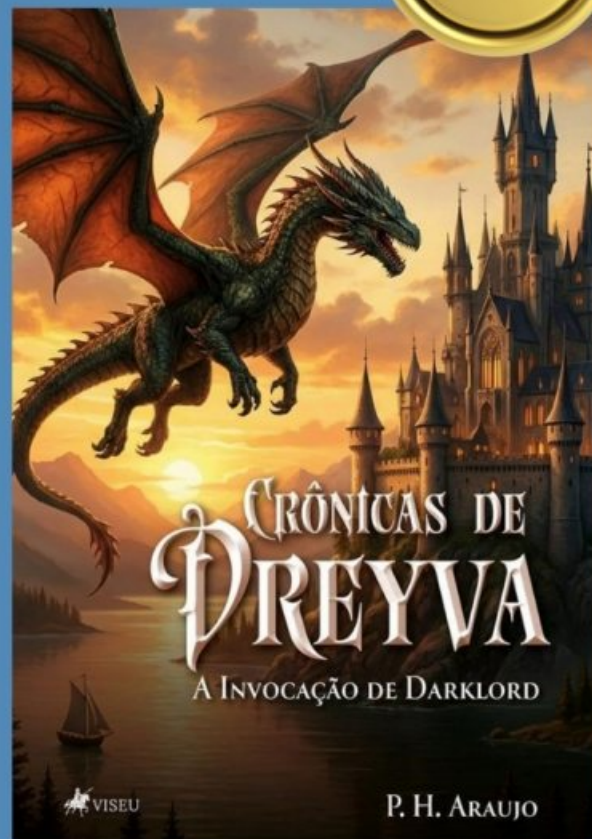
Em darínia, reside syndel, com sua fiel águia, faísca, uma arqueira de elite, que decidirá percorrer o mundo para um destino ignorado.

Mikeas, da velha escola de magia, dos nomas, decide se aventurar pelo mundo e vai encontrar o garoto adam, que se tornará seu companheiro de jornada, além do bardo, dreyfuss, com sua harpa mágica.

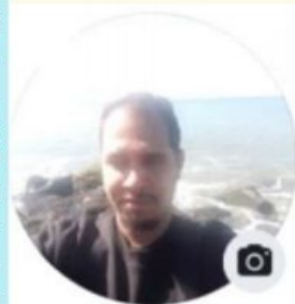
As armadilhas do destino, juntarão essas forças e outras pelo caminho, para enfrentar criaturas extremamente poderosas, todas se afunilando EM SEU objetivo final: a entrada de darklord no mundo real...

E um mundo de aventuras aguarda nossos personagens, o que ensinará sua evolução para fazer frente aos desafios...

DICA PARA
LEITURA



P. H. ARAUJO, vive em São Paulo Brasil. Aficionado de carros e corridas, de repente passou a escrever livros. Sua primeira obra, em exibição na Amazon.com.br é a coleção VIAGENS A OUTRO MUNDO, em 4 volumes: OS INICIADOS, A GUERRA, A GANÂNCIA e A REBELIÃO, uma bela história de ficção/fantasia para todas as idades, com mensagens positivas, batalhas, romance e sistema evolutivo inédito, envolvendo até afetividade. Continua criando novas histórias para fruição de quem tem a sorte de usufruir de suas obras. A publicar, temos Os Peregrinos dos Universos, em 2 volumes e publicado pela Editora Viseu, este livro: Crônicas de Dreyva – A invocação de Darklord, também à venda na Amazon.com.br. Continua criando novas obras, para fruição dos novos leitores e dos que puderam usufruir das obras já publicadas.



PARA ADQUIRIR O LIVRO:
CLIQUE AQUI



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. XIV

E-BOOK

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME XIV

Ademir Pascale
organizador

Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui

Literatura

um mundo de possibilidades

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

O Gato de Botas



Citações de Grandes Autores





“Mesmo a noite mais
escura terminará e o sol
nascerá.”

Os Miseráveis –
Victor Hugo



“A esperança é a última
coisa que morre no
coração humano.”

A Divina Comédia –
Dante Alighieri

REVISTA
**CONEXÃO
LITERATURA**



Participe das nossas

Antologias

Tire o seu conto ou
poema da gaveta



Ademir Pascale
Editor

Saiba mais
CLIQUE AQUI



**ERA UMA VEZ...
UM POLACO**

POR CLARISSA MACHADO

“De novo e como sempre...
 não há perguntas mais urgentes
 do que as perguntas ingênuas.”
 (Wisława Szymborska)

Dawno, dawno temu, ou melhor: era uma vez, atrás de sete montanhas e de sete florestas, um polaco que sempre me advertiu: *mais nie que tak!*

Ah, quem é o Polaco? Bom, ele é um rapaz de ótima aparência, muito boa disposição e humor à moda Aleksandr Púchkin, motivo pelo qual algumas pessoas o chamam de “Púchkin”, o que poderia incomodá-lo terrivelmente, já que Púchkin era russo e não polonês. Contudo, tão excelente é seu ânimo e estado mental que, em lugar de reclamar (o que seria muito característico), simplesmente ri até se cansar. Fisicamente, ele é, como todos imaginam, aquele estereótipo a que estamos acostumados: um homem muito alto e forte, e que tem, nas minhas palavras, cabelos de sol e olhos de mar.

Voltando à advertência:

— *Nie, nie, nie.*

E como eu não entendia... Ele repetia:

— A bondade nem sempre está no *tak*, *kochana!* Diga *nie, nie, nie!*

E lá íamos nós...

— *Tak, tak, tak. (eu)*

— *Nie, nie, nie! (ele)*

E ele insistia:

— É preciso dizer mais *nie* e menos *tak* - mais *nie*, menos *tak* - minha “*syrenka morubixaba!*”

Syrenka morubixaba? De onde ele tirou isso?! Não faz o menor sentido. Mas... não adianta explicar. Ele diz que é um apelido especial e pronto. Nada a fazer. É, o Polaco é assim mesmo: o ser mais doce e gentil da face da terra. E também o mais cabeça-dura. A sua teimosia é desconcertante. Por vezes, irritante. Cheguei a dizer, em certa ocasião, que ele estava se tornando um grande *maruda*. É que quando ele coloca uma ideia na cabeça, ninguém consegue tirar, a não ser ele mesmo, depois de muito “murro em ponta de faca”, o que ele justifica com o ditado popular “*um polonês só é sábio depois que a besteira já foi feita*”.

Ele é um dos netos de Wisława Szymborska - assim ele diz porque assim se considera - e usa repetidamente o bordão “*cuidado com a utopia*”, não perdendo nunca a oportunidade de trazer à tona:

*“A ilha é desabitada,
e as tênues pegadas espalhadas por suas praias
levam, sem exceção, ao mar.”*

Dentre as inúmeras coisas incomuns que Polaco faz, uma foi-me chocante e inesquecível, por isso faço questão de comentar aqui. Quando ele soube o dia do meu aniversário [1 de fevereiro], telefonou na exata hora do meu nascimento e, após cantar a tradicional *sto lat*, revelou:

— No dia em que a minha avó morreu, você nasceu. Viu como são as coisas da vida: quando uma poeta vai, outra vem. É o destino.

Se o Polaco é uma figura? Sem sombra de dúvidas. Eu diria que ele é único e singular, mas único e singular na definição de Octavio Paz. Porque o Polaco é esse moço com cara de São João Paulo II, que se veste de branco e queria ser Papa. E que um dia, sei lá por qual motivo, olhou para mim no ônibus. E eu não consegui esboçar outra reação a não ser um sorriso sem graça (não posso dizer “amarelo” pois, como toda descendente de indígenas, tenho os dentes muito brancos). Não obstante meus modos “sem jeito”, como o meu olhar não conseguiu mudar o foco, ele caminhou na minha direção, sentou-se ao meu lado e algo muito similar ao que aconteceu no filme *Antes do Amanhecer* nos sucedeu. E foi como se eu tivesse entrado em outra dimensão e me senti dentro daquela *ilha onde tudo se esclarece...* Uma verdadeira utopia...

E como é o Polaco assim... *tête-à-tête*? Ele é um homem muito sincero, o mais sincero e verdadeiro que já conheci - a verdade doa a quem doer - é o que ele diz. O seu senso de justiça é aguçado e o de defesa ainda mais. É bem possível que ele padeça da síndrome do super-herói, o que para muita gente poderia ser muito negativo, e concordo que em muitas circunstâncias é; porém, no caso do Polaco, parece-me adorável a forma como se esforça para proteger a todos que ama, defendendo cada um com unhas e dentes. Ele, desde o primeiro dia em que eu o vi, me protegeu e até hoje me protege.

Francamente, na minha opinião, ele é o homem mais lindo do mundo, e não digo isso como se ele fosse um “deus grego”; digo porque ele tem o coração mais bonito da face da terra, é um homem de paz, cheio do Espírito Santo, que reza o Pai-Nosso três vezes ao dia (em polonês, naturalmente), lê o Diário de Santa Faustina Kowalska diariamente e, depois, passa horas lembrando a importância de cumprir o “mir, mir, mir” de Nossa Senhora - em uma quase homilia. Sob certos aspectos, ele é um homem que parece saído de um daqueles contos maravilhosos de Aleksander Chodzko; o que eu sei, eu sei, é bem difícil de acreditar. Um homem que contém luz nos olhos, uma luz que protege a gente de todo o mal, onde quer que a gente esteja, como o *oko proroka*, o olho do profeta.

E foi assim que, em um piscar de olhos, minha vida passou a girar ao redor dele. Quer dizer, mais ou menos. Se ele é minha estrela, meu satélite, meu farol, meu barco, meu timão e minha âncora? Sim, ele é. Ele é a tradução mais perfeita de *Byelobog*, e que, além de ser dotado do dom da palavra e ser capaz de proferir um incomparável número de

orações de memória, tem grande vocação para mentor espiritual e aconselha facilmente qualquer pessoa a partir da *Navalha de Occam*.

Porém, não se enganem, eu sempre fiz as coisas da minha cabeça. Nunca dei muita bola para o que o Polaco dizia e eu também ria de alguns sinais de alerta que ele acendia. Eu sou naturalmente muito implicante e, confesso, sinto uma satisfação indecifrável em desafiá-lo, o que nos tornou, durante muito tempo, uma espécie de Beatrice e Benedick, de *Muito Barulho por Nada*. Ele? Ria, como de costume. E me protegia constantemente, consertando todas as bobagens que eu fazia e contornando a minha imaturidade sempre que estava a seu alcance. Certificava-se, dia após dia, de que eu estava bem, acompanhando-me em tudo o que se pode imaginar, entregando-se e sacrificando-se para que eu me sentisse segura e confiante, e acima de tudo, oferecendo o seu tempo, a sua presença, a sua amizade incondicional e as músicas que inventava para alegrar meu dia.

O Polaco é, para mim, um Sandalfon e é quase um santo; aliás, ele sempre quis ser um, mas ele é apenas um ser humano e, como tal, não é tão santo assim. Ele pode ser bem obstinado, dramático e ácido, às vezes, e fazer piadinhas infames com a maior facilidade. Tende ao fanatismo quando ressentido e prefere o silêncio quando magoado. Um dia, quando menos se espera, ele se tranca em casa e dentro de si mesmo, reclamando, lamentando e esquecendo, ele mesmo, da *Navalha de Occam*. Inclinado às obsessões, ele substitui uma obsessão por outra e age de modo contrário às suas próprias pregações: ignora a voz da sua alma e deixa-se ser regido tão somente pela razão. Compreensível: ele é um homem das matemáticas, apaixonado por cubos mágicos e *puzzles*, e que um dia sonhou em ser astronauta. Um Papa astronauta, já imaginaram?

O que aposto que vocês jamais imaginaram é que, apesar da paixão pela geometria, ele é também um inspirado poeta, altamente versado em assuntos místicos e metafísicos, e um beletrista de mão-cheia, dono de dezenas de cadernos cheios de odes e devocionais, a maior parte envolvendo temas concernentes à matemática quântica e ao Cubo de Metatron.

E esse é o Polaco, senhoras e senhores. E aconteceu que, em um dia de profecia, eu descobri ser a sua alma predestinada. E ele se tornou meu destino, minha sina e minha sorte, por todas as eternidades de todas as eternidades. Destinados nos céus. Nada a fazer. Como isso foi acontecer?

[NO SÉCULO PASSADO]

No último eclipse solar do século, que poderia ter sido visto por todos se o céu não estivesse nublado, lá estávamos nós na fila do ônibus. Eu olhava para o céu, pensando que, ao menos, não estava chovendo e eu não precisaria abrir o guarda-chuva. Ter chovido poderia ter mudado tudo. Talvez eu não estivesse ali na fila daquele ônibus. Talvez ele não estivesse ali naquela mesma fila.

Era 11 de agosto, 20 graus, ano de *La Niña*, Touro alinhado com Aquário, tal qual escrito em uma profecia muito antiga - terra, ar, uma cruz cósmica no céu e um amor *bashert* se materializando na capital do Rio de Janeiro. Aquário alinhado com Touro tal qual escrito em todas as lendas e histórias de amor de todas as partes do universo, e eu só conseguia lembrar do capítulo final de *Velas Escarlates*, o meu conto feérico predileto:

“Há no mundo muitas palavras em diferentes línguas e diferentes dialetos, mas com todas elas não é possível transmitir, nem mesmo de longe, aquilo que eles disseram um ao outro naquele dia.”

Era 11 de agosto, havia nuvens no céu e eu, pela primeira vez, vi aquele que, por todos os séculos dos séculos, seria o meu irmãozinho de alma, o meu companheiro na fé, o meu *żiwug*. Ele, que um dia, sem mais nem menos, sussurrou *Kocham Cię* misturado ao “sou eu, me deixa entrar” da vó Szymborska e uma citação de *Velas Escarlates*, o seu livro favorito:

“Eu vim buscar aquela que espera e que poderia esperar somente por mim, pois não desejo ninguém além dela, talvez justamente porque, graças a ela, eu compreendi uma verdade descomplicada. Ela consiste em realizar com as próprias mãos os assim chamados milagres.”

E essa foi a primeira de muitas vezes que ele declamou de memória um trecho da obra de Aleksandr Grin, que, como ele, tinha ascendência polonesa.

Devo dizer, no entanto, e para ser bastante sincera, que uma das coisas mais sublimes que ele me disse e eu nunca mais pude tirar da cabeça foi sobre uma teoria que ele havia desenvolvido sobre os níveis de amor, que ele dividiu em: amor baixo e amor elevado, ambos alicerçados na obra de Jane Austen, especialmente em “Persuasão”. Ainda hoje, medito dia e noite em cada palavra dita por ele, naquela ocasião.

— Tenho certeza, *kochanie*, que, você como leitora voraz de Miss Austen, já sabe de tudo isto de trás para frente. E notou claramente que um amor como o de Elinor Dashwood e de Edward Ferrars, e o da senhorita Elliot e do Capitão Wentworth são exemplos perfeitos de amor elevado.

Eu:

“Não é o tempo, tampouco a oportunidade que determinam a intimidade; é tão somente a atitude. Sete anos seriam insuficientes para que algumas pessoas se conhecessem, e sete dias são mais do que suficientes para outras.”

Ele:

*“Devo falar contigo pelos meios que estão ao meu alcance.
Você penetra a minha alma.
Sou metade agonia, metade esperança.”*

[NO SÉCULO ATUAL]

Acordei às 4h40 sentindo cheiro de perfume polonês [que poderia ser *puredistance*, mas era sândalo] e juro que ouvi uma voz muito familiar dizer “*dziękuję*”. Esfreguei os olhos e respondi um tanto insegura: “*dobry dzień?*”.

Comecei a pensar, ainda de olhos fechados: será que o Polaco realmente existe? Ou tudo isso não terá passado de um sonho fantástico que tive na noite passada?

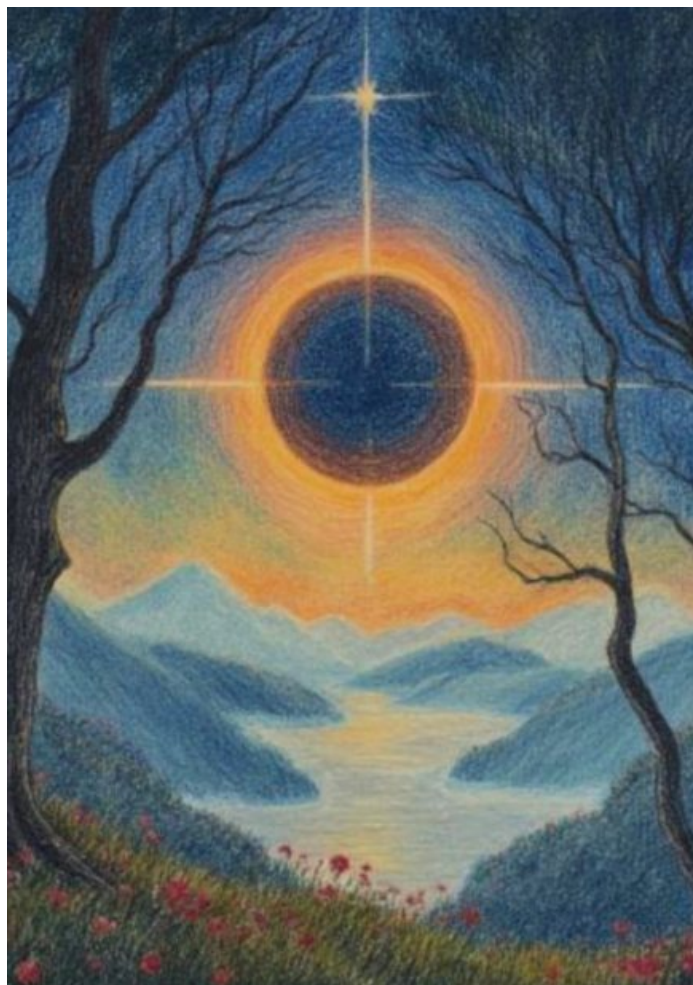
Polaco dos meus dias e das minhas noites... Como era mesmo que a vó Szymborska dizia... “*Sou eu, me deixa entrar. Não posso esperar dois mil séculos*”... Oh, Polaco dos meus sonhos... *I am thou, thou art I... [pacto de sangue]*.

Será que dormi de novo?

Dawno, dawno temu, ou melhor: era uma vez, atrás de sete montanhas e de sete florestas, uma voz que advertia: *cuidado com a utopia!*

Meu Deus! Seria tudo isso uma grande utopia?

{*mais nie, menos tak!*}



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Neurociências da Educação e Literaturas Brasileira e Inglesa. É Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário, da Cultura de Paz e do resgate dos saberes dos Povos Originários. É autora dos livros "Pelos Águas de São Lourenço", "Buen(os) Aire(s)", "São Lourenço, Cidade da Gente" e "A Voz de Nhá Chica".

DIVULGAÇÃO

PARA AUTORES!

PROMOVA SEU LIVRO E ALCANCE

MILHARES DE LEITORES!

*Quer aumentar a **visibilidade**
do seu **livro** e **conquistar** novos leitores?*

- ✓ Divulgação especializada para escritores
- ✓ Alcance **milhares** de leitores
- ✓ Promova seu livro por todo o Brasil

PACOTE DE DIVULGAÇÃO

APENAS

R\$ 180,00

ENTRE EM CONTATO AGORA!

E-MAIL:

ademir@divulgalivros.org

REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR





O BILHETE PREMIADO

POR IDICAMPOS

Alcinei, de origem humilde, correu bastante para enriquecer. Vendeu legumes na feira, trouxe muamba do Paraguai para negociar em Magé, rolou na areia sob o sol escaldante oferecendo mate na Praia de Ramos: levava a carcaça, insistentemente, ao sacrifício da alienação do trabalho.

Naquela manhã nublada, resolveu fazer as pazes com o barbeiro. Sentou na cadeira giratória, mandou reformar a face; precisava compor a autoestima por meio do visual. Tirou a barba, aparou o bigode e colocou os papos em dia com o cabeleireiro fofoqueiro.

Desconsolado com o destino implacável, chorou um rio de lágrimas ao lado do amigo da beleza. Cortou o cabelo tipo galinha-d'angola, deixando um montinho no topo da cabeça. Ficou lindo de matar as pessoas de susto.

Dali retornou ao lar, onde encontrou Rosalinda reclamando da geladeira vazia, dos filhos feios, da falta de religião do marido, do sofá rasgado, dos peidos do cônjuge e do ronco que não a deixava dormir direito à noite. Despejava no companheiro as suas frustrações de mulher pobre.

Bateram no portão de compensado da residência. A mal-humorada respondeu:

- Quem é?
- O carteiro!

Radiante, empolgada com aquela possível novidade, largou o refogado no fogão e atendeu de pronto:

- Carta para mim?
- Correspondência endereçada ao senhor Alcinei.

Assinou o recebimento, desconsolada, voltou aos afazeres domésticos, entregando a carta ao maridão. O interessado abriu logo e leu o conteúdo: a mensagem tratava de uma herança de um tio gay que falecera solitário.

Recebia, de mão beijada, um terreno na freguesia de Mauá, lá mesmo no município de Magé. A cara de Rosalinda mudou de roteiro: a vida agora ia em frente. O pedaço de terra encostava na areia da Praia de Mauá.

Alcinei limpou o carburador do Fusca 1980, lavou o automóvel, passou silicone líquido no painel, calibrou os pneus, colocou gasolina fiado no tanque. Estava satisfeito da vida com a novidade. Reuniu a família no Fuscão 1500; arrastaram os pneus carecas do possante pela estrada rumo ao Balneário de Mauá.

Em prazo inferior a uma hora, chegaram ao terreno na Praia de Mauá. Os três filhos, seguidos do cachorro, mergulharam na água salgada. Pareciam peixinhos de vala nadando no mar de lama.

Algum tempo depois, encardidos de lama preta, juntaram-se aos pais para conhecer a propriedade cedida pelo tio Bombom. Vasculharam tudo, encontrando o imóvel pendurado numa ladeira, em frente à saída principal do esgoto do distrito de Mauá.

A inclinação do terreno dificultava a entrada; entretanto, facilitava a saída: bastava escorregar. Rosalinda abandonou o sorriso e fuzilou os olhos em Alcinei. O olhar de soslaio dela revelava a frustração com aquele casamento sem futuro.

Retornaram ao lar aborrecidos, cada um para um lado na cama de casal. A madrugada corroborou a insônia de Alcinei: sentia-se o cocô do cavalo do bandido, um zero à esquerda, uma história de mau gosto.

Acordou cedo, comprou os pães, preparou um café ralo, saiu de mansinho, despencou no asfalto. Contava nove horas quando se apresentou ao trabalho, na Loteria Esportiva Trevo da Sorte. Apanhou os bilhetes dos jogos, fechou a rua com a visão, plantou na esquina a esperança de um mundo melhor. Ofereceu ao povo: corrida de cavalos, jogatina simples e bolão de oportunidades. Deslanchava o sonho hipotético.

No fim do expediente, encalhou um jogo só, com seis Algarismos Espectaculares. Munido da credence de jogador, escondeu a aposta embaixo da palmilha do tênis surrado. Caiu à esquerda, deparou-se com os amigos do copo, esqueceu as tristezas, embriagou-se; terminou o dia deitado com Rosalinda, arrotando bafo de álcool vencido.

O tempo disparou feito zebra doida. O chefe de família já ia embarcar na mesmice do cotidiano quando calçou o único par de tênis e sentiu um bolo de papel incomodando o joanete. Resgatou o incômodo e deparou-se com o bilhete entocado havia quase um mês, na companhia do chulé. Sorriu do inconveniente, mesmo desacreditado da sorte, conferiu os números: ganhou sozinho o prêmio milionário!

Fez boca de siri, arrumou uma sacola velha com duas mudas de roupa e mentiu descaradamente para a patroa:

— Rosalinda! Vou visitar meus pais em Japeri.

— Vai para os raios que te partam!

Apoiado na mentira contada à companheira, desembarcou na Central do Brasil com o bilhete premiado no bolso. Em seguida, resgatou o valor no banco, entrou na primeira loja de marcas famosas, vestiu-se de bacana e saiu do centro comercial bonito!

Instalou o esqueleto no Copacabana Palace, na suíte principal, cercado de mordomias. Quinze dias à frente, esqueceu da pobreza, passou a acender charutos com notas de dólar.

No paraíso da burguesia nacional, hospedado na Avenida Atlântica, parecia um rei. No entanto, a contradição de classes marcava presença no português de péssima qualidade do cidadão de Magé.

Os serviçais do hotel tratavam com desdém o novo-rico. Riam do traje cafona, dos dentes amarelados, da barriga volumosa típica de frequentador de pé-sujo, daquele jeito enrolado de hóspede deslocado do contexto refinado.

Na Praia de Copacabana, fazia a felicidade das garotas de programa. Trocava de mulher como quem muda de cueca, cada dia uma figura diferente. Arrasava na orla do calçadão de Copacabana, pagava a conta da rapaziada, aliciava com presentes a turma do futevôlei, conquistava amizades com o bolso farto.

Cansou da frescura do hotel, comprou uma cobertura na altura do Posto Cinco, com vários quartos e uma sala ampla. Nas dependências, havia mais banheiros do que pessoas presentes. Promovia festas de arromba, investia na aproximação com a elite carioca.

Passou do estudo do inglês ao domínio de inúmeras línguas. No verão, visitava a Europa; no inverno, boiava na Baía de Guanabara. Tinha empregados à beça; todavia, ainda contratava serviço extra nas festanças.

Tratou de reconstruir a imagem: afinou o nariz, modelou os músculos na academia, aplicou ácido hialurônico nos lábios; abandonou, por completo, o perfil de morador da Baixada Fluminense.

Em Magé, a família procurou o pai em Japeri, no Instituto Médico Legal, no presídio, no cemitério, no povo da rua, na roda dos viciados, em vários lugares. Rosalinda, a esposa, definhava de saudades; sentia falta até dos vômitos provocados pelo excesso de bebida do pinguço.

O ano velho despedia-se das dificuldades, das guerras perdidas, das frustrações da filosofia: distraía-se diante do maior rito de passagem do planeta. Os músicos afiavam os instrumentos no palco do Posto Dois, os quiosques enfeitavam as mesas e os ladrões confabulavam a estratégia para furtar os celulares dos turistas. Copacabana, na perspectiva de um mundo melhor, vestia roupa branca.

A recepção na cobertura de Alcinei ganhava a coluna social na mídia, mas o bufê continuava recrutando os últimos funcionários. Entre eles, contratava uma senhora de quarenta anos para lavar a louça e seu filho caçula como garçom.

Alcinei começou cedo, bebia como uma esponja, assim como perdia a compostura com drogas ilícitas. Antes da meia-noite, desmoronou no salão e por lá ficou estendido no chão. Os oportunistas sequer notaram a ausência do anfitrião; pisavam no corpo como se fosse um tapete de seda.

Estouraram os fogos de artifício, o passado arrumou as malas e partiu, abrindo espaço ao futuro... Em decorrência da bebedeira, uma madame quebrou uma taça cheia de champanhe francês.

A governanta solicitou a retirada dos cacos de cristal. A quarentona Rosalinda iniciou a faxina. Esbarrou no patrão desacordado, afogado na solidão. Recolheu-o à suíte e deixou um chá de boldo no quarto, com o objetivo de curar o porre do infeliz.

A ajudante de cozinha perdeu alguns minutos observando o milionário doidão. No entanto, não reconheceu o próprio marido devido às cirurgias plásticas. Movida pela

compaixão, teve pena do indivíduo. Afinal, a fortuna não lhe conferia a afeição de ninguém.

O sol mobilizou a criadagem para servir o café da manhã às figuras alcoolizadas, resistentes ao fim da última obrigação social com o ano anterior. Ingeriram incontáveis xícaras de café amargo e se retiraram, esquecendo-se de agradecer o acolhimento.

A administradora da cobertura agradeceu a realização do evento, efetuou os pagamentos, organizou a agenda de manutenção da área e dispensou os funcionários.

Às seis horas, Rosalinda, de braços dados com Anacleto, transpôs o umbral do barraco em Magé. Os batalhadores dormiram como pedras pesadas, acordando com os ponteiros sobrepostos, anunciando doze horas no relógio da parede.

Aos poucos, a mesa, tendo por banquete um frango de padaria, reunia a grande família, com a presença dos dois filhos já casados. Rosalinda, atenciosa, ensinava aos netos a evitar arrotos durante as refeições.

Contudo, a perplexidade invadiu a confraternização da família de Magé com o barulho do portão, denunciando a volta de Alcinei: rico, todavia pobre de espírito, encabulado, de nariz empinado, lentes de contato, corpo bombado e procurando palavras para justificar o seu desaparecimento...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

Conheça a ferramenta criada pela
Revista Conexão Literatura

que auxilia o autor e leitor a encontrar
com facilidade editoras brasileiras.



Encontre facilmente as
principais editoras do Brasil!

Acesse: www.revistaconexaoliteratura.com.br

PAI VITOR E VITINHO

POR IRACI J. MARIN



— Onde você estava?

Vitinho não respondeu.

— Eu fiz a aparição sozinho — retrucou o pai, Vitor. — Mas o susto que dei neles foi grande.

Vitinho permaneceu quieto.

— No próximo sábado, vou te levar... nem que seja à força.

Não precisou de força. Mesmo sem vontade, acompanhou o pai. Chegaram à encruzilhada e se esconderam no escuro. Quando ouviram um barulho, pai Vitor, todo branco, avolumou-se num corpo estranho e se atirou no meio da estrada, com os braços abertos. O cachorro parou, olhou para aquela figura disforme e começou a latir. Pai Vitor soltou uma risada estrondosa, tão forte que fez o cachorro desmaiar.

— Vitinho!

O filho continuava escondido no escuro.

Pouco tempo depois, ouviram uma algazarra vinda do outro lado da estrada. O pai se preparou para apavorar três bêbados que voltavam de uma festa. Ordenou:

— Vitinho, eu conto até três e vamos saltar juntos na frente deles.

Depois de uns instantes:

— Um... dois... três!

O pai saltou na frente dos homens, balançando-se todo. O susto foi enorme: cada um tomou um rumo diferente no meio das roças. Ele riu muito. O filho, no escuro, espiava.

— Por que não veio também? Tem vergonha de ser fantasma?

— Ân... Eu tenho preguiça.

— Mas não tem outro jeito. Você nunca vai deixar de ser fantasma. Tem que gostar do que é.

— Eu gosto do que sou, mas não de fazer o que tenho que fazer.

— Nossa existência só tem razão de ser naquilo que fazemos. Para se realizar como fantasma, tem que fantasmear.

— Eu não posso ressuscitar?

— Claro que não!

Vitinho baixou a cabeça, fechou os olhos e então se viu voando como um pássaro. Seu pai puxou-o pelo braço.

— Vamos...

— ãnh?

— Vamos assustar o padre.

— ãnh?

— Sempre foi o meu sonho...

Esperaram o padre sair da igreja, depois de fazer suas orações noturnas. Estava com o breviário na mão esquerda. Quando chegou ao jardim, pai Vitor saltou na frente dele, com os braços gesticulosos, fazendo um barulho de demônios. O padre parou, levantou o livro de orações e falou alto:

— Vade retro, sataná!

Ao mesmo tempo, fez o sinal da cruz contra o fantasma.

— Eu não sou o sataná, seu padre! — disse, rindo alto.

O padre não se apavorou. Passou por ele e entrou na casa canônica. Pai Vitor ficou desconcertado.

— Vitinho!

Não ouviu resposta, então foi à procura dele. Encontrou-o deitado perto de um muro. Vitinho sonhava que era um passarinho a voar por outros mundos.

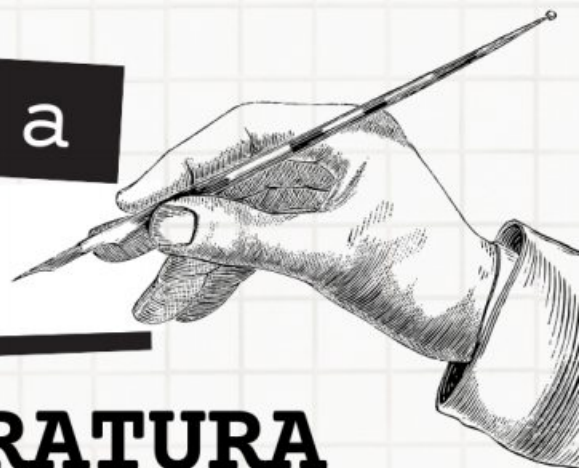


IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

2026

Patrocine a

REVISTA



CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores. etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgado no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

SAIBA COMO:



CLIQUE AQUI



www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR IVANA T. SOUZA

REDENÇÃO



Ainda não conhecia o amor. Tinha o coração imaculado, virgem, podia-se dizer, pois ainda não havia sido atingido pela flecha de Cupido, e seu coração jovial ignorava que belas flores também produzem frutos bem amargos.

Ela ia... ele vinha e, no cruzamento dos instantes, eram apenas mais dois entre tantos encontros casuais. Há quanto tempo se conheciam? Ela não sabia.

O tempo foi passando e algo começou a se insinuar em seu íntimo, mas nada que indicasse permanência. De início, não deu atenção à inquietação; afinal, encontravam-se quase todos os dias.

Mas, depois de algum tempo, não pôde mais ignorar o que sentia: era uma espécie de saudade sem origem, sem nome, sem justificativa, que a tomava por inteiro.

Não era tristeza, tampouco alegria, mas uma hesitação delicada, quase silenciosa, de quem ama sem saber que já está amando.

A partir de então, passou a existir em suspensões; às vezes lançava o olhar ao longe, sem nada ver, e permanecia imóvel, ausente de tudo, exceto de si mesma. Uma estátua erguida no território íntimo da própria inquietação. Estava confusa; confusa diante de uma ausência que, paradoxalmente, se fazia presença.

Até que, aos poucos, a incerteza se dissolveu e, no espaço mais íntimo de si, reconheceu: o que sentia era amor; amor, adoração. Então, saiu do nevoeiro da inquietação e mergulhou num estado de lucidez que a iluminou. A flecha de Cupido lhe atingira o coração. Sentiu o amor explodir no âmago, pleno, sim, porque plenitude também é explosão.

Agora sabia: ele habitava exatamente aquilo que nela era desejo. Do gesto mais leve à lágrima mais funda, ele era o “sim” verdadeiro diante de todos os altares possíveis. E, a cada novo encontro, ainda que casual, sentia o coração disparar, e o brilho no olhar já não era mais o mesmo; era como uma centelha divina. Então, desejou no fundo d’alma, que ele também a visse com outros olhos. Quem sabe um dia... pensava. O tempo foi passando e, cada vez mais se adensavam os seus sonhos de amor.

O amado passou a representar a mão firme na travessia incerta, o horizonte luminoso, o abrigo.

Mas eis que, entre o deslumbramento e a confusão, cometeu um erro silencioso: não se perguntou se, para ele, ela também significava tudo isso.

E não significava. Ela não habitava o seu desejo, não se inscrevia na sua escolha.

Ela era o “não”, discreto e definitivo, do mesmo altar onde dizia “sim”. E, ainda assim, o amava. Não era o seu horizonte, nem luz, nem abrigo. Para ele, ela era apenas uma presença em deslocamento, um corpo sensível condenado à mais delicada das invisibilidades: a de não existir no olhar de quem se ama.

Então, pela primeira vez, provou do fruto amargo da bela flor: o amor.

Desiludida, decidiu romper com o encanto, parar de sonhar; e, num gesto silencioso, matá-lo dentro de si.

Buscou por imperfeições, falhas, desvios que lhe permitissem desmontar a imagem do amado. Mas ele permanecia imune a todas as suas tentativas de desacralização. Esperou pela decepção como quem espera por salvação, mas ela não veio. Desejou o ódio, sua aspereza, sua libertação violenta, mas nem isso lhe foi concedido.

E, enquanto se consumia entre sentimentos que não se resolviam, ele permanecia sereno, inteiro — impassível diante do dragão em que ela lentamente se transformava. Um dragão triste, ferido não por batalha, mas por si mesma.

Diante da decepção, decidiu que nunca mais sua esperança seria decepcionada. Nunca mais.

E, numa noite sem alarde, escreveu uma despedida, selando um ciclo que nunca chegou a existir.

Fechou os olhos e, no limite entre o sonho e a redenção, aceitou: há amores que nascem inteiros e, ainda assim, jamais se cumprem.



Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Atualmente reside em Joinville - SC. Escreve contos, microcontos, poemas e poesias. É esperantista.

Contato: E-mail: ivana.souzat@gmail.com - Instagram: [ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)



O LUGAR DO AFETO

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

Novamente, abril começava com atropelos: alguns prazos a cumprir, ansiedade rotineira nos deslocamentos pela cidade grande, em busca da nem sempre atingível pontualidade nos compromissos.

Léa já estava acostumada — ou melhor, na verdade jamais se habituaria — à sua rotina de advogada autônoma, trabalhando sozinha em home office.

Há três anos, sua filha caçula, Eduarda, sofreu um acidente, lesionando a perna direita, durante um passeio escolar em um parque ecológico.

O que deveria ser resolvido com gesso e alguma fisioterapia evoluiu para cirurgia, com colocação de pinos, num processo lento e doloroso para a pequena, que contava com sete anos quando do infortúnio.

Como Léa vivia sob regime de semi-internato em um grande escritório, cujas metas e cobranças eram elevadas, não teve alternativa senão pedir demissão e readequar sua rotina, passando a trabalhar menos e nos horários disponíveis, quando não precisava acompanhar a filha nas diversas terapias e atividades que se fizeram necessárias.

Lembrou-se do carinho do marido, Adriano, dizendo para ficar tranquila, pois daria conta de tudo.

Léa sabia que o negócio do esposo se equilibrava com alguma dificuldade. Dono de um comércio de venda de ração e acessórios para cães e gatos, enfrentava a concorrência de grandes lojas, acessíveis a poucos quilômetros de carro, no próprio bairro onde se situava o estabelecimento.

Animais eram a paixão dele, cuja formação era na área veterinária. Embora possuísse clientela fixa, os custos dos produtos e, de resto, tudo o que era indispensável à manutenção do estabelecimento subiam mês a mês, e nem sempre havia lucro palpável.

O plano de saúde dos filhos era empresarial, vinculado ao CNPJ do estabelecimento de Adriano. Paulatinamente, as terapias incluídas iam diminuindo, seja pela indisponibilidade de horários, seja pela localização das clínicas. Assim, as aulas de natação e as sessões de fisioterapia da pequena Duda passaram a ser custeadas pelo casal.

Embora a decisão tenha sido difícil, na realidade Léa já estava farta do excesso de trabalho, da correria de sua rotina, da cobrança constante dos superiores, da falta de polidez de alguns clientes e, acima de tudo, de ter a mente povoada por inúmeras preocupações com processos e partes que, muitas vezes, nem ouviam suas orientações.

Não raras vezes, acordava de madrugada, sobressaltada, dizendo em voz alta: — Meu Deus, esqueci o prazo!

Adriano despertava e, com os olhos sonolentos, esboçava um meio sorriso: — Não foi dessa vez, amor. Volta a dormir.

Se, num primeiro momento, a decisão lhe trouxe insegurança, principalmente pela perda do salário fixo, com o passar dos dias foi experimentando uma sensação de calma.

Sabia que era estudiosa, competente e possuía bom nome entre os profissionais de sua área de atuação. Não iria esmorecer. Conhecia seu valor e, principalmente, tinha consciência de que, naquele momento, estar disponível para auxiliar na recuperação da filha pequena era a prioridade. A seu tempo, as coisas evoluiriam, pois nunca teve medo de responsabilidades.

E assim aconteceu, com o transcorrer dos meses. Léa se organizou e estimulou sua Duda a fazer o necessário à recuperação, o que ocorreu sem maiores dificuldades, felizmente.

Divagando sobre esse estado de coisas, olhou-se no espelho do banheiro após pentear os cabelos:

— É... às vezes a vida nos apresenta desafios sem os quais jamais nos arriscaríamos a fazer mudanças... Verdade.

Foi quando o marido a abraçou pelas costas, de súbito.

— Nossa, Dri, nem vi que você estava aí! — disse, sorrindo, olhando-o pelo espelho.

— Eu não podia perder a chance de abraçar minha mulher quando ela conversa consigo mesma no espelho!

Ambos riram juntos, com gosto.

Eram esses momentos que davam sentido à sua vida. Despretensiosos. Mágicos. Tantos anos juntos, e ainda sentia alegria ao ver o sorriso dele. Quando acontecia algo negativo em sua rotina, mal via a hora de chegar em casa para conversarem após o jantar, com as crianças já encaminhadas para as atividades que antecediam o sono, nos horários forçosamente limitados para televisão, videogame e internet.

O lugar do afeto em sua vida eram aquelas pessoas: o companheiro que felizmente encontrou e cuja importância nunca deixou de reconhecer ao longo dos anos.

Sim, as coisas se transformam. Todos mudam. Mas Léa percebia o vazio na rotina de casais amigos, aparentemente ajustados, com sorrisos estéticos e pouco convincentes nas fotografias de eventos festivos.

Muitos deles — talvez a maioria — conviviam forçosamente em razão do patrimônio, para evitar sua divisão ou redução. Padrão de vida, custos, aparências. Os filhos eram mencionados, porém pouco vistos pelos pais: tornavam-se apenas itens na lista de prós e contras de um eventual divórcio.

Viver com verdade. Sempre foi esse o desafio de sua vida, e Adriano não pensava diferente. Ele havia crescido em um lar sem afeto, com pais soturnos e solitários, intelectualizados, excessivamente racionais. Abraços, beijos e declarações de amor eram vistos como comportamentos espalhafatosos, indesejáveis e até mesmo piegas.

Quando escolheu a faculdade de Medicina Veterinária, por amar os animais, foi duramente criticado pelos pais:

— Veterinário? Sério isso? Vai cuidar de cachorrinho de madame? Não foi para isso que te criei e gastei horrores com sua educação!

Adriano sempre se recordava da frase dita pelo pai, o médico Dr. Eleutério, rígido e presunçoso — um ótimo cirurgião, não obstante o ego inflado.

Léa sabia que amar é respeitar a individualidade alheia. Não significa apregoar irresponsabilidade ou isenção de deveres, nem ignorar a necessidade de arcar com as consequências das próprias escolhas, pois nem tudo se resume ao prazer pessoal. Trata-se de dizer: “estou aqui”, mas compreender que a decisão sobre o caminho a trilhar sempre será do outro.

Brigas e divergências, poucas, existiram e poderiam existir, claro. Mas a capacidade de compreender o outro, de respeitar o espaço e o tempo de cada membro da família para se recompor, refletir ou simplesmente descansar, sempre atuava de forma positiva, permitindo que o diálogo entre o casal e entre eles e os filhos acontecesse naturalmente.

Sem traumas. Sem pessoas perfeitas. Apenas humanas, conscientes de que, no fim das contas, o verdadeiro lar está onde se encontram aqueles que amamos e que nos amam.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ESCRITOR(A)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



FAÇA PARTE
DE UMA DAS MAIORES
REVISTAS LITERÁRIAS
INDEPENDENTES
DO BRASIL!



CONTOS

Aceitamos contos de diversos gêneros.

Até 4 páginas:

R\$ 70,00.

Envie o seu arquivo em Word.



CRÔNICAS, ARTIGOS, RESENHAS ETC

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc.

Até 4 páginas em Word:

R\$ 70,00 (custo para o autor).

Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail:

ademir@divulgalivros.org



POEMAS

Poemas com até 4 páginas:

R\$ 70,00.

Envie o seu arquivo em Word.



MAIS DE
110 EDIÇÕES
PUBLICADAS



MAIS DE
1 MILHÃO
DE SEGUIDORES



CENTENAS DE
AUTORES DIVULGADOS
E NOVOS LEITORES
ALCANÇADOS

SOBRE A PUBLICAÇÃO

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura.

Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem, mas temos todo o trabalho na diagramação dos textos, arte, divulgação, etc.



NÃO PERCA TEMPO:

encaminhe o seu texto para o editor
Ademir Pascale

E-mail: ademir@divulgalivros.org



www.revistaconexaoliteratura.com.br

LITERATURA | CULTURA | LEITURA | CONEXÃO



REVISTA
CONEXÃO
LITERATURA



CAÇADOR DE SACIS

POR NEY ALENCAR

O menino separou a peneira pintada com uma cruz vermelha no topo e pegou, com cuidado, um vidro escuro que estava sobre a mesa.

Parou diante da janela, olhou para fora, onde o vento balançava as árvores nuas, e depois olhou para a mãe, que cuidava das panelas no novo fogão eletrônico com inteligência interativa, sem se virar.

— Mãe, vou caçar sacis! — disse, com naturalidade.

A mãe nem respondeu nem se mexeu. O feijão finalmente estava quase pronto.

— Mãe, vou caçar sacis! — repetiu o pequeno, juntando seus objetos em uma trouxinha.

Ela continuou sem reagir. Estava distraída com as panelas. Aquele novo fogão elétrico com inteligência artificial lhe fazia passar poucas e boas. Tinha que fazer tudo manualmente desta vez.

No dia anterior, havia queimado o feijão e empapado o arroz; o bife ficara quase cru. As receitas do cardápio eram todas europeias ou americanas — estrangeiras, sem nenhum sentido prático e, pior, sem noção alguma de culinária brasileira. Insossas.

Deu-se conta do silêncio aos poucos. Olhou ao redor e não viu o filho. Uma corrente de ar arrepiou sua nuca.

A porta aberta dizia tudo. Ele tinha burlado a senha de novo.

Correu para fora, sem prestar atenção em nada.

Lá fora, a rua estava vazia. A poeira esbranquiçada que caía em flocos do céu tornava tudo ainda mais cinzento. Eram os bombardeios matinais — a rotina acabava com tudo.

Devia estar no quintal. Deu a volta na casa e olhou o tronco da grande mangueira, nu, e a grama queimada coberta de fuligem.

A figura pequenina estava escondida atrás do grande bujão de oxigênio vazio no canto da casa. Era a segunda vez naquela semana.

A cabecinha permanecia imóvel, voltada para o quintal aberto, onde o vento insistia em rodopiar a poeira esbranquiçada que caía devagar. Penetrante.

Ela correu e o abraçou com força.

— Meu filho! Que susto você me deu! — apertava-o contra o peito, comovida.

Ele tentou se soltar daquele abraço apertado.

— Me deixa, mãe... o saci já vai aparecer... se não, ele não vem... — a voz era ansiosa, urgente.

Ela não o soltou.

— Seu bobinho... o saci não vem hoje.

— Vem sim! O Curupira me garantiu que vem! — insistiu, aflito.

— Não vem, meu amor.

O menino se debatia, tentando escapar dos braços maternos.

— Vamos entrar, está ficando tarde — disse ela, num tom conciliador. — Se você ficar quietinho, eu peço para o papai trazer um cachorrinho pra você.

Ele parou e olhou para o rosto dela, os olhos brilhando.

— Daquele último modelo que saiu? Com banco de jogos interativo?

— Sim — respondeu ela, colocando-o para dentro e trancando a porta com uma nova senha de vinte dígitos e bloqueio ocular.

Depois pensou melhor, abriu um pequeno painel nas costas do menino que ainda se debatia e retirou a bateria. Ele ficou imóvel.

Ela voltou-se para o fogão e sentiu o cheiro de queimado.

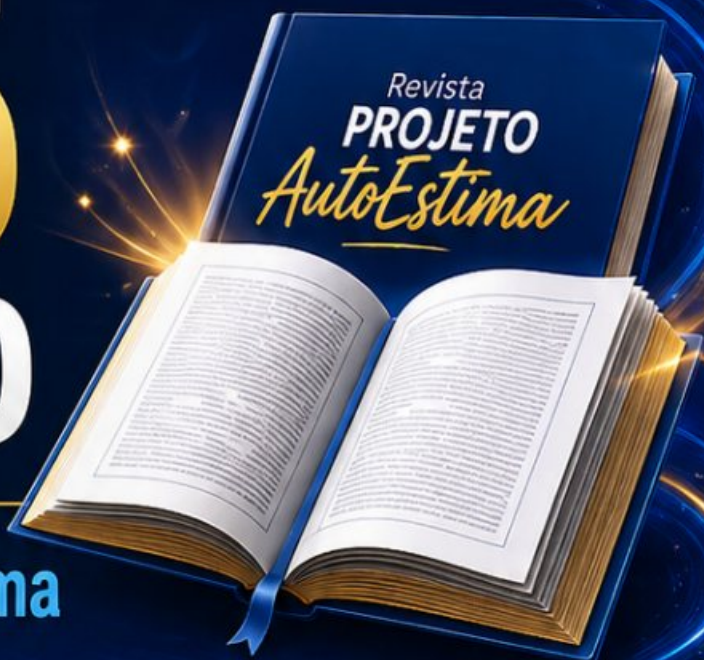
Era tarde demais para salvar o feijão.



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

DIVULGUE O SEU **LIVRO** OU TEXTO

NA
Revista Projeto AutoEstima



Entrevista:

Entrevista Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

R\$ 200,00



Texto:

R\$ 80,00



Poema até 2 páginas:

R\$ 80,00



Conto ou crônica até 4 páginas:

R\$ 80,00

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:



<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit>

Revista
PROJETO
AutoEstima



<https://revistaprojetoautoestima.com.br>



POR TRÁS DO ALVORECER

POR ROBERTO SCHIMA

Era uma noite tranquila.

A Lua, numa fina tiara crescente, brilhava silenciosa em meio às estrelas.

A mocinha caminhava animada como sempre, apesar do cansaço. As aulas haviam sido particularmente monótonas, mas não seria isso que iria minar o que lhe restava de vitalidade. Agora, só pensava no jantar quentinho, pois sabia que a mãe fritara bife à milanesa, mistura de que ela gostava de paixão. Só rezava para que um dos irmãos não tivesse comido toda a casquinha crocante, como às vezes fazia; caso contrário, iria levar uns belos cascudos.

Deixou seus dedos delicados tocarem o arbusto do jardim de uma casa como se, através de uma leitura em braille, pudesse decifrar seus segredos de clorofila. Sentia-se aliviada e contente. Ademais, estava certa de que aquele garoto da escola iria pedir-lhe em namoro. O que mais poderia desejar? De supetão, resolveu cortar caminho por uma viela.

Quando estava prestes a emergir na outra extremidade, de súbito, uma sombra mais negra do que a noite desabou sobre ela.

A Lua, as estrelas e a iluminação dos postes apagaram-se.

Mal conseguiu emitir um gemido. Seu corpo jovem foi aprisionado por membros de aço. Respirar tornou-se difícil. Seus cabelos foram puxados para trás, expondo a fragilidade do pescoço.

O vampiro cravou suas presas.

Caninos longos e aguçados mergulharam na carne tenra e aveludada. O sangue morno esguichou para dentro de sua boca, e ele engoliu avidamente. Inflamado pela fome e pelo desejo, suas mãos exploraram todos os contornos da infeliz estudante.

Inalou o perfume medíocre, tornado requintado por vir dela. Era delicioso e despertava memórias antigas, de uma outra vida ou, simplesmente, da vida. Inebriado, deixou-se tocar e sufocar pela maciez daqueles cabelos: longos, cor de palha, ondulados feito um campo de feno. Manteve o corpo dela grudado ao seu, como se nada mais importasse no mundo.

As duas senhoras de lenço na cabeça passavam do outro lado da rua. Seus trajes eram discretos: camisas de mangas compridas, saias alguns centímetros abaixo dos joelhos, meias altas e sapatos de salto baixo. Caminhavam juntas, de braços dados e, ao avistarem o que julgaram ser um casal enamorado atracando-se na penumbra, aceleraram seus passos, indignadas.

— Ultrajante darem um espetáculo desse em público! — resmungou uma delas, inflada de moral e pudor. — Nada de autoridade por perto quando se faz necessária.

— Vergonhoso, querida — concordou a outra, nariz empinado. — Vergonhoso...

Onde esse mundo iria parar? Os bons costumes tornavam-se coisas do passado. O presente e o futuro só faziam vislumbrar premonições de mau agouro.

E a dupla seguiu seu caminho, ignorante da terrível verdade. Afinal de contas, para elas, tudo o que importava era imaginar o tremor de seus corpos despidos e entrelaçados, logo mais, sob a maciez das cobertas.

Havia muito sangue naquele corpo, porém o vampiro sorveu um último trago do vinho escarlate, satisfeito. Limpou a mancha de sangue de seus lábios na blusa da vítima. Quase podia sentir o calor brotar em suas faces, mas era o efeito do sangue dela, ainda quente, sob sua pele; isso tornava a metáfora do vinho mais autêntica, não obstante trouxesse uma pontada de frustração.

Ah, o êxtase! Fora como saborear um pêsego maduro, suculento e adocicado sob a brisa do alvorecer. Quisera que tal sensação durasse a eternidade de sua existência.

Entretanto, tal qual um narcótico, o efeito passava rápido. E ele bem o sabia: não havia mais aurora em sua própria vida, tampouco doçura. Sequer a seiva circulava em suas veias, pois, enquanto vampiro, era tão somente uma casca vazia, uma sinistra caricatura; mero receptáculo maldito de uma sede que sangue algum conseguiria saciar.

Sentira o estertor daquele corpo em seus braços. O esvair de uma vida inocente, precocemente tomada.

A atenção do vampiro, cujo rosto era tão pálido quanto o luar, voltou-se para a jovem.

Aqueles olhos, os cílios longos, o contorno delicado do nariz, as linhas suaves daquela boca, a força e a beleza inerentes à juventude que dispensava maquiagem...

... um desperdício.

Ela cruzara irremediavelmente a tênue fronteira entre as margens do Estige: estava morta.

Melancolia foi escrita em rugas sobre a fisionomia torturada do vampiro.

Um sudário despejou-se pesado sobre o luar em seus olhos.

O mel antes apreciado transformou-se em fel.

E ele murmurou para as estrelas:

— Meu Deus...

Sua voz vinha de uma caverna escura, um poço sem fundo, um precipício.

E era estranho ouvir uma entidade da noite, da umidade de sepulturas violadas, pronunciar o nome sagrado do Senhor. Certamente, um resquício fossilizado de sua humanidade perdida.

— Deus... — repetiu, num misto de espanto, repugnância e prece. — Tu eras bela, tão bela e morna quanto o último raiar da primavera. Oh, linda donzela, momentos atrás caminhavas através de ruas serenas e quase vazias, ensombrecidas por edificações tão antigas quanto eu. Tuas sandálias de couro, em passos faceiros, produziam uma sonoridade seca nos calçamentos de pedra onde, em minha época, carroças trafegaram, carregando minério do interior para um porto que agora não mais existe. Por que te atreveste a seguir pela viela sombria? Por que nossos caminhos se cruzaram? Ah, mocinha ingênua e cheia de encanto! Abreviaste teu destino sob a escuridão de minha voracidade...

Em verdade, o vampiro observava-a fazia várias noites. Até então, relutara em assaltá-la. E, por acompanhá-la, ouvira-lhe o nome, cuja pronúncia desfilou em seus lábios:

— Bianca...

A jovem cumpria uma rotina de volta da escola como um relógio. Despedia-se das amigas e de um pretendente a namorado e seguia seu caminho de quase meia hora até uma casa que, embora rústica e humilde, era rica de vida e do afeto de seus familiares.

"Era..."

A criatura das trevas, a princípio, pretendia atacá-la na primeira oportunidade. Sedento, estivera prestes a saltar sobre ela em sua habitual irracionalidade sanguínea. Contudo, no último momento, algo o detivera e despertara dentro de si. Atentara aos jeitos e trejeitos de Bianca; à maneira como as mãos dela brincavam com as flores no caminho, tateavam pelos muros, acenavam para os gatos e as mariposas. E, noite após noite, o vampiro pusera-se a admirá-la como se vislumbrasse um eco distante, uma memória empoeirada, um reflexo tardio do que um dia ele fora e que, para sempre, havia perdido.

E, naquele canto escuro, ele prosseguiu a falar. Não se saberia dizer se para si mesmo ou para o cadáver em seus braços.

— A humanidade um dia habitou o meu corpo. Sangue quente circulou em minhas artérias. O vento da manhã fustigou meus cabelos. Meu rosto aqueceu-se ao sol no alto do Morro do Perdão. Corri pelos campos. Ri muito entre os meus. Sonhei sonhos de expectativa e esperança. E amei — sim, eu amei — uma jovem tão bela quanto... quanto tu.

Estremeceu.

Tudo se perdera em uma noite tão estrelada quanto a que ora via. Uma noite silenciosa, nem quente nem fria, de ansiedade, angústia, desapontamento e raiva.

O silêncio migrara para um grito mudo.
A tepidez cedera lugar ao frio da morte.
A tranquilidade abandonara sua alma.

Aquela moça trouxera-lhe de volta o clamor do jovem que um dia fora, da ânsia pela vida que carregara dentro de si, da paixão desenfreada transmitida em tudo aquilo que vira, sentira e fizera. E, sobretudo, falara-lhe da esperança de, um dia, voltar a enamorar-se de alguém tão alegre, bela e meiga quanto ela.

Todavia, em sua loucura de vampiro, supôs que, ao ceder a seus instintos e sugar o sangue de Bianca, parte da vida que ela carregava — da juventude, da felicidade e da primavera — poderia migrar para ele. E, assim ocorrendo, ele tornaria a sentir o calor que jamais voltara a se espalhar sobre o seu corpo.

Porém, enquanto arremedo de ser humano, viu frustrar-se sua diabólica pretensão.

O sangue dela em seu corpo rapidamente esfriou.
A ilusão de calor fugiu-lhe das faces.
O odor de morte realçou-se.

— Ah, mulher! Em vez do fluir da vida, senti a vida partir de teu corpo. Tua tez morena cedeu lugar à alvura de uma taça vazia. Bianca Bianca! O som de teu sorriso calou-se num gemido abafado de pavor infinito. A beleza que eu procurava cedeu lugar ao reflexo de meu próprio horror. Eu, que buscava retalhos de minha alma, limitei-me a arrancar a tua e arremessá-la ao Hades... Maldito desgraçado que eu sou!

Estremeceu.

Mortificado e arrependido, depositou o corpo da mulher no calçamento de pedras. Afagou-lhe os cabelos com suas mãos geladas e impuras de cadáver redivivo. Tocou-lhe o rosto ainda morno, cujo calor esvaía-se rapidamente.

Não tardaria a alguém estranhar sua ausência.
Talvez a mãe ensaiasse uma bronca sobre a janta que esfriara.
Talvez os irmãos comentassem sobre a irmã ficar batendo papo tarde da noite.
Talvez o pai, enciumado, cogitasse ter uma conversa de homem com um possível namorado.

Em breve, todos chorariam sua perda. Veriam destroçados seus sonhos, suas esperanças e a ilusão da indestrutível unidade familiar.

A abominação que o vampiro tentara sufocar dentro de si espelhava-se agora ali, no solo.

— Deus... — disse pela terceira vez.

Porém, Deus recusava-se a ouvi-lo.

Ele teria chorado se lágrimas pudessem brotar de seus olhos. Contudo, lágrimas eram uma dádiva reservada aos vivos. E estes tanto podiam entristecer-se pelo outono das coisas quanto alegrar-se perante a gênese de um verão.

Não havia respostas às suas inumeráveis perguntas.

Restou somente o derradeiro ato daquela peça sem holofotes: um réquiem.

"Não te deixarei transformar-te na caricatura que procurei arrancar de dentro de mim."

Apanhou um pedaço de madeira nas proximidades, fez dele uma estaca e, sem dar tempo ao pensamento, cravou-a no coração de Bianca. Depois, levou o corpo para o interior de uma mata próxima e atirou-o em um vão entre os rochedos. Ouviu o som surdo ao atingir o fundo, ao mesmo tempo em que inalava os últimos traços de seu perfume.

Deixou-se, então, ficar por um instante naquele lugar de morte.

Poucas estrelas eram visíveis através das árvores.

Não havia ruídos de grilos, sapos ou corujas.

Apenas o tormento gritava dentro de si.

Cerrou as pálpebras e, a seu modo, orou como nunca o fizera enquanto vivo. A seguir, no vazio de sua mente, viajou por regiões e tempos distantes, quando ainda compreendia o significado da felicidade.

Decidiu-se, enfim.

O vampiro tornou a abrir os olhos e retornou para um mundo ao qual não mais pertencia, um mundo que não mais queria.

Resoluto, saiu da floresta, retornou à cidade e caminhou pelas ruas frias e escuras.

Cachorros sem dono fugiram ante sua passagem, enxergando, através de sentidos apurados, aquilo que olhos humanos recusavam-se a ver. Gatos emitiram miados longos e angustiados.

De dentro de uma casa de alto padrão, a mulher suada — já sem lenço na cabeça — sobressaltou-se:

— Raios! — lamentou. — Eu estava quase chegando lá.

— Não importa — respondeu a outra senhora, enfiando a língua na orelha dela. — Temos a madrugada toda pela frente.

E beijaram-se num duelar de línguas, enquanto suas mãos ávidas e despudoradas voltaram a acariciar-se mutuamente, a esfregar-se no corpo da outra e a umedecer-se de prazer.

Gemeram no coral da luxúria.

Em seguida, mais distante, outro felino soltou um miado semelhante ao de cio.

— Ga-gato do inferno — balbuciou a primeira. — Oh!... Não pare, por favor... Não pare!

O vampiro subiu por ruas estreitas, atravessou uma avenida, cruzou uma praça e, finalmente, saiu para o campo aberto em um planalto.

Diante dele, destacava-se aquele monte: o Morro do Perdão. O porquê desse nome perdera-se na memória.

Subiu a encosta íngreme de granito e arenito, conforme séculos antes fizera.

Já no topo, encostou-se no mesmo rochedo junto ao qual, um dia, declarara-se à moça de sua adoração.

— Estás louco? — dissera ela. — Nem em mil anos!

— Julguei que me amavas...

— Amor? Só te acompanhei porque prometeste-me uma joia.

E ela rira seu desprezo incontido.

Diante da chacota da mulher, a paixão transformada em fúria levou-o, então mortal, a lançá-la do alto às pedras embaixo. Em seguida, desvairado, tomara o rumo da estalagem por caminhos errantes, mas, a exemplo de Bianca, fora interceptado por sua nêmesis na forma de vampiro.

Havia a umidade do matagal.

A Lua em tiara subia no horizonte.

O vento frio bateu contra seu rosto.

— Cá retorno para os meus fantasmas, como no passado remoto. Aqui tornarei a aguardar, esperançoso, pelo calor e pela luz a iluminar meu rosto. Ainda que a estrada mostre-se gélida e imersa na penumbra, seguirei em frente. Não temerei o temível. Não fraquejarei diante da fraqueza. Cruzarei a última ponte sob os primeiros raios da manhã e, assim, abreviarei meu destino em cinzas, conforme fiz com o de Bianca... Oh, Bianca!

De repente, um meteoro riscou brevemente o céu.

Uma forte lufada de ar fustigou suas faces.

E, no zênite, uma estrela cintilou.

Então, sim, ele soube:

Sua prece fora ouvida.

Sua redenção fora concedida.

No Morro do Perdão, o perdão fora dado.

A angústia abandonou seu ser e, na serenidade de seu semblante, ele esperou.

Prisioneiro perpétuo de sua maldição, o vampiro pôs-se a aguardar por sua
derradeira liberdade:
a paz definitiva que haveria de encontrá-lo ao romper do alvorecer.

NOTA DO AUTOR:

Conto publicado originalmente na antologia "Insólito" (Edições Cavalo Café, 2020), organizada por Maurício Coelho.

<https://www.skoob.com.br/pt/book/1117717?title=insolito>

SOBRE ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e vinte e uma antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
COLEÇÃO

CAROLINA MARIA DE JESUS

1914-1977

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora e poetisa brasileira, conhecida por sua vida de extrema pobreza e por retratar a dura realidade das favelas. Seu livro mais famoso, "Quarto de Despejo" (1960), é um diário que revela o cotidiano difícil que enfrentou como catadora de papel e mãe solo em São Paulo.

Carolina, que viveu por muito tempo na favela do Canindé, tinha uma escrita vivida e franca. Sua obra foi traduzida para mais de 10 idiomas, trazendo atenção internacional para as condições dos moradores de favela no Brasil.

Hoje, ela é lembrada como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA
COLEÇÃO

CLARICE LISPECTOR

1920-1977

Clarice Lispector foi uma renomada escritora e jornalista brasileira, conhecida por sua escrita incrível e inovadora. Nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira, sua obra é marcada pelo mergulho no universo íntimo e psicológico das personagens..

Seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem* (1943), foi um marco nas letras brasileiras. Clarice escreveu romances, contos e crônicas que exploram temas como a existência, o feminino e a alienação.

Clarice é lembrada como uma das mais importantes autoras da literatura brasileira, sendo traduzida para diversos idiomas.



BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES

Explore conteúdos inspiradores com entrevistas exclusivas, contos, crônicas, poemas e dicas para leitura.



CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

Artigos, entrevistas e criações literárias



VARIEDADE LITERÁRIA

Contos, crônicas e poemas



DICAS PARA LEITURA

Sugestões de livros e autores



DOWNLOAD



ACESSE E BAIXE GRATUITAMENTE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



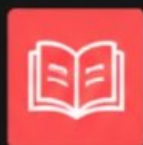
AMOR PELOS LIVROS

“

LIVROS
CONECTAM IDEIAS.
NÓS CONECTAMOS
LEITORES E HISTÓRIAS.

MÍDIA KIT 2026

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

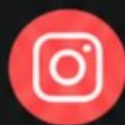
Um espaço dedicado à literatura em todas as suas formas.

Publicamos contos, crônicas, poemas, entrevistas, resenhas e artigos que inspiram, informam e transformam.

ESTATÍSTICAS QUE CONECTAM



+802 MIL
seguidores no
FACEBOOK



+295 MIL
seguidores no
INSTAGRAM



+5 MILHÕES
de acessos em nosso
SITE



ANUNCIE COM QUEM FALA COM LEITORES!

Divulgue nas edições da nossa revista e conecte sua marca a um público apaixonado por leitura.



E-mail:
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br



Site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

ACESSE O QR CODE
E CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



MÍDIA KIT 2026



OPÇÕES PARA DIVULGAÇÃO



Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço nas edições e redes sociais da Revista Conexão Literatura.

TENHO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

 e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale


OPÇÃO

1



DIVULGAÇÃO DE AUTOR/LIVRO

Entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores.

 CUSTO: Brasil= R\$ 180,00 • Portugal= € 37



OPÇÃO


2



ANÚNCIO – 1/ PÁGINA (INTERNA)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 1 edição da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

 CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 • Portugal= € 60



OPÇÃO


3



ANÚNCIO – 1. PÁGINA (INTERNA) (EM 6 EDIÇÕES)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 6 edições da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

 CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 • Portugal= € 300



OPÇÃO


4



BANNER CLICÁVEL (SITE)

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

 CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 • Portugal= € 80



OPÇÃO


5



CAPA DO LIVRO / PRODUTO / NOTÍCIA

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

 CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 • Portugal= € 100




OPÇÃO

6



CAPA DA REVISTA + ENTREVISTA (DESTAQUE)

Seja capa da nossa revista. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site.

 CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 • Portugal= € 370



PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:
e-mail: ademir@divulgalivros.org • c/ Ademir Pascale



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



NO AR

DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
todo dia 1º de cada mês


MENSAGEM DO EDITOR



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE
QUALQUER VALOR:

CLIQUE AQUI 



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

CLIQUE AQUI 



ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Facebook
@conexaoliteratura



Instagram
@revistaconexaoliteratura



Youtube
@conexaonerd